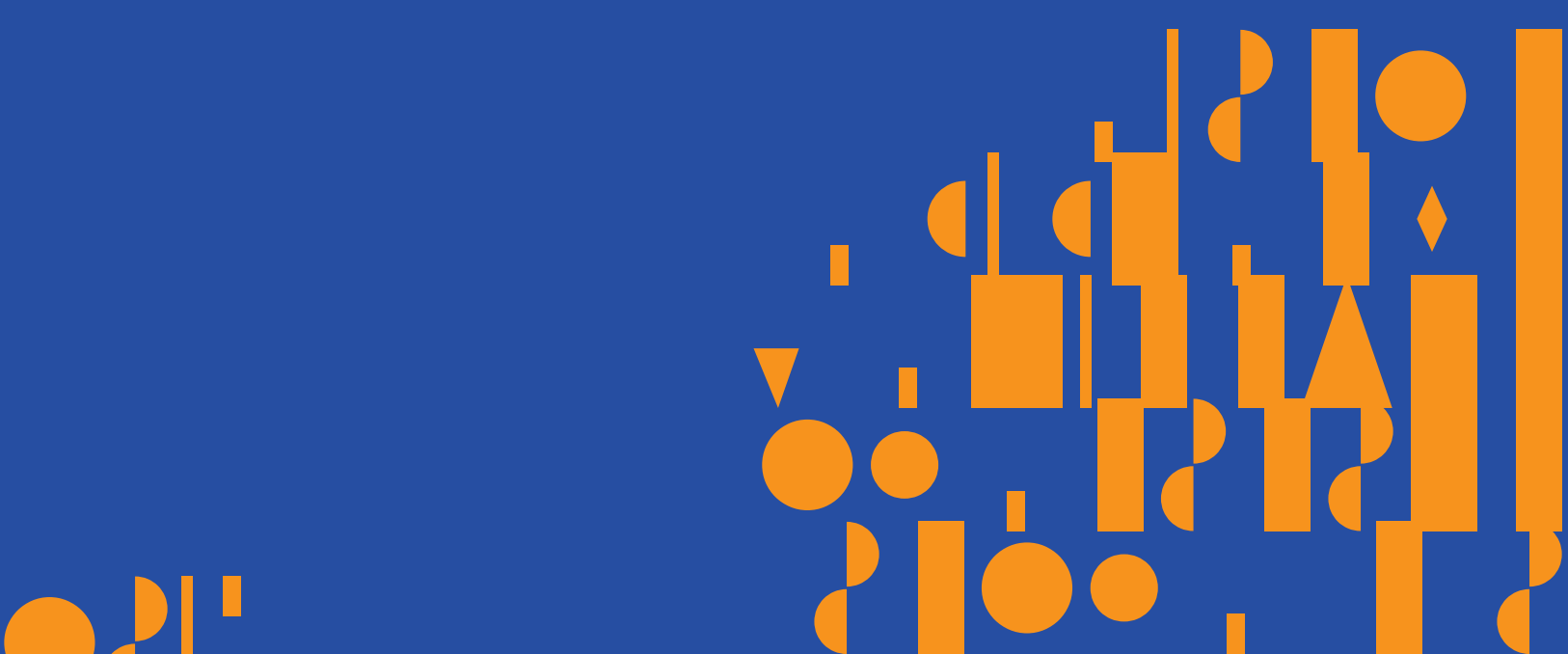
POESIA EXPANDIDA

entre imagens espaços e ações

RITA BALDUINO



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "Júlio de Mesquita Filho"
UNESP
INSTITUTO DE ARTES

RITA DE CÁSSIA BALDUINO

POESIA EXPANDIDA
entre imagens espaços e ações

SÃO PAULO
2022

RITA DE CÁSSIA BALDUINO

POESIA EXPANDIDA
entre imagens espaços e ações

Dissertação apresentada ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – Unesp como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Artes.

Área de Concentração: Artes Visuais.

Linha de pesquisa: Abordagens Teóricas, Históricas e Culturais da Arte.

Orientador: Prof. Dr. Omar Khouri.

SÃO PAULO

2022

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

B179p Balduino, Rita de Cássia, 1963-

Poesia expandida : entre imagens, espaços e ações / Rita de Cássia Balduino. - São Paulo, 2022.

2 v.: il. color. + anexos

Orientador: Prof. Dr. Omar Khouri

Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes

1. Poesia moderna. 2. Arte moderna. 3. Instalações (Arte). 4. Performance (Arte). 5. Intertextualidade. I. Khouri, Omar. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 808.545

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

RITA DE CÁSSIA BALDUINO

POESIA EXPANDIDA

entre imagens espaços e ações

Dissertação apresentada ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – Unesp como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Artes.

Área de Concentração: Artes Visuais.

Linha de pesquisa: Abordagens Teóricas, Históricas e Culturais da Arte.

Dissertação aprovada em _____

_____

Prof. Dr. Omar Khouri - Orientador

_____

Profa. Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli - Membro

_____

Prof. Dr. Júlio Cesar Mendonça – Membro

AGRADECIMENTOS

À CAPES: o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Ao Prof. Omar Khouri por todo o incentivo e apoio, mas principalmente por ter mostrado caminhos de liberdade e criação dentro do contexto acadêmico.

Aos Professores e colegas da pós-graduação do IA que, apesar do distanciamento social provocado pela pandemia de Covid-19, conseguiram promover trocas e interlocuções muito estimulantes e que enriqueceram o processo de pesquisa do mestrado.

Aos artistas e amigos da Cooperativa da Invenção que compartilharam comigo suas experiências e arquivos, assim como pela partilha de vivências e trocas afetivas que foram a força motriz para a realização do mestrado.

A toda minha família que apoiou e compreendeu os momentos de ausência e à Maíra Clini pelo acolhimento e inspiração para as realizações acadêmicas.

A Wagner Clini pelo amor companheiro e pelo privilégio de poder partilhar os projetos de vida.

A palavra impressa num livro não bate do mesmo jeito que a palavra escrita à mão num caderno, que não bate do mesmo jeito que a palavra escrita à mão num caderno num contexto (pedra, pano, carro, mangueira, balde, lata, livro, chão cimento, roupas, papéis), que não bate do mesmo jeito que a palavra escrita à mão num caderno colocado num contexto e fotografado num ângulo, luz e enquadramento específico. Ela passa a ser componente de outra linguagem. Cada elemento desses contamina o verbal com informações que o ressignificam, assim como a voz ressignifica as palavras que canta, assim como a rua em torno ressignifica um outdoor, uma placa de trânsito ou um letreiro de uma loja.

Arnaldo Antunes

RESUMO

Este projeto visa refletir sobre a Poesia Expandida a partir do meu percurso como Artista Visual e das Ocupações Artísticas realizadas pela Cooperativa de Invenção, grupo do qual fiz parte durante o ano de 2017.

A Poesia Expandida será apresentada como o campo da escrita que se amplifica para além das páginas dos livros, materializando-se e espacializando-se em forma de instalações, performances e imagens. Neste sentido, observaremos o caráter intertextual para analisar obras que se mostram no entrecruzamento de diferentes práticas e linguagens. A abordagem estabelecida pretende apresentar a poesia expandida não como gênero literário, mas como modo de operar através da impertinência e da inespecificidade dos meios, conceitos desenvolvidos por Florencia Garramuño.

Palavras-chave: Poesia Expandida. Ocupações Artísticas. Campo Ampliado. Inespecificidade. Arte Contemporânea

RESUMEN

Este proyecto tiene como objetivo reflexionar sobre la Poesía Expandida desde mi camino como Artista Visual y las Ocupaciones Artísticas realizadas por Cooperativa da Invenção, grupo del que formé parte durante 2017. La poesía expandida se presentará como el campo de la escritura que se expande más allá de las páginas de los libros, materializándose y especializándose en forma de instalaciones, performances, sonidos e imágenes. En este sentido, observaremos el carácter intertextual para analizar obras que se muestran en la intersección de diferentes prácticas y lenguajes. El planteamiento establecido pretende presentar la poesía expandida no como un género literario, sino como una forma de operar a través de la impertinencia y la no especificidad de los medios, concepto desarrollado por Florencia Garramuño.

Palabras clave: Poesía Expandida. Ocupaciones Artísticas. Campo Expandido. Inespecificidade. Arte Contemporáneo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - *Instante*. Livro-Objeto. 2009 20

Figura 2 - Local da Intervenção 22

Figura 3 - *Nicho e Espelho*. Intervenção site-specific. 2015 23

Figura 4 - Detalhes da Instalação 25

Figura 5 - *Nicho e Espelho* - Intervenção site-specific. 2015 25

Figura 6 – Fotos do vídeo projetado 26

Figura 7 – *Janela Muda*. Instalação. 2015 (Foto 1) 27

Figura 8 – *Janela Muda*. Instalação. 2015 (Foto 2) 28

Figura 9 – Poemas Visuais da série Ode ao Cio 30

Figura 10 – *Ode ao Cio*. Intervenção site-specific. 2017 (Foto 1) 32

Figura 11 – *Ode ao Cio*. Intervenção site-specific. 2017 (Foto 2) 33

Figura 12 – *Ode ao Cio*. Intervenção site-specific. 2017 (Foto 3) 33

Figura 13 – Poema Objeto "que não se repita" 35

Figura 14 – *CarimbAção* – Happening Gráfico. 2018 36

Figura 15 – *Óaió* – Poema-Fotográfico. 2021..... 37

Figura 16– *Estigmacão* – Intervenção Urbana de Laís Reis. 2017 46

Figura 17 – *Poesia na Janela*. Intervenção Urbana. 2017 (Foto 1) 48

Figura 18 – *Poesia na Janela*. Intervenção Urbana. 2017 (Foto 2) 49

Figura 19 – Registro das gravações das partituras 50

Figura 20 – Partitura: Gozo 51

Figura 21 – Partitura: Arrependimento 52

Figura 22 – Partitura: Alívio 53

Figura 23 – Placa de sinalização no jardim da Casa das Rosas 54

Figura 24 – Intervenção nas placas de sinalização no jardim da Casa das Rosas (Foto 1) 55

Figura 25 – Intervenção nas placas de sinalização no jardim da Casa das Rosas (Foto 2) 55

Figura 26 – Panfleto distribuído (Foto 1) 56
Figura 27 – Panfleto distribuído (Foto 2) 57
Figura 28 – Circuladô de Fulô. Ação Performática. 2017 58

SUMÁRIO

1. Introdução 12
2. Memorial de Percurso: relação palavra-imagem como possibilidade poética em expansão 16
2.1. No espelho tudo é poema 18
2.2. Onde a poesia se instala. 24
2.3. PoesiAção 32
3. Cooperativa da Invenção: ocupar como operação poética 36
3.1. O campo ampliado: desdobramentos conceituais e históricos. 40
3.2. Da especificidade do site à inespecificidade da estética 59
4. Considerações Finais 60
Referências 62
Anexo 67
Entrevistas realizadas por e-mail, no período entre Março e Agosto de 2020, com artistas participantes da Cooperativa da Invenção, no ano de 2017. 68

1. Introdução

Esta pesquisa apresenta uma reflexão sobre Poesia Expandida a partir de minha prática artística e das experimentações poéticas realizadas pela Cooperativa da Invenção, grupo que integrei durante o ano de 2017.

Estou partindo da ideia de poesia expandida como modo de operação[1], não como gênero poético, pois ela é uma forma de criação que não cabe nos entendimentos mais tradicionais de poesia e porque não gostaria de ceder aos impulsos categorizantes de uma taxonomia artística. Neste sentido, abordo o tema como campos de relações entre diversas manifestações artísticas, apoiada em três bases: o campo ampliado, conceito advindo dos estudos da escultura contemporânea, a ideia de invenção poética, aquela que opera no limite do código verbal através de múltiplas possibilidades em relação aos aspectos visuais, sonoros e espaciais da escritura, e a inespecificidade da estética contemporânea.

Durante muitos séculos a poesia esteve ligada à palavra oral, falada e cantada e muito ligada à cultura do livro. Após décadas do surgimento e consolidação da Poesia Concreta e seus desdobramentos no Brasil, encontramos um rico panorama sobre os diversos movimentos na área da poesia. Historicamente, gêneros poéticos foram diferenciados através de muitos adjetivos, termos como poesia visual, poesia verbivocovisual, poesia experimental, poesia intersemiótica, poesia sonora, poesia tipográfica, poesia-objeto e poesia digital são expressões que indicam a potência e pluralidade de expressões poéticas.

Nos últimos anos, houve um crescente uso do termo "expandido" aplicado a outros meios e linguagens artísticas. Entretanto, ao se fazer uma busca de estudos acadêmicos, em banco de teses de universidades brasileiras, quase não se encontra o termo expandido aplicado à poesia. Encontrei a expressão "poesia expandida", especificamente, como tema de duas Dissertações de Mestrado. Uma delas é da pesquisadora Hélida de Lima (2017) e se refere ao trabalho da artista Lenora de Barros. A outra é da pesquisadora Kátia Caroline de Matia (2013) referindo-se à escrita poética no ciberespaço. A dissertação de mestrado do poeta e pesquisador Renato Rezende (2009) aborda as formas poéticas híbridas, não especificamente como poesia expandida, mas

[1] A ideia de modos de operação, aqui, está em consonância com a noção pós-moderna, onde "a práxis não é definida em relação a um determinado meio de expressão, mas sim em relação a operações lógicas dentro de um conjunto de termos culturais para o qual vários meios – fotografia, livros, linhas em parede, espelhos ou escultura propriamente dita – possam ser usados." (Krauss,R. A escultura no Campo Ampliado. p 136)

referindo-se às ações plásticas e performáticas, situadas no campo ampliado pela diversificação dos meios e linguagens.

Ter como tema a poesia expandida, abordando-o a partir de seu modo de operação, é explorar as múltiplas possibilidades de criação, além da escritura propriamente dita. Ampliada para além das páginas dos livros, a poesia materializa-se e espacializa-se em forma de instalações, performances, sonoridades, imagens fotográficas e vídeo. Na medida em que se funde a elementos de outras linguagens, encontramos sua singularidade no caráter intertextual e as operações poéticas envolvidas em seu fazer são essencialmente intersecções realizadas como práticas de impertinência, que se encontram em consonância com a inespecificidade da estética contemporânea[2].

Relações intertextuais são complexas e não são objeto específico desta pesquisa, no sentido de discutir os desdobramentos conceituais dentro dos estudos literários. Contudo, encontro ressonância na definição de intertextualidade, principalmente o conceito cunhado por Julia Kristeva, que propõe que *"a aproximação do texto exige um ponto de vista externo à língua como sistema comunicativo e uma análise das relações textuais através dessa língua"*, tendo como consequência a possibilidade de *"estudar como texto todos os sistemas: as artes, a literatura, o inconsciente. Vistos como textos, eles obtêm sua autonomia com relação à comunicação fonética e revelam sua produtividade transformadora".* [3]

Neste sentido, ao pensarmos a poesia expandida através de seus modos de operar estamos colocando em diálogo diversos "textos". Mais do que as formas de análise do discurso, o que nos interessa nos modos de operação é observar a intertextualidade como poética, diferenciando o termo da sua função analítica, isto é, tomamos a intertextualidade como princípio de criação.

Como objeto da pesquisa apresento trabalhos que foram desenvolvidos ao longo de meu percurso como artista visual e outros realizados por artistas da Cooperativa da Invenção nas Ocupações realizadas em 2017, no museu da Casa das Rosas, ano em que fiz parte do coletivo.

As ocupações realizadas pelo grupo se encontram no contexto de espaços museológicos, de espaços

---

[2] A ideia de uma estética inespecífica, desenvolvida por Florencia Garramuño no livro Frutos Estranhos, que também é nome de uma instalação de Nuno Ramos, apresentada no MAM do Rio de Janeiro em 2010, funciona mais pela observação de horizontes a-disciplinares, do que por diálogos intertextuais presentes no contexto da arte contemporânea.

[3] KRISTEVA, J. Introdução à semanálise. 3º. Edição. São Paulo, Ed. Perspectiva, 2012. Pag. 71.

expositivos dedicados a manifestações culturais enfocadas na literatura, na poesia e nas artes, isto é, foram ocupações planejadas dentro de um contexto institucional. Em sua segunda edição, a Cooperativa reuniu artistas, poetas e músicos que, estimulados pelo uso de tecnologias digitais e de trabalhos corporais ligados ao uso da voz, realizaram diversos trabalhos pensados para a ocupação do espaço expositivo. Experimentações desta natureza mostram-se significativas para a construção do panorama de poéticas que extrapolam os suportes e que se afirmam como experiência estética pela multiplicidade de formas, meios, linguagens e sentidos no contexto da arte contemporânea pela presença das tecnologias digitais. Assim, uma "*viagem poemática"* não deixaria de produzir signos verbais em forma de *"bits"*.

Segundo Antonio Risério[4], a palavra no contexto digital torna-se nômade, pois a textualidade informática não é fixa e independe do território gráfico, diferente da escrita tradicional, que corresponde a uma realidade sedentária dependente do suporte de celulose. A palavra eletrônica, então, ganha movimento e interconexões nos circuitos em rede. É uma escrita "*fora do chão*" feita de pontos, de cor e luz, mas que, principalmente, desautomatiza o olhar do lugar tradicional da escritura. Assim, uma poesia em sintonia com seu tempo não poderia prescindir da dimensão espaço-temporal da escrita computadorizada. Nos anos 1990 Pierre Lévy (apud RISÉRIO, 1998, p.198), já propunha que "inventar novas estruturas discursivas, descobrir as retóricas ainda desconhecidas do esquema dinâmico, do texto de geometria variável e da imagem animada, conceber ideografias nas quais as cores, o som e o movimento irão se associar para significar, estas são as tarefas que esperam os autores do próximo século". Avançamos 20 anos, no citado próximo século, e o contexto digital já é uma realidade consolidada. Muitos poetas, tendo Augusto de Campos, como um dos exemplos precursores, utilizam meios digitais, sendo que a poesia digital se tornou um campo de criação e de pesquisa[5].

Os trabalhos discutidos ao longo da dissertação não passam, necessária e especificamente, pela discussão do contexto digital, mas têm com ele algum tipo de relação, mesmo que seja apenas de forma instrumental na produção de imagens técnicas[6], já que em algum ponto das produções poéticas o uso de

---

[4] Risério, Antonio – Ensaio sobre o texto poético em contexto digital. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; COPENE, 1998.

[5] Para um aprofundamento nas especificidades da poesia digital, que não é proposta desta pesquisa, sugerimos a leitura do livro Poesia digital negociações com processos digitais: teoria, história, antologias, do pesquisador, doutor e mestre em Comunicação e Semiótica, Jorge Luiz Antonio, publicado pela Navegar Editora, em 2010.

[6] Segundo Vilém Flusser as imagens técnicas são produtos de aparelhos, que por sua vez são produtos da técnica, que são textos científicos aplicados. Para um aprofundamento destes conceitos, sugerimos o capítulo dois do livro do autor, Ensaio sobre a fotografia – para uma filosofia da técnica, publicado pela editor Relógio D'Água em Novembro de 1998.

aparelhos de codificação de conceitos científicos (computadores, câmeras, softwares) foram utilizados. Difícil, atualmente, pensar a escritura sem passar pelos aparelhos e uma das propostas nos laboratórios da Cooperativa da Invenção/2017 era instrumentalizar seus integrantes no uso de ferramentas digitais para a amplificação de suas poéticas.

Um dos objetivos desta pesquisa é fazer o levantamento dos trabalhos realizados pela Cooperativa da Invenção, por isso optou-se por dividir a dissertação em dois volumes, separando o catálogo (Volume II) das realizações da Cooperativa do corpo da dissertação. O catálogo é uma forma de prolongar o tempo daquelas experiências efêmeras, mas que foram vivenciadas com intensidade marcante, oferecendo, através de sua produção, uma reativação da memória e outras possibilidades de leitura. O catálogo é um memorial de diversas ações e obras efêmeras realizadas nas ocupações artísticas da Cooperativa da Invenção que, até o início desta pesquisa, só tinham alguns registros espalhados na documentação pessoal dos artistas, coordenadores, ou em mídias sociais do grupo. Todos os inscritos na Cooperativa, no ano de 2017, são citados nominalmente, mas nem todos estão representados com trabalhos no catálogo, seja pela falta de registros fotográficos, seja pela impossibilidade de localizar todos os participantes durante o tempo desta pesquisa.

O primeiro volume da dissertação é composto por dois capítulos, sendo que no primeiro apresento alguns trabalhos realizados ao longo de minha trajetória, sob o ponto de vista das relações palavra-imagem e suas possibilidades expansivas para dimensões espaciais e performáticas. O segundo capítulo trata das Ocupações Artísticas da Cooperativa, apresentadas como modos de operar poeticamente. Estabelecem relações com a noção de campo ampliado, das especificidades do "site", passando pelos conceitos de impertinência e da inespecificidade da estética contemporânea.

Nos anexos encontram-se as entrevistas realizadas com alguns dos integrantes da Cooperativa e que muito contribuíram para a realização desta pesquisa, na medida em que dimensionam de forma mais abrangente o significado das vivências e experimentações no campo da poesia expandida e de trabalhos artísticos colaborativos.

2. Memorial de Percurso: relação palavra-imagem como possibilidade poética em expansão

No início do século XX diversos movimentos artísticos (dadaísmo, futurismo, cubismo, surrealismo) operaram com signos linguísticos no espaço da tela, assim como no campo da literatura Un Coup de Dés Jamais N'Abolira le Hasard[7], de S. Mallarmé, já havia se encarregado de reintegrar a parte visual e o espaço à escritura. Os *Caligramas* de Apollinaire também apontavam para uma direção semelhante no sentido de aproximar linguagens. Seu modo de operação é bem literal, desenhando com palavras ou escrevendo como desenhos. Suas operações fundem texto literário e texto visual.

Estes são alguns indícios em que podemos verificar que, assim como Mallarmé aboliu o acaso em seu lance de dados[8], as vanguardas artísticas do início do século XX aboliram o pêndulo das discussões que, durante séculos, colocavam a imagem como domínio das artes plásticas e as palavras como domínio da literatura.

O clássico *Laocoonte* de Lessing aborda as fronteiras entre pintura e poesia se apoiando na longa tradição de que a poesia é arte que se desenvolve no tempo e que a pintura é arte do espaço. Para Gonçalo Aguillar[9] as vanguardas do início do século XX nos propõem *"uma mudança de paradigma, já que seu trabalho não constituiu uma inversão dos termos, e sim em eliminar uma oposição que era estruturante".* Diante das operações que envolvem visualidade na poesia, sucessividade nas imagens e o constante uso de palavras em obras pictóricas, o autor afirma que há necessidade de outro aparato conceitual que não mais se apoie em constructos tradicionais. Afirma, ainda:

> O trabalho das vanguardas com a oposição imagem-palavra tem seu primeiro momento de inversão quando questiona o prestígio de naturalidade que acompanha as imagens, invertendo assim uma hierarquia que outorgava a estas um lugar superior

[7] Este livro é considerado um divisor de águas e, segundo Antonio Risério, tornou-se um marco na estética verbal européia no século 19, sendo que o poeta, com sua escrita visual, irá atravessar as experimentações létricas de futuristas e dadaístas, que irão se desdobrar nas cintilações tipográficas de Cummings e nas constelações verbais da poesia concreta. (Risério, A., Ensaio sobre o texto poético em contexto digital, p. 91).

[8] Esta afirmação apoia-se no artigo A abolição do acaso em Mallarmé, do pesquisador Marcus Fabiano Gonçalves, onde o autor, ao fazer uma análise do poema, alega que há um elemento fixo e sempre presente em todos os lances de dados: a soma das faces opostas do dado resulta sempre no número 7, *"o único número que não pode ser outro".* No artigo, defende-se que no banimento do acaso há um elogio à vontade criadora e ao direcionamento do artista como algo obrigatoriamente possível, arquitetonicamente premeditado e não mais como uma coleção de inspirações do acaso.
Publicado em: https://marcusfabiano.wordpress.com/2013/10/07/a-abolicao-do-acaso-em-mallarme/

[9] Em Poesia Concreta Brasileira – As Vanguardas na Encruzilhada Modernista, pag. 211-212.

> por considerá-las representações imediatas do real frente a um mundo arbitrário e artificial das palavras.

O autor analisa alguns aspectos das relações palavra-imagem no discurso linguístico das vanguardas onde a imagem visual mostra a artificialidade e convencionalidade dos princípios representativos, passando a ser percebida como construções, e o caráter sucessivo e sintagmático do texto é desconstruído. Assim, tanto imagem quanto texto são considerados como signos artificiais e, a partir do mesmo campo experimental, são possibilidades materiais.

As vanguardas europeias de fato abriram caminho para que a mistura das linguagens fosse fenômeno cada vez mais presente nas produções artísticas do século XX. Os laços entre palavra e imagem passaram a engendrar múltiplas relações, desligando-se do campo da representação mimética e consequente hierarquia vigente em séculos anteriores.

As décadas que se interpuseram entre as vanguardas históricas e as neovanguardas dos anos 1950 são consideradas por Antonio Risério (1998) como período mais conservador, *"um período marcado pelo retorno aos modelos estéticos do século anterior – ou, nos melhores casos, a processos diluidores da aventura vanguardista",* mas os movimentos neovanguardistas brasileiros foram tão fundantes que ainda reverberam em nossos dias, de forma mais ou menos direta, como possibilidade contínua de reacender ambientes favoráveis à experimentação, por mostrarem-se sempre abertos aos novos caminhos, sem tornarem-se apegados aos seus próprios planos, por incitarem a invenção e a liberdade da linguagem.

No contexto brasileiro, após a década de 1950, as relações verbovisuais ganharam novas proporções e a arte brasileira não passou imune aos movimentos europeus do início do século, mesmo após várias décadas do surgimento daquelas vanguardas. Há forte protagonismo de produções artísticas brasileiras onde texto e imagem se relacionam e o movimento da poesia concreta brasileira foi fundante na ampliação das relações verbovisuais, cujos pressupostos hierárquicos das artes do espaço e do tempo já tinham sido dissolvidos e que, a partir das proposições da poesia concreta, palavra e imagem tem domínios ampliados pela dimensão sonora.

Na poesia de caráter verbivocovisual, a palavra é matéria com carga semântica, sonoridade e forma e foi proposta pela poesia concreta brasileira, evidenciando o caráter icônico da escrita onde estes aspectos, assim como a espacialidade, foram constitutivos de um amplo programa de experimentação poética.

O meu percurso artístico tem como pano de fundo mais as relações palavra-imagem do que a dimensão sonora, propriamente dita, e considero a articulação entre o verbal e o visual de forma ampliada, isto é, como possibilidades de atravessamentos que já superaram fronteiras e domínios específicos. A presença de códigos verbais em minha produção artística sempre teve forte protagonismo, mas foi a partir de 2017 que ampliei o foco da minha pesquisa poética, passando a orbitar entre as áreas da poesia e artes visuais.

Considero que recapitular os passos presentes na elaboração de um trabalho artístico é tarefa difícil, pois a reflexão exige um pensamento mais linear, que não corresponde às inquietações inerentes aos processos de criação que, enquanto devir, é sempre um enigma. Nas instâncias do fazer e do pensar, o artista/pesquisador tem o desafio de encontrar o lugar da fala para rememorar processos, reconstituir leituras sobre as obras realizadas, estabelecendo relações entre elas, relações com outros artistas e com o contexto histórico em que estão inseridas. Rememorar, então, é fazer outra montagem, criando uma espécie de antologia de percurso a partir do que foi produzido. Isto é estímulo para o processo de ressignificação que, no âmbito da pesquisa acadêmica, se faz através do aprofundamento teórico e pela ampliação de referências.

Ao revisitar os trabalhos realizados ao longo de minha trajetória artística identifico uma constante inquietação com a questão da imagem e seu protagonismo, em um tempo carregado e sobrecarregado de dispositivos de produção de imagens, em uma cultura onde a visualidade se mostra dominante. A inquietação é o ponto de partida em busca de respostas que talvez nunca venham, mas movem. E foi neste movimento que, aos poucos, pude perceber que o território de minha pesquisa poética sempre esteve circunscrito no embate da produção de códigos verbais e não-verbais, nas relações entre palavra e imagem que, de uma forma ou de outra, acabaram se convertendo no território da poesia expandida.

2.1. No espelho tudo é poema

Tomo a afirmação neste subtítulo como licença poética para dar início a algumas questões ligadas ao meu interesse pela materialidade do espelho como território da visão e da reflexão e pela ambiguidade de sua superfície que coloca a um só tempo o espectador como sujeito e como objeto. Em meu percurso algumas vezes

caminhei por este território através de inquietações provocadas pela produção de imagens, mas principalmente pelo lugar da imagem e sua recepção.

Incluir, envolver, refletir e passar são ações pertinentes às operações poéticas estabelecidas no primeiro livro-objeto que desenvolvi para um projeto coletivo realizado através de circuitos de arte-postal.

Retirei todos os elementos textuais de um livro qualquer eliminando capa e contracapa, escavei todo o miolo do livro, deixando apenas as bordas brancas como moldura e fixei um espelho plano dentro do espaço escavado. Na construção da narrativa, uma nova capa foi impressa com o título e subtítulo do livro: Instante – BIOgrafias. A Biografia é um gênero literário de não-ficção onde se narra a vida de alguém que tenha se notabilizado por seus feitos, ao leitor cabe o desejo de conhecer as tais personalidades através desta forma de re-criação da imagem dos biografados. Se todo livro é uma viajem, como propunha o título da convocatória feita pela biblioteca, os livros de biografias fazem o leitor viajar na vida do outro. Ao abrir este livro-objeto, o leitor descobre-se como biografado. No jogo de reflexão entre a escritura e a leitura, entre o lugar do texto e o espelho, é o próprio leitor que é, por um Instante, personagem da BIOgrafia. No espelho, as imagens são passantes, assim como os instantes.

Figura 1 - *Instante*. Livro-Objeto. 2009

Arquivo pessoal.

O espelho é um objeto "virtualmente invisível", o espelho não memoriza, não guarda, ele nada retém. É um objeto fascinante, onde tudo é presença. Está constantemente a serviço do olhar, possibilitando o "ver-se vendo-se". Mas, e se a superfície espelhada for suporte para a escrita? Palavra e imagem poderão ser vistas ao mesmo tempo? Ver a imagem e ler as palavras são ações sincrônicas?

A exposição *Bordas, notações e entrelinhas*, realizada pelo Grupo Anexo na Casa Contemporânea, tinha como proposta ocupar espaços pouco usuais da galeria. O local escolhido para minha intervenção fica no fundo de um pequeno corredor que tem um nicho e um espelho, acima de uma pia.

Figura 2: Local da Intervenção

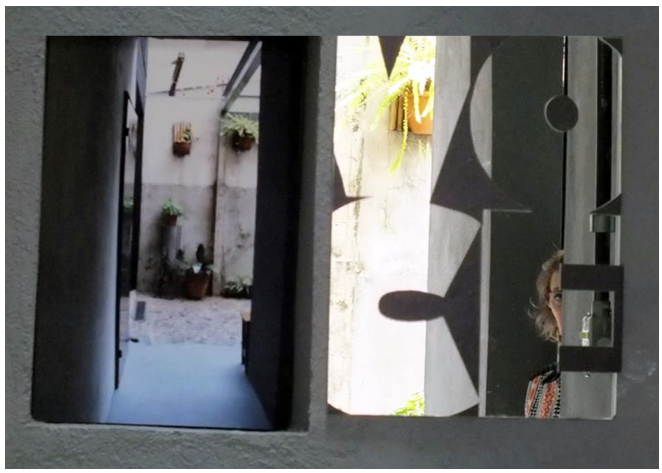
Arquivo pessoal.

Este arranjo inusitado, do espelho colocado ao lado de um nicho vazio, me provocava um certo estranhamento. Me pareciam duas distâncias, duas temporalidades, dois espaços vazios esperando para serem acionados. Provocada pela idéia de espelhamento e de alteridade nas relações entre o ver e perceber, entre o autor e o leitor, entre o fotógrafo e o fotogravado, a primeira intervenção realizada foi no nicho, através de uma imagem fotográfica capturada a partir do seu ponto central. A imagem resultante desta operação é o que se veria no nicho se ali tivesse um espelho e para isso a imagem teve que ser invertida digitalmente. Na relação do

expectador de fronte ao nicho, a fotografia ali colocada retrata o que está nas suas costas como se fosse um espelho[10].

Escrever no espelho era um hábito na minha casa de infância. Tenho este traço afetivo-mnemônico e talvez ele tenha sido uma referência para a intervenção feita no espelho. Cobri parte dele adesivando-o com a palavra VOCÊ. Tantas palavras poderiam ter sido escolhidas, um dicionário inteiro à disposição da escolha. Mas, qual entre outras poderia ser bem precisa para aquilo que me interessava poeticamente neste trabalho? Optei pela palavra VOCÊ pois ela é exata no sentido da alteridade e da reversibilidade do pensamento, o que permite nos colocarmos em uma perspectiva diferente da nossa própria. Diante deste espelho adesivado um EU se vê refletido no VOCÊ.

Figura 3 - *Nicho e Espelho* - Intervenção site-specific. 2015



Arquivo pessoal.

Segui ainda escrevendo em espelhos em outras intervenções, mas em contexto mais ampliado, onde a operação de incluir e refletir o público na obra se deu de forma mais abrangente e discursiva, espelhando outras realidades. A exposição "Qualquer semelhança é mera coincidência", realizada no Museu Histórico Pedagógico Prudente de Moraes, na cidade de Piracicaba, interior de São Paulo, teve como proposta curatorial dialogar com o conceito de História a partir do acervo do museu e de ícones ligados à cidade.

[10] No livro Sobre os espelhos e outros ensaios (1989), Humberto Eco estabelece alguns paralelos entre máquinas fotográficas e espelhos, chamando-os de próteses, no sentido de serem aparatos que prolongam o raio de ação do órgão da visão. As máquinas fotográficas são consideradas espelhos que produzem imagens congeladas. A superfície fotográfica é um passado, enquanto que a imagem no espelho é sempre um presente.

Entre os diversos espaços e peças do museu fui impactada pelo gabinete de trabalho do patrono do Museu, um cenário montado com alguns de seus objetos pessoais e outros, nem tão pessoais assim, que me pareceram uma grande colagem de tempos. Um espaço que oficializa a história e estetiza a memória é um documento cultural de caráter historicista que, segundo a crítica benjaminiana, conta a história de vencedores[11].

Com a instalação "Memórias Brancas" propus explorar o sentido de desaparecimento das experiências comuns e pessoais na construção da História. A instalação é composta por uma mesa, cadeira e objetos de uso comum de escritórios: canetas, porta-canetas, relógio, um caderno de notas, porta-retratos, além de uma fotografia sobre caixa de vidro.

Na parede, acima da mesa, coloquei 02 quadros de espelhos emoldurados e cobertos com adesivos brancos, com texto recortado. Todos os móveis e objetos são brancos e no porta-retratos há um espelho plano no lugar de uma foto. Canetas e lápis brancos estão à disposição do público para registrarem suas histórias no caderno todo branco que fica sobre a mesa. Deixo este caderno para que os visitantes registrem suas histórias, escrevam mensagens, respondam às perguntas dos quadros na parede e experimentem a escrita do branco sobre branco. A escritura feita pelo público mal se vê, desde a hora em que se inscreve, propondo uma relação conceitual com o único objeto não manipulável que está sob a caixa de vidro: uma fotografia pixelada, imagem de uma multidão capturada em baixa definição. Pessoas no meio da multidão podem ser vistas de forma indiferenciada tal qual a representação da imagem com baixa definição ampliada, onde quanto mais de perto olhamos menos discriminamos o que está representado na imagem. Assim como, ao olharmos a multidão pouco diferenciamos os indivíduos no meio da massa. Retratos de invisibilidades, lembranças do esquecível e do silêncio dos que ficam fora das narrativas históricas oficializadas.

[11] PERIUS, O. Walter Benjamin: considerações sobre o conceito de História. **Tempo da Ciência**, *[S. l.]*, v. 16, n. 32, p. 123–135, 2000. DOI: 10.48075/rtc.v16i32.8800.
Disponível em: https://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/8800. Acesso em: 22 abr. 2022.

Figura 4 – Detalhes da Instalação.

Figura 5 - *Memórias Brancas*. Instalação. 2016

Arquivo pessoal.

2.2. Onde a poesia se instala

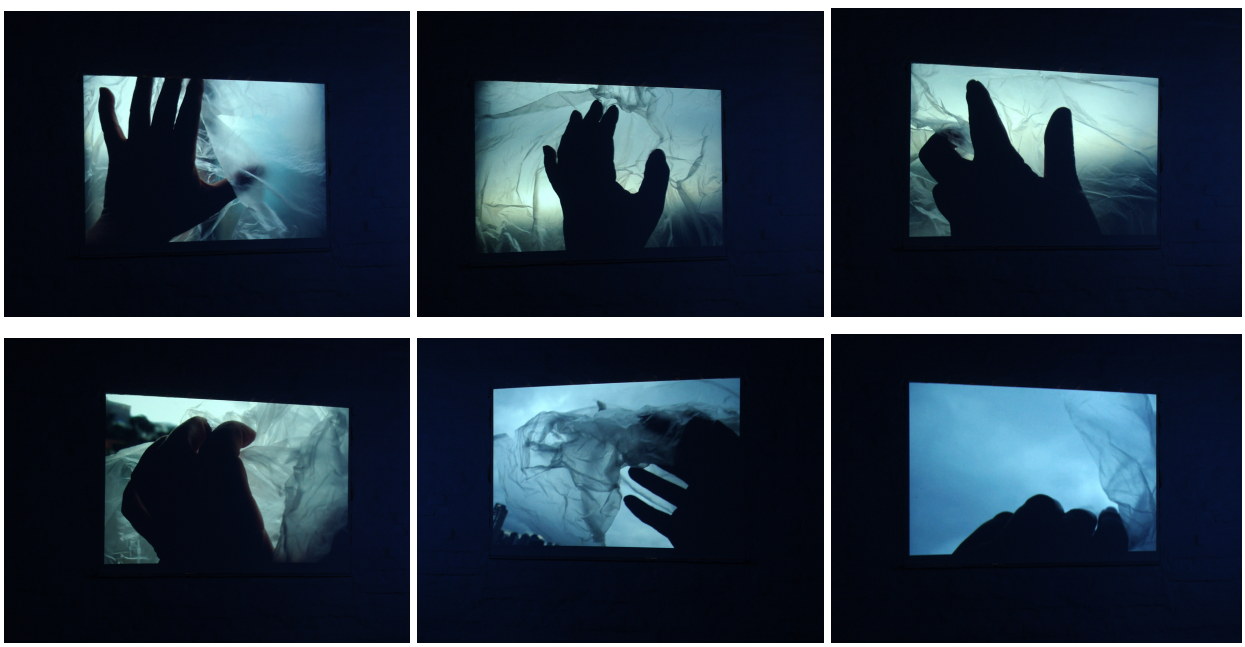
"Janela Muda"

"Janela Muda" figura entre meus primeiros trabalhos instalativos que estabelecem relações entre textos, imagens e espaços. Montada em duas ocasiões, na Casa Contemporânea em São Paulo e no Museu Literário Paulo Setúbal na cidade de Tatuí, interior de São Paulo, este trabalho aborda a questão da visibilidade das coisas e do próprio ato de ver.

Para sua realização fiz intervenção no espaço arquitetônico, instalando uma barreira na porta de entrada da sala, fazendo com que o público só visse a obra a partir de uma certa distância, sem que pudesse entrar na sala. Esta operação pretendeu transformar o espaço físico em um espaço de visão. Espaço penetrável apenas com o olhar, onde espaço, texto e imagem remetem à distância. No interior da sala havia uma projeção sobre a janela, que foi vedada impedindo a passagem da luz natural.

Nesta projeção, apresento uma sequência de fotografias de gestos realizados em frente de uma outra janela encoberta por uma película translúcida.

Figura 6 – Fotos do vídeo projetado



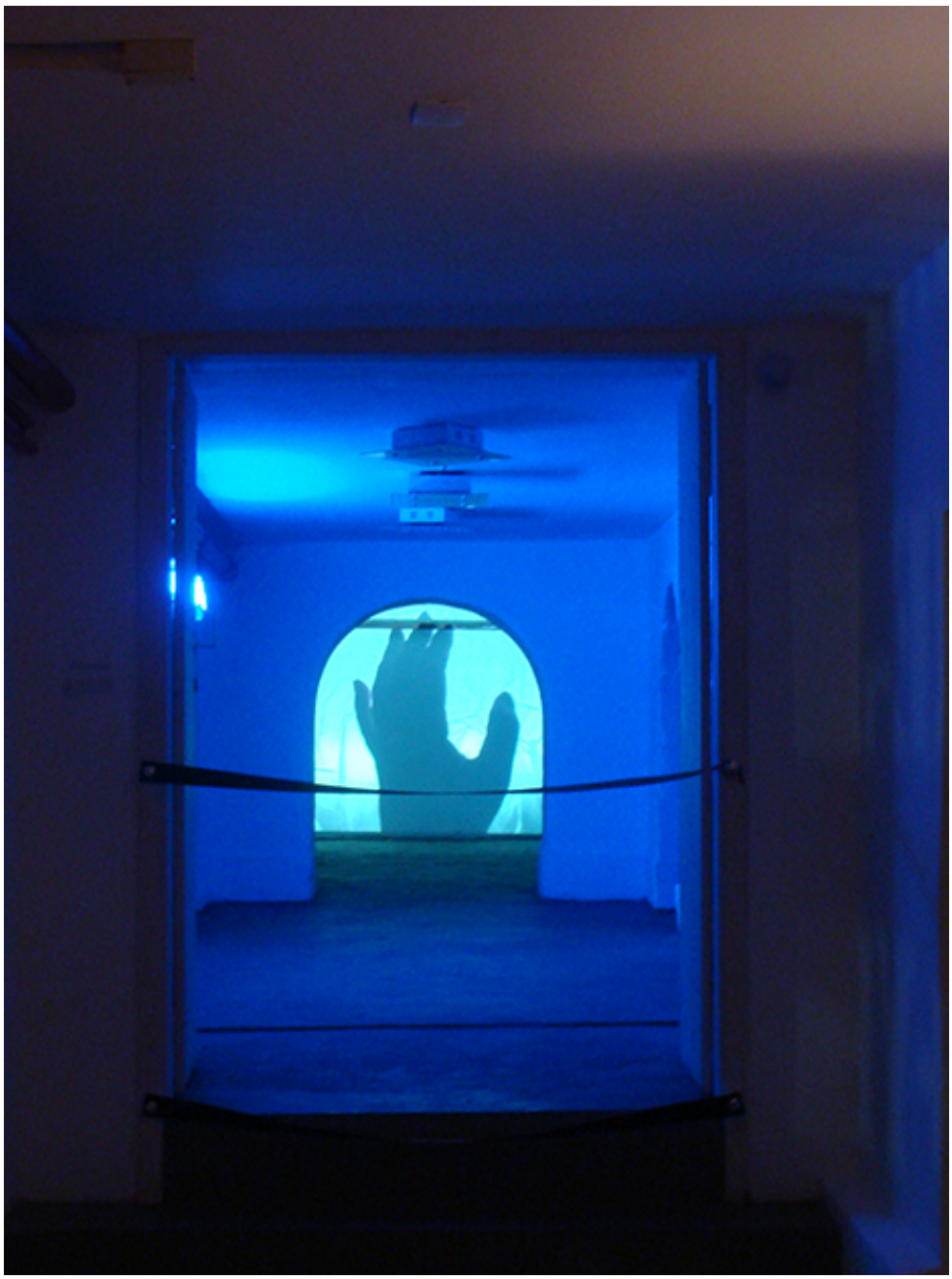
Arquivo pessoal.

Na parede ao lado da projeção instalei texto em neon com a frase: “A distância é um lugar perto dos olhos”. O espaço adquiriu uma coloração azulada, oriunda da luz do texto em neon, criando no ambiente aura visualmente silenciosa e profunda.

A linguagem nos permite dizer que vemos à distância, mas de fato ela não se dá a ver. A distância é um tipo de percepção indireta, é uma ideia sugerida por meio de associações de sentidos. Entre texto e imagens procuro evidenciar certa obsessão do olhar, num jogo ambíguo entre distância e presença, entre o tangível e o visível.

Figura 7 - *Janela Muda*. Instalação. 2015 (Foto 1)

Figura 8 - *Janela Muda*. Instalação. 2015 (Foto 2)



Arquivo pessoal.

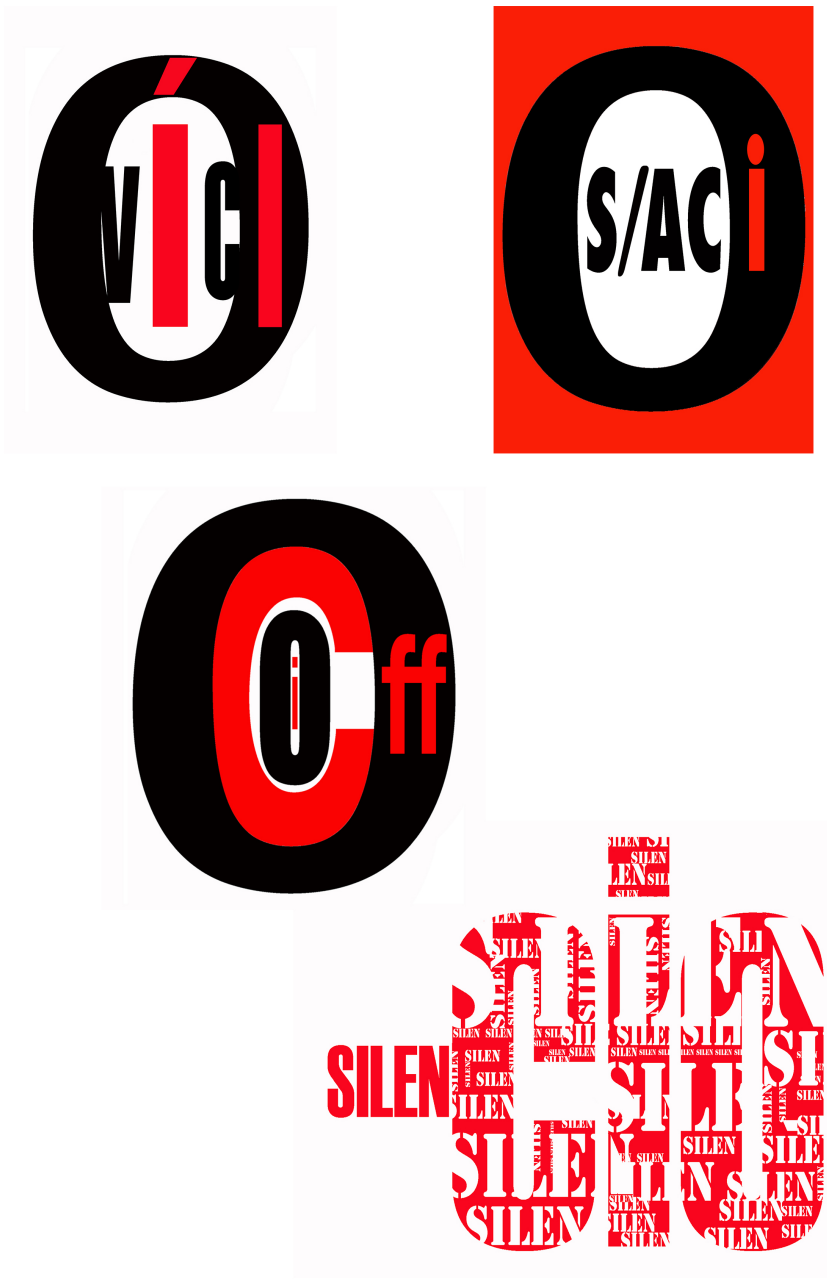
"Ode ao Cio"

Em "Ode ao Cio" é no espaço aberto que a poesia se expande. E foi no espaço do jardim da Casa das Rosas que instalei uma série de poemas visuais criados por condensação tipográfica a partir da palavra "Cio". É sempre possível encontrar palavras dentro de palavras e nesta série trabalhei com o sufixo "cio". A série se inicia com o poema-visual Ócio, palavra-imagem-sonoridade que condensa, tanto em sua estrutura formal, quanto em significação, um duplo sentido: o tempo de repouso, de vagar e de quietação, assim como o enaltecimento e glorificação dos estados de receptividade e apetite sexual. A libido, como motor de toda criação, afirma, através da linguagem, o corpo como máquina desejante e o poema, como construção, reinventa a própria linguagem.

Semanticamente é possível compor a seguinte leitura dos poemas-tipográficos:

Oh, Cio!
O Cio S/A
Ociosa
Ali, Cio
Alicio
Ama Cio
Só o Cio
Vício
Sacio, off Cio!
(Ofício).
Silencio.

Figura 9 – Poemas Visuais da série Ode ao Cio.



Arquivo pessoal.

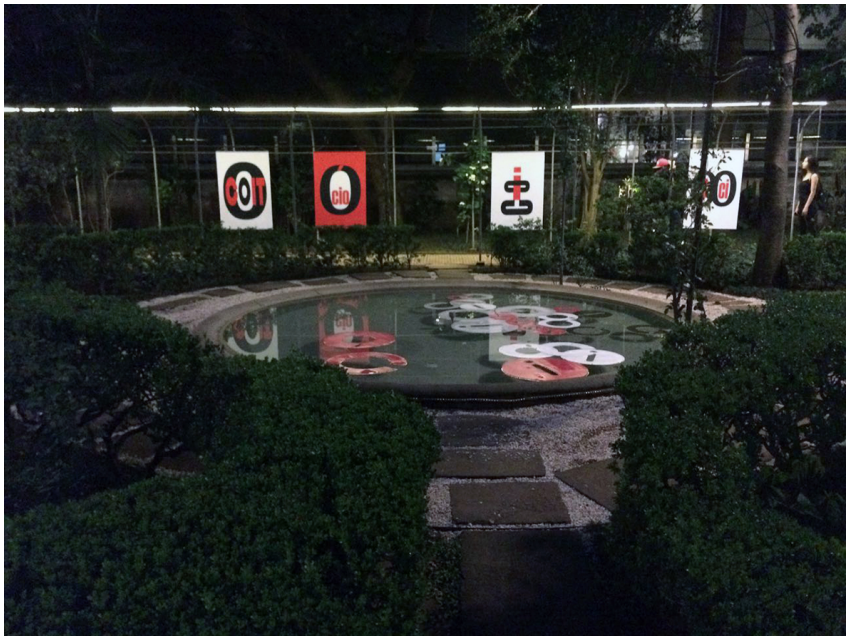
Na condensação tipográfica é o grande Ó, aberto, vazio e vazado, o elemento permanente em quase todos os poemas desta série. A forma condensa os significados das palavras através da retórica tipográfica, amalgamando o sentido das palavras-frases. AMACIO (ação feita em primeira pessoa de tornar algo macio ou mole) pode ser lida, quando se busca palavras dentro de palavras, como uma declaração de amor (AMA CIO). A palavra OCIOSA, cujo significado remete àquela pessoa que não está ocupada e produtiva, é grafada como O CIO S/A (sociedade anônima do cio).

A produção gráfica da série foi realizada com software de edição de imagem, mas a tela do computador não me basta e o espaço da página impressa não é plenamente satisfatório. É como se a estes meios faltasse uma materialidade mais densa, como se esta série de poemas tipográficos carecesse de uma superfície-pele que pudesse roçar com a fisicalidade do mundo. É a partir desta necessidade subjetiva que propus a expansão para o espaço em uma das Ocupações da Cooperativa.

Figura 10 - *Ode ao Cio*. Intervenção site-specific. 2017 (Foto 1)

Figura 11 - *Ode ao Cio*. Intervenção site-specific. 2017. (Foto 2)

Figura 12 - *Ode ao Cio*. Intervenção site-specific. 2017 (Foto 3)



Arquivo pessoal.

O lugar escolhido para instalar alguns dos poemas foi o jardim da Casa das Rosas, mais especificamente no chafariz. Recortei as letras da palavra "ócio" em material flutuante e as coloquei no espelho d'água. As letras ganharam movimento por causa da água que jorra do chafariz central do espelho d'água. Alguns poemas foram impressos em banners e pendurados pelo jardim ao redor da fonte, configurando um site specific onde a relação discursiva entre texto, espaço e sentido se dá em interações recíprocas.

2.3. PoesiAção

Para abordar ações performáticas que colocam a centralidade da "obra" no corpo, motor da ação, estou partindo de algumas ideias presentes no livro "A Máquina Performática"[12], onde os autores, conscientes da crescente institucionalização da arte performática como prática específica, propõem chamar estes modos de atuação de artistas e escritores como *"campo experimental, um espaço que põe os signos em relação, sem distinção do domínio ao qual pertencem".*

Com a proposta de "máquina performática" os autores colocam em questão as divisões institucionais que continuam separando signos e dividindo práticas artísticas. Reconhecem que a arte da performance sofreu, nos últimos tempos, uma forte institucionalização, mas sua abordagem sobre máquinas performáticas pretende mostrar que as compartimentações e separações em disciplinas da tradição histórica, seja nas artes visuais ou na literatura, impedem que se pense em termos de campo experimental na medida em que *"a instituição continua estabelecendo os modos de produção, circulação ou recepção".*

Considerando tudo como signo, o conceito de máquina performática é visto como dispositivo que *"aplana a preeminência da textualidade, dos gêneros e da historicidade, originando-se na premissa de que nenhum signo é mais importante do que outro".*

Como base de operação poética em minha trajetória, ações performáticas foram realizadas poucas vezes e o corpo só ganhou algum protagonismo em meus trabalhos a partir da relação mais próxima com a poesia, propriamente dita, através de leituras ao vivo na participação de saraus. Parece que tais leituras ao vivo colocaram

[12] AGUILLAR, Gonzalo e CÁMARA, Mario. A máquina performática – a literatura no campo experimental. 1a. Edição – Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

em evidência para mim alguns signos corporais: movimento, voz, entonação, que até então não faziam parte de meus interesses artísticos.

"CarimbAção"

Pela possibilidade de colocar meu corpo como integrante ativo de uma proposição artístico-poético, em 2018 produzi um carimbo para ser usado em trabalho integrante da exposição (Des)Limites – Livro(s) de Artista(s), realizada na Casa Contemporânea em São Paulo (SP).

Nesta proposta artística, o texto, acionado corporalmente, é o "motor da ação" e deixo o convite para que o público participe ativamente de uma "paginAção".

Figura 13 – Poema Objeto "que não se repita"

"Que não se repita" é um poema-objeto, em forma de carimbo. Trata-se de dispositivo gráfico criado para uma ação poética que se opõe ao modo verbal imperativo da frase. As letras que compõe a frase não se repetem, "obedecendo" a semântica da frase. Contudo, é no ato de carimbar que se dá a subversão do texto. O gesto que se repete deixa seus vestígios e o objeto burocrático, convertido em ferramenta poética, imprime acúmulos desobedientes. Com este trabalho expandi a noção de página para o espaço arquitetônico, propondo a construção de outros sentidos para o texto e subvertendo a função do objeto burocrático através da função poética.

Embora haja a presença do carimbo, este objeto não é a obra, ou um objeto artístico em si mesmo. O carimbo é um objeto de cena que está à serviço da ação. Esta, sim, é o processo e o produto que se realiza num tempo e num local específico, para depois manter-se como memória através dos registros.

Na prática da ação é onde o efêmero se manifesta, onde as ações ao vivo, que demandam a presença e a experiência corporal, são atos que transmitem conhecimento, fazendo-se necessário o registro da ação com fotos,

objetos e textos para a formação dos arquivos que possibilitarão uma espécie de retorno à ação. Os dois aspectos, ação e registro, são significativos e estão em contínua relação, já que a experiência tem um caráter efêmero.

"CarimbAção" coloca em evidência a relação entre texto e ação, entre o visível e o enunciável, quebrando com a hegemonia do texto, na medida em que o imperativo perde a supremacia semântica para a ação que se dá em inúmeras repetições.

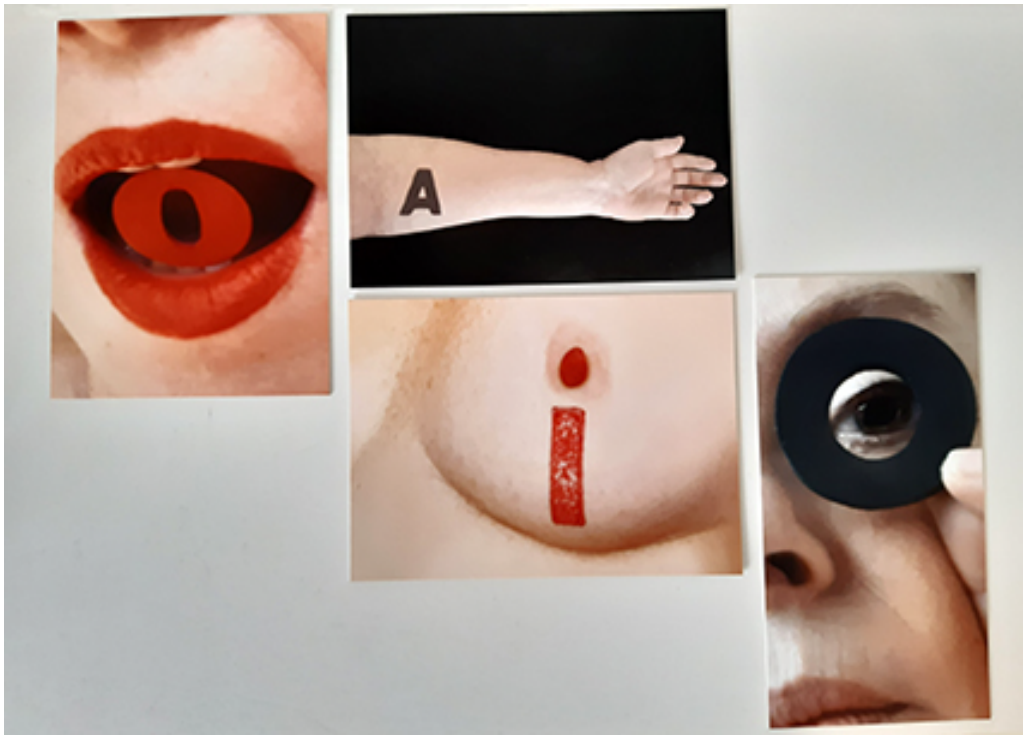
Figura 14 - *CarimbAção* – Happening Gráfico. 2018.

Arquivo pessoal.

“Como letras me visto”

Em uma série iniciada recentemente, intitulada *Como letras me visto*, três verbos me acionam: comer, ver e vestir. Neste poema-fotográfico é o corpo que se torna suporte para a palavra. As letras, unidades mínimas na composição das palavras, associadas a uma parte do corpo, formam uma palavra-frase-interjeição: Ó aí ó.

Figura 15 - *Óaió* – Poema-Fotográfico. 2021.



Arquivo pessoal.

Entre o verbo e a pele, o corpo apela pelo vidente e pelo visível: *Olha aí, olha*! Se no censo comum costuma-se dizer que as imagens podem valer mais que mil palavras, não se pode esquecer que as palavras também guardam mistérios que talvez as imagens nunca alcancem, por isso busco esta relação de complementaridade entre o universo das imagens e dos códigos verbais. Assim, é no constante embate entre uma coisa e outra, entre o dito e o visto, entre o visto de ver e o visto de vestir, entre o ilegível, inteligível e o sensível que surge o convite do poema: Entre.

3. Cooperativa da Invenção: ocupar como operação poética

A ideia de Ocupação está fortemente ligada ao contexto de ativismo social, cultural e ou político que interfere no espaço público, buscando algum tipo de transformação coletiva. Nas artes, a ideia de ocupação está associada a uma morada temporária, período determinado em que um artista, um grupo de artistas ou um coletivo estará presente em um determinado local.

As ocupações artísticas possibilitam uma relação mais direta com o público e com o contexto social, caracterizando-se por um campo de ação definido pelo tempo e pelo local de sua realização. Ocupar um espaço, então, implica em situações de relacionamento, ampliando o sentido de exposição de arte para situações sociais, tanto entre artistas, como deles com o público.

A artista Claudia Paim, em suas pesquisas sobre táticas artísticas na América Latina[13], aponta que a ativação de espaços públicos não obedece a fórmulas e faz uso dos mais variados meios e táticas, mas que coincidem com o desejo direto de contato com o outro, transformando o espaço em território vivenciado. Muitas das ideias apresentadas pela artista, desenvolvidas a partir da análise de diversos coletivos em espaços não tradicionais da arte, demonstram semelhanças com a ideia de que os modos de operação poética em ocupações implicam em promover encontros que catalisam energias diversas pela possibilidade de criação compartilhada e colaborativa, pelo relacionamento com o espaço circundante, seja ele físico ou discursivo, e pela vivência de um espaço-tempo provisório.

O sentido de ativação do espaço público que se dá através das Ocupações expande o significado da experiência artística para além do fazer estético/criativo porque inclui, ao sentido mais tradicional do que é uma exposição de arte ou um sarau de poesia, uma simultaneidade de ações, espaços e tempos que carrega caráter social em suas práticas e proposições.

Ocupações artísticas são práticas sociais tanto do ponto de vista da produção quanto da recepção das obras. Elas se realizam diluindo distâncias entre o artista/produtor e o público/receptor, e produzem outros significados

[13] Coletivos e Iniciativas Coletivas: Modos de Fazer na América Latina Contemporânea, tese de doutorado apresentada em 2009 no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Disponível em: https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/17688/000722624.pdf;sequence=1
Consultado em 07 de fevereiro de 2022.

exatamente por não dependerem da mediação de recursos informativos (monitoria, roteiros impressos etc.), como se vê em muitas exposições de arte, impondo ritmos determinados e uma certa disciplina à experiência do público.

A Cooperativa da Invenção foi um laboratório de experimentação, criação e realização poética promovido pelo Centro de Estudos Haroldo de Campos da Casa das Rosas. As experimentações poéticas do grupo tiveram um caráter colaborativo e experimental, explorando as possibilidades expressivas da palavra, do som e da imagem, onde o universo da poesia, através de suportes diversos, poderia ser perpassado, ou não, por meios digitais. Poesia na era do pós "Pós-Tudo"[14], não mais ligada a nenhum movimento específico, num momento histórico em que parece que todas as coisas já foram feitas e que não há mais vanguardas a serem salvaguardadas.

Contudo, o tempo/espaço da poesia na contemporaneidade é um campo de relações, informações, gerações e entretempos sobrepostos e ressignificados. Como propõe Giorgio Agambem[15], o contemporâneo é uma relação entre tempos que busca compreender o escuro do tempo e dar outra expressão para aquilo que foi apresentado em um dado momento histórico, estabelecendo um compromisso secreto entre o arcaico e o moderno, onde o presente é a parte do não vivido, no todo vivido. Segundo o autor, ser contemporâneo é perceber este escuro do não vivido e fazer dele um lugar de encontro entre tempos e gerações, fazendo interpolações temporais e novas leituras da história.

Assim, narrar as experiências de invenção no contexto contemporâneo é reescrever, reeditar, reelaborar e reenunciar, fazendo com que o (in)vento continue a ser um sopro, um vento que vem de dentro. De dentro do caldo da cultura da qual fazemos parte, de dentro das histórias que já foram contadas e recontadas e daquelas que ainda poderão ser contadas, caso sejam registradas.

Invenção está ligado ao novo, à novidade, à imaginação produtiva e à capacidade criativa. Num outro sentido, a invenção poética está fortemente ligada à história da poesia concreta brasileira e seus desdobramentos. A exemplo das publicações dos cinco números da Revista Invenção, lançadas entre os anos de 1962 e 1967, Décio Pignatari e os irmão Campos, editores da revista, deixam claro sua dedicação a esta forma de poesia que se estabelece em relação direta com códigos sonoros e visuais, mas que, passado o período mais ortodoxo da poesia concreta, abrem-se às questões ligadas à crítica social, fruto da ebulição político-social dos anos 60, quando se estabeleceu o chamado "salto participante" da poesia concreta. Omar Khouri, citando o Editorial da Revista

[14] Em referência ao poema Pós-Tudo de Augusto de Campos. 1984.
[15] *O que é o contemporâneo? E outros ensaios. 1o. Edição. São Paulo: Argos, 2009.*

Invenção No.2, nos conta que *"os poetas concretos do Grupo Noigrandes – Décio Pignatari, Haroldo de Campos, Augusto de Campos, Ronaldo Azeredo e José Lino Grunewald – aqui estão, em pleno 'pulo da onça' sustentando uma poesia formal e conteudisticamente revolucionária*".[16]

Como em um noema fotográfico barthesiano, se isto é um "*isto foi*" na história da poesia concreta brasileira, é dentro do Centro de Referência Haroldo de Campos que, 50 anos depois, alguns artistas, não-artistas, poetas, designers e músicos se encontraram em torno da ideia de invenção, através da Cooperativa, projeto proposto pelo poeta Júlio Mendonça, coordenador do Centro.

As Ocupações Artísticas realizadas pela Cooperativa resultaram como atualizações em torno do princípio da poesia de invenção. Mas o que seria a poesia de invenção hoje, se no plano da cultura contemporânea o novo e a utopia não são alvos procurados, como foram para as vanguardas dos anos 50/60?

Toda a obra poética de Haroldo de Campos foi movida por este espírito de invenção. O poeta manteve-se aberto às experiências de limites promovidas nos primeiros anos da poesia concreta e, mesmo após os anos inaugurais do movimento, sempre se manteve ligado à poesia como campo inventivo e *"como processo global e aberto de concreção sígnica, atualizado de modo sempre diferente nas várias épocas da história literária e nas várias ocasiões materializáveis da linguagem (das linguagens)"*[17].

As realizações da Cooperativa da Invenção procuraram seguir este espírito de experiência limite, dialogando com o fragmentário, com as ideias de apropriação, com a mistura de tendências e linguagens, com o universo da informação, da tecnologia e das novas mídias expandidas no espaço através de instalações efêmeras, ações performáticas e de uma multiplicidade de práticas, meios e materiais.

No domínio expandido de práticas artísticas colaborativas, os integrantes da Cooperativa se uniram em torno da ideia de exercer um certo tipo de criatividade ligada à ação, seja através de propostas de interAtividade, perfomAtividade e da comunicAção, que possibilita uma relação mais direta com o público e com o contexto social, atuando em campos definidos pelo tempo e pelo local de sua realização.

O contato direto com o público nestas Ocupações se deu sem nenhum tipo de mediação, contextualização pedagógica ou monitoramento, ocorreu apenas o contato do artista que, de corpo presente, seja por sua ação

---

[16] Noigrandes e Invenção – Revistas porta-vozes da Poesia Concreta. Facom No 16 – 2o. Semestre de 2006, pag. 30.
[17] Haroldo de Campos. *"Poesia e Modernidade. Da morte do verso à Constelação. O poema pós-utópico".* O arco-íris branco. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 269.

performática ou simplesmente para acompanhar a exposição de suas experimentações poéticas, pôde interagir e dialogar com o público.

O laboratório de criação promoveu trocas vividas no frescor da invenção e de ações colaborativas. A ocupação do espaço museológico, para além das portas fechadas das salas onde os encontros aconteciam, foi a forma encontrada para ampliar tais vivências, incluindo novos olhares através da interação com o público. Esta interação estimulou o processo de produção poética, mas, ao mesmo tempo, foi operação integrante de diversas produções apresentadas, seja de forma mais ou menos direta, na medida em que todo processo artístico se completa no olhar de quem vê.

Ocupar um espaço, então, implica nas situações de relacionamento ampliando o sentido da exposição para situações sociais, tanto entre os artistas como deles com o público. As Ocupações realizadas pela Cooperativa contavam com um elemento surpresa para o público, já que este circula pela Casa das Rosas sem, necessariamente, se dirigir para esta exposição ou intervenção específica. Estes eventos, apesar de contar com algum tipo de divulgação institucional, ou dos próprios artistas, contavam mais com o público passante ou o público atraído pelo espaço histórico e arquitetônico, assim como pelas exposições permanentes do Museu. O público se depara, então, com uma diversidade de propostas experimentais que aconteciam simultaneamente pelos diversos espaços da Casa das Rosas.

Durante o ano de 2017 o grupo realizou três Ocupações no Museu: "Ctrl+Verso", "Alienânsia" e "Ó dios! Ó dias!", totalizando dezenas de trabalhos, entre performances, instalações, poemas visuais, sonoros, tipográficos, interativos, projetados, impressos, falados e contados. Cada uma das ocupações teve a duração de um dia, mas foram elaboradas e discutidas coletivamente ao longo do ano em que o grupo esteve reunido. Em termos gerais, propunham explorar as múltiplas possibilidades de criação além da escritura propriamente dita, explorar a dimensão digital e o caráter verbivocovisual da poesia, assim como materializar e expandir a palavra através de performances e instalações. Nestas proposições, o espaço museológico foi vivenciado como uma espécie de atelier dos artistas, onde o espaço expositivo tornou-se o próprio espaço de criação, sendo que o espaço pôde ser vivenciado não apenas como lugar físico onde a poesia se instala. O espaço museológico, carregado de significação, ao abrir-se para experimentações deste tipo, pode ser considerado como um texto a ser lido através das dimensões discursivas do *"site".*

3.1. O campo ampliado: desdobramentos conceituais e históricos.

Situando um tempo histórico para a noção de campo ampliado, os anos 60/70 do século vinte são preponderantes para o estabelecimento de muitas ações artísticas no contexto contemporâneo. Podemos apontar que entrecruzamentos de linguagens e hibridização dos meios, que resultam na atual inespecificidade da arte contemporânea, são aspectos que se relacionam com os conceitos desenvolvidos pela crítica Rosalind Krauss desde seu emblemático artigo "A Escultura no Campo Ampliado", publicado em 1978. Nele, a autora coloca em evidência diversas obras de artistas estadunidenses que operam esgarçando as fronteiras do campo da escultura. Ela propõe que as operações artísticas presentes nas diversas obras analisadas são campos de relações entre escultura, arquitetura, paisagem e as suas respectivas negações, notando que o campo ampliado é gerado pela problematização do conjunto de suas oposições.

Ao fazer tais proposições, a autora apoia-se na observação de obras que não se encaixam na lógica de pureza e separação dos vários meios de linguagem que foram determinantes na arte moderna, colocando em questão práticas artísticas que podem ser vistas como uma ruptura histórica e dentro de um contexto cultural em transformação. Assim, não somente no campo da escultura, as novas vanguardas dos anos 60 e 70 do século passado promoveram uma ruptura com preceitos artísticos modernistas, tornando a relação entre os meios mais ambígua.

Se o campo ampliado adquiriu o caráter de conceito em relação às operações artísticas que já não correspondem a um meio específico e que se expandem, misturando linguagens a partir das obras escultóricas analisadas pela autora, vinte anos depois ela irá propor o conceito de especificidade diferencial ao discutir a questão do medium, na era da arte "pós-mídia" A autora opta por este termo, ou mediuns no plural, para diferenciá-lo do termo "media" que irá reservar para as tecnologias de comunicação.

Em seu artigo *A Voyage on the North Sea: Art in the Age of the Post-Medium Condition*, Rosalind Kraus retoma a discussão dos meios com críticas à prática da instalação ou trabalhos inter-mídia. Ela considera que são trabalhos que se tornaram "cúmplices da globalização da imagem ao serviço do capital" (Krauss, 1999,56). Apesar deste ser um texto onde a autora revela algumas posições que parecem limitar a pluralidade de sentidos que os mediuns possibilitam, e que ela mesma defendeu como marca de ruptura com o passado modernista, a proposta de uma especificidade diferencial coloca em evidência a questão da discursividade inerente a um próprio

meio quando artistas inventam modos de contrariar o que se tem como característico e próprio de uma determinada linguagem ou suporte.

O conceito de especificidade diferencial é desenvolvido pela autora, a partir dos trabalhos de Marcel Broodthaers. No filme que dá título ao artigo de Rosalind Krauss, o artista explora as características e possibilidades do vídeo através de modelos artesanais dos primórdios do cinema. Assim, o que Rosalind Krauss defende como especificidade diferencial é um tipo de investigação que traz novas abordagens e perspectivas na exploração e aprofundamento que possam revelar novas dimensões de uso dentro de um mesmo meio e linguagem, reinventando-os.

Estas ideias caracterizaram muitas produções nos anos 1970 e 1980 na defesa da inseparabilidade da obra-arte-contexto, mas nos primórdios da arte site-specific os elementos estavam muito ligados à localidade real e seus elementos físicos. Entretanto, outras propostas conceituais passaram a diferenciar o termo site-specific de site-specificity, sendo que este passou a ser utilizado ao considerar outras características das relações entre obra-arte-espaço, abarcando dinâmicas diversificadas que incluem especificidades culturais, históricas e sociais.

Ao longo dos anos, até chegarmos aos dias atuais, as propostas do campo ampliado da escultura expandiram-se ao ponto de podermos falar em campo ampliado das artes, com seus múltiplos e complexos agenciamentos, sempre abertos a novas conexões. É nestas bases que encontro ressonâncias nas realizações da Cooperativa da Invenção a partir da dimensão espacial em que operam e proponho a análise de algumas ações realizadas nas Ocupações Artísticas sob o ponto de vista dos "*sites* " discursivos.

Alguns dos trabalhos realizados nas Ocupações da Cooperativa de Invenção podem ser analisados tendo como ponto de partida a noção de site-specificity, observando que podem se tratar de *"um conceito teórico, uma questão social, um problema político, uma estrutura institucional (não necessariamente uma instituição de arte), uma comunidade, um evento sazonal, uma condição histórica, mesmo formas particulares do desejo, são considerados para funcionar como "site",* como propõe Miwon Kwon[18]. Em seu livro, a autora faz uma genealogia de obras escultóricas que partem da relação com o espaço físico ou ambiental, ampliando o conceito para um sistema de práticas que incluem a crítica institucional, a relação com processos socioeconômicos e políticos, situações culturalmente específicas, expansão para locais determinados não pertencentes ao sistema da arte,

[18] *One Place after another: site-specific art and locational identity.* The MIT Press. Cambridge, Massachutts. London, England – 2002.

assim como para uma gama diversa de disciplinas, onde o assunto ou causa investigados pelos artistas também é tido como "*site",* colocando a dimensão discursiva como prática que caracteriza sua especificidade.

Nos trabalhos propostos pelos artistas da Cooperativa de Invenção é possível identificar processos em que se sobrepõe textos, fotografias, vídeos, ações performáticas e interações diretas com o público, caracterizando o que a autora Miwon Kwon, citando James Meyer, irá chamar de "*site"* informacional de caráter temporário, aquele que gera uma cadeia de significações sem um foco ou tema em particular. Neste sentido a autora propõe o "*site"* como lugar mais estruturado pela intertextualidade do que pela sua espacialidade. [19]

No artigo "Site-Specific Art? Reflexões a respeito da performance em espaços não tradicionalmente dedicados a esta"[20] a artista-pesquisadora Michele Louise Schiocchet faz interessante análise de variações e redefinições do termo em função da polissemia gerada pela transitoriedade da arte site-specific. De Gillian McIver, a autora do artigo cita o termo *arte responsiva* como tentativa de reivindicar ou valorizar os espaços públicos através da interdisciplinaridade. O *"site"* responsivo refere-se a instalações de natureza temporal, com elementos performativos que visam promover encontro direto do público com o espaço, levando-o a criar suas próprias conclusões, evitando, desta forma, induzi-lo a uma interpretação específica do espaço. A arte responsiva está em contato direto com o social, o econômico e com o cultural.

"Estigmacão"

Um dos trabalhos apresentados na Ocupação Ctrl+*Verso,* em julho de 2017, pela vídeo-poeta Laís Reis, chama-se Estigmacão. É um experimento social onde a artista deixa seu próprio cachorro, um cão bem cuidado e alimentado, amarrado à grade externa da Casa das Rosas, na Avenida Paulista, junto com uma placa escrita à mão: "Fui abandonado, preciso de $ para a ração". Propondo investigar qual a reação dos passantes diante de uma cena inusitada, a poeta parte de alguns questionamentos: o público perceberia tratar-se de uma ação poética?

---

[19] Um Lugar após o outro: anotações sobre site-specificity. Miwon Kwon. Revista Arte & Ensaios. No. 17. EBA/UFRJ. 2009. Tradução Jorge Menna Barreto.

[20] Urdimento-Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v.2,n.17, p.131-136, 2018. Doi:10.5965/1414573102172011131. Disponível em: https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573102172011131
Acesso em: 07 de Abril de 2022.

Sendo um cachorro, seria tratado do mesmo modo como se fosse uma pessoa?

O animal ficou nesta condição por várias horas e recebeu muita atenção dos passantes, sendo que depois de sete minutos quinze pessoas já haviam se mobilizado para ajudar o animalzinho, trazendo-lhe água e comida. Algumas pessoas se indignavam com quem o havia abandonado, até saberem que se tratava de uma proposição artística, enquanto a poeta, filmando a cena de longe, questiona o estigma da população em situação de rua e sua invisibilidade.

Um vídeo foi editado a partir desta ação e seus questionamentos. Outros textos também foram acrescentados em forma de legenda, onde a artista questiona: quanto tempo leva para perceber os que estão na rua? quantos graus faz hoje? Quantos tem com o que se cobrir?

A poeta elabora questões para o problema da exclusão social. Quer saber sobre aqueles que convivem com o desrespeito e a ausência de reconhecimento. O estigma apontado neste trabalho fala da construção social que marca um modo de existência. Como em um experimento "poético-científico", ela parte da hipótese constatada, cotidianamente, nas ruas da nossa cidade ou de qualquer grande metrópole: a invisibilidade dos desfavorecidos socialmente.

O que surpreende no experimento de Laís Reis é a comprovação de que o estigma do abandono não se aplicou ao cãozinho de estimação. Diante de um cão abandonado o público se sentiu comprometido em tomar alguma atitude, trazendo-lhe água e comida. O cão não ameaça, comove. Não traz a marca de um estigma e por isso humaniza-se, enquanto os estigmatizados pela sociedade já nem são vistos como humanos.

Figura 16 - *Estigmacão* – Intervenção Urbana de Laís Reis. 2017

Arquivo pessoal.

"Poesia na Janela"

Uma outra variação do site-specific é chamada por Robert Irwin de arte *"site" ajustada.* Faz referência àquelas obras que são reconhecidas por seus conteúdos materiais e por suas técnicas sendo, em geral, feitas em estúdio e adaptadas ao local. São trabalhos que levam em consideração o *"site"* como parâmetro para a realização da obra, integrando-a ao seu entorno, porém esta ainda se refere predominantemente ao trabalho do artista. Os dois trabalhos apresentados a seguir apresentam características que dialogam com o conceito de *"site"* ajustado ou adaptado.

Para a intervenção na janela frontal da Casa das Rosas, realizei uma série de vídeos-poemas e propus para os integrantes da Cooperativa que desenvolvessem, individualmente, outros vídeos para a montagem de uma antologia. Mesmo familiarizados com o termo antologia, no sentido de agrupar e realçar determinado grupo de obras literárias, gostaria de relembrar que a origem do termo significa coleção ou ramalhete de flores, enquanto termo equivalente em latim, *florilegium,* é um termo relacionado à guirlanda. Inclusive, "Guirlanda" é o nome da mais antiga antologia que se tem conhecimento e foi organizada pelo poeta grego Meléagro, no século I AC. [21]

Assim, as antologias podem ser propostas como um entrelaçamento de textos, onde as "flores" escolhidas estão dispostas num determinado arranjo que poderá resultar no formato circular da guirlanda. Além da montagem dos vídeos-poemas como uma antologia, a própria forma de apresentação dos vídeos em loop implica numa circularidade, remetendo também à características físicas das guirlandas.

No contexto da poesia expandida a imagem é um de seus modos de operação e as imagens-poemas foram criadas em forma de vídeos, fotografias e GIFs. Foram apresentadas através de uma projeção reversa na janela frontal do Museu Casa das Rosas, isto é, só podiam ser vistas a partir do lado externo da fachada, O acesso ao interior da sala ficou fechado para o público. Assim, a função primária da janela, que é de mediação entre o ambiente externo e interno, foi subvertida poeticamente, tornando-a um dispositivo de visão apenas para os passantes na Av. Paulista, uma forma de projetar para o espaço exterior, para o espaço da rua, algumas das vivências e experimentações da Cooperativa, recuperando poeticamente a mediação entre espaços.

[21] Conforme definição no site: https://pt.wikipedia.org/wiki/Antologia

Figura 17 – *Poesia na Janela*. Intervenção Urbana. 2017. (Foto 1)

Arquivo pessoal.

Figura 18 – *Poesia na Janela*. Intervenção Urbana. 2017. (Foto 2)

Arquivo pessoal.

"Hmmm"[22]

"Hmmm" é uma instalação sonora proposta pela artista e curadora Célia Barros. Foi realizada a partir da leitura de 12 partituras que expressam o trânsito entre sentidos e sentimentos, através de interjeições e onomatopeias. As interjeições constituem uma classe de palavras cuja função é a de expressar surpresa, susto, hesitação, dúvida etc. Neste trabalho a artista associa estes e outros sentimentos a um determinado registro gráfico das letras, a um certo ritmo ditado pelos espaços entre palavras e pelas onomatopeias associadas aos sentimentos e sensações indicados no título de cada partitura.

As leituras das "partituras" foram gravadas por alguns integrantes da Cooperativa e o local escolhido para esta instalação sonora foi o banheiro do piso térreo do museu. A escolha deste local foi feita por se tratar de um espaço que tem grande circulação de pessoas, assim como o resto do museu, mas que ao mesmo tempo é um espaço privativo. Além disso, as leituras resultaram em sonoridades provocativas e sugestivas de uma sensualidade que dialoga com a privacidade de um banheiro, ainda que seja de um espaço público.

Figura 19 – Registro das gravações das partituras

Arquivo pessoal.

[22] Link para o áudio: https://youtu.be/3AQS-gDdTV8

Figura 20 – Partitura: Gozo

(gozo)

Figura 21 – Partitura: Arrependimento

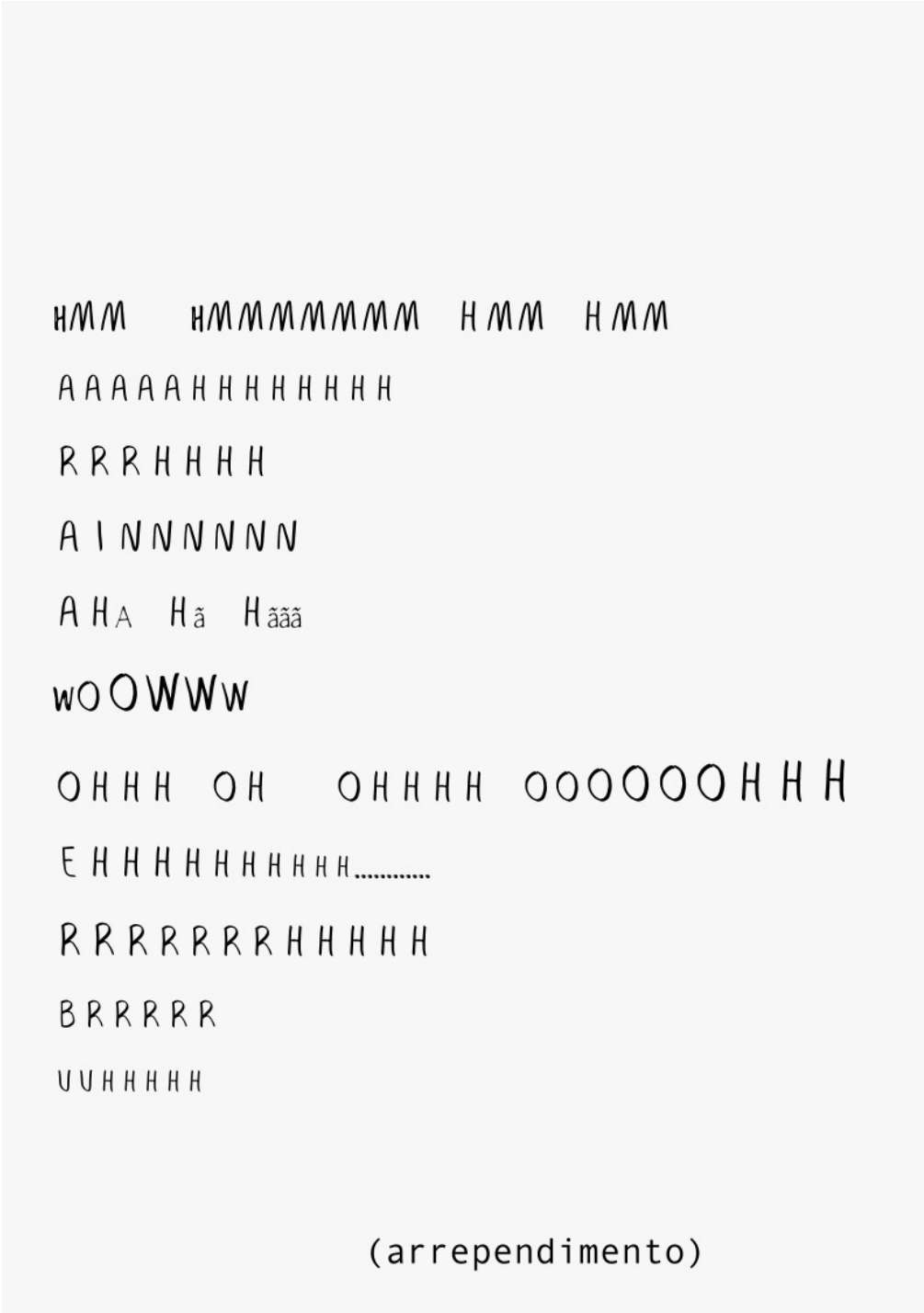
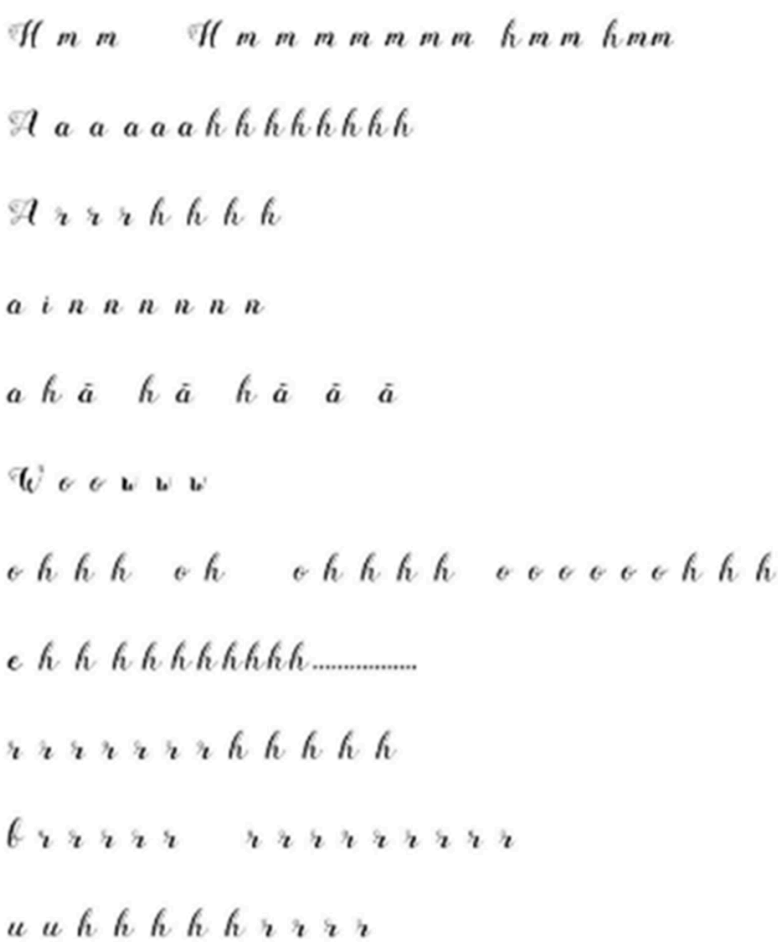


Figura 22 – Partitura: Alívio



Arquivo pessoal.

"Circuladô de Fulô"

Há uma outra definição de *"site"* que se refere àquelas obras integralmente relacionadas com o seu entorno. A arte "*site"* condicionada ou determinada que, segundo Robert Irwin, extrai sua forma, intensidade, permanência e razão de ser no diálogo com o "*site".* Segundo este artista, o processo de reconhecimento da obra rompe com as convenções da referência abstrata de conteúdo, linhagem histórica, estilo do artista etc. Neste tipo de "*site"* cabe ao observador dar sentido à obra, uma vez que este terá os mesmos tipos de referências utilizadas para apreender a obra que os elementos utilizados pelo artista na sua elaboração.

A artista Anne Courtois, partindo da taxonomia das flores registrada nas placas de sinalização do jardim da Casa das Rosas, propõe uma intervenção neste espaço informacional. A taxonomia é uma disciplina biológica que define os grupos de organismos biológicos com base em características comuns e dá nomes a esses grupos. O próprio nome do museu tem relação com o seu vasto jardim repleto de roseiras.

Figura 23 – Placa de sinalização no jardim da Casa das Rosas.

Figura 24 – Intervenção nas placas de sinalização no jardim da Casa das Rosas. (Foto 1)

Figura 25 – Intervenção nas placas de sinalização no jardim da Casa das Rosas. (Foto 2)

Arquivo pessoal.

Este trabalho foi realizado dentro do evento Hora H, homenagem aos 15 anos da morte do poeta Haroldo de Campos. Nele, a artista propôs aos integrantes do grupo que inventassem nomes de rosas a partir de trechos de poesias de Haroldo de Campos. A partir dos nomes propostos pelos integrantes da Cooperativa, a artista criou os textos e elaborou o design gráfico das páginas. Este trabalho teve por base a espacialidade da poesia concreta e da poesia figurada barroca e foi impresso como panfletos, tamanho A4, para serem distribuídos ao público.

Figura 26 - Panfletos distribuídos. (Foto 1)

Hora H 2018 , inspiração : versos de Graal - Legenda de um cálice de Haroldo de Campos; fundo anagrama poético Luís Nunes Tinoco

Figura 27 - Panfletos distribuídos. (Foto 2)

Arquivo pessoal.

A proposta inicial de Anne Courtois era trocar as placas do jardim por estes poemas visuais. Porém, por se tratar de um prédio tombado pelo CONDEPHAAT, existem limites para interferências no espaço. Em função disso, o trabalho foi adaptado para uma ação performática. Como florista, carregando uma cesta, a artista distribuiu para o público que passava pelo jardim da Casa das Rosas os textos que foram enrolados em formato de cone com papel celofane vermelho. Além desta ação performática, as placas indicativas dos nomes das rosas, já que não puderam ser substituídas, foram cobertas com nomes carregados de ironia em cartazes instalados de forma precária, evidenciando o caráter efêmero da ação também nesta operação interventiva.

Figura 28 - *Circuladô de Fulô* – Ação Performática. 2017

Arquivo pessoal.

Através dos conceitos ligados a especificidade do "site", onde a dimensão discursiva *"é delineada como campo de conhecimento, troca intelectual ou debate cultural"* é possível ter maior amplitude nas relações entre as ações e os espaços ocupados, que já não são vistos apenas em termos de localidade real com caráter fixo e regulador, como eram as propostas de campo ampliado no início dos anos 1970.

Apesar das separações feitas para analisar os trabalhos acima, talvez ainda de forma esquemática, os três paradigmas propostos por Miwon Kwon, a saber: o fenomenológico, o social/institucional e o discursivo se sobrepõe e operam simultaneamente em várias práticas culturais ou mesmo dentro de um projeto artístico. Por isso considero que no embate entre especificidades, pluralidades e discursividades, o mais significativo nas práticas artísticas contemporâneas é o tensionamento que se estabelece entre disciplinas, meios, linguagens e tudo aquilo que se cria a partir do "entre", espaço fronteiriço que, ao mesmo tempo em que se coloca separando, põe as diferenças em contato.

3.2. Da especificidade do site à inespecificidade da estética.

O "entre" implica em colocar as diferenças em contato, a diversidade em relações mútuas, e é nestes interstícios que coloco meus interesses como artista. Traço paralelos entre o campo ampliado da escultura, com seus desdobramentos, e a poesia expandida como base de sustentação em meu próprio percurso como artista visual que tem os códigos verbais como matéria-prima, a imagem como inquietação e o espaço como provocação. Mas como todo percurso implica em experimentações, desdobramentos e descoberta de outros olhares, esta pesquisa de mestrado me levou a outros "pensares".

Ao longo das últimas décadas as noções de especificidade foram tão expandidas, a fim de abarcar trabalhos que apresentam questões envolvendo acervos, informações, múltiplas linguagens e todo um complexo sistema de relações sociais, políticas e culturais, tornando-se tão porosas que outras abordagens podem ser mais indicadas para tantos agenciamentos presentes na arte contemporânea. Neste sentido, o conceito de inespecificidade da estética tenta dar conta de como diferentes campos, meios e linguagens, quando colocados em relação, questionam não só as especificidades do campo e seus aspectos formalistas, mas também a retirada de todo sentido de pertencimento como forma de pensar o potencial crítico da arte.

Nas propostas de Florencia Garramuño sobre a inespecificidade e expansão dos meios, seja em termos de materiais, suportes e práticas, a autora desdobra os movimentos que, desde a década de 60, se esforçavam para expandir os modelos de disciplinas artísticas, afirmando uma radicalização desta tendência. Em seu livro, "Frutos Estranhos: sobre a inespecificidade da estética contemporânea", cujo título faz referência direta a uma instalação de Nuno Ramos, a autora desenvolve questões ligadas à não especificidade da linguagem artística ao se deparar com obras que combinam uma série de elementos materiais, meios e formas diversas, assim como misturas, fragmentos e desenquadramento de gêneros e disciplinas.

Para apresentar o desconforto provocado por estas indeterminações, Florencia Garramuño avalia que *"algumas obras se equilibram num suporte efêmero ou precário; outras exibem uma exploração da vulnerabilidade de consequências radicais; em outras ainda o nomadismo intenso e o movimento constante de espaços, lugares, subjetividades, afetos e emoções tornam-se operações que se repetem vezes seguidas. Mas todas elas revelam, em seu conjunto – para além das diferenças formais entre elas – um modo de estar sempre fora de si, fora de um lugar ou de uma categoria próprios, únicos, fechados, prístinos ou contidos."*

Conceitos como *escrita fora de si* e *formas de não pertencimento* apontam para noções onde a escrita e seus modos discursivos encontram-se dentro de um sistema móvel, apontando para as transformações sofridas na contemporaneidade.[23] Tais conceitos questionam a especificidade pela utilização de meios ou suportes diferentes que se entrecruzam, podendo tratar-se de música, literatura, cinema, fotografia e poesia. Mas estes mesmos modos de entrecruzamentos também se aplicam, *"no interior do que poderíamos considerar uma mesma linguagem, desnudando-a em sua radicalidade mais extrema."* Este é um ponto central para a autora que vê na implosão da especificidade no interior de um mesmo meio, material ou suporte o fator mais instigante da aposta no inespecífico, um horizonte na produção de práticas contemporâneas que, nas últimas décadas, viu abalada a ideia de especificidade através da multiplicação da arte multimídia. Para ela, a partir da implosão do específico no interior de uma mesma linguagem, o que se pode considerar realmente importante é o quanto os entrecruzamentos de fronteiras e as práticas de não pertencimento podem propiciar imagens de comunidades expandidas, onde as diferenças e heterogeneidades, com seus mundos de referências, possam conviver apesar de suas contradições e ambiguidades.

---

[23] Conceitos apresentados por Ana Kiffer no ensaio "A Escrita e o Fora de Si" no livro Expansões Contemporâneas: Literatura e outras formas. Editora Ufmg. Belo Horizonte, 2014.

Ao propor a desconstrução do que é próprio e da propriedade, indo "*além da identificação homogênea que funda o pertencimento",* Florencia Garramuño aposta na invenção do comum como base de renovação dos poderes de uma arte capaz de intervir no que não é arte, como um "*laboratório de ideias e de inspirações"* para convivermos com o diverso em progressiva abertura para alteridade.

Assim, encontro ressonância no campo expandido da poesia e nas proposições da Cooperativa da Invenção com as formas contemporâneas de manifestações e experimentações que, por se encontrar em campo fronteiriço e híbrido, além de ligar-se a diversos campos de pesquisa artística, fazem do diverso, do impróprio e do inespecífico seu lugar de morada. Uma casa de portas abertas para sujeitos nômades e impertinentes.

4. Considerações Finais

Por se tratar de campo de pesquisa com muitas fronteiras, procurei abordar a Poesia Expandida a partir dos modos de operação por considerar que a amplitude do tema possibilitava grande diversidade de caminhos. Ao longo da pesquisa do mestrado e da escrita da dissertação, fui percebendo que caminhos foram priorizados em detrimento de outros. São escolhas inerentes e inevitáveis dentro do processo sempre aberto de criação e pesquisa, mas que deixaram espaço para possibilidades de futuras leituras e outros recortes, considerando que tanto a pesquisa, quanto a produção artística, nunca são pontos de chegada, vejo-as como processo em contínuo desdobramento.

O projeto inicial previa alguns eixos de relação, a saber: palavra-imagem, palavra-espaço e palavra-ação. Tais eixos foram propostos como norteadores para a análise de alguns trabalhos que realizei e que foram apresentados no primeiro capítulo. Contudo, ao longo da pesquisa, pude perceber que estes binômios seriam reducionistas para abordar experiências mais híbridas e ampliadas, realizadas pela Cooperativa da Invenção nas Ocupações Artísticas na Casa das Rosas.

Assim, no campo ampliado da poesia a abordagem a partir dos “sites” me pareceu um caminho possível para relacionar alguns trabalhos das Ocupações Artísticas da Cooperativa da Invenção com as especificidades do espaço, tanto por seus aspectos físicos quanto discursivos. Além disso, considero que a própria documentação criada pelos registros fotográficos é uma forma de colocar em expansão a identidade dos trabalhos realizados e das experimentações produzidas pela Cooperativa.

Muitas vezes buscamos interlocução poética com artistas já conceituados, ou a partir de artistas já estabelecidos na história da arte, para nos servir de referência artística, e é claro que esta é uma ótima forma de reflexão sobre processos artísticos. Contudo, no exercício criativo diário, é com amigos e colegas que mais estabelecemos diálogos, com quem mais trocamos experiências e angústias criativas. Para mim tornou-se quase um imperativo poético fazer o registro das ações da Cooperativa, na medida em que tantas intensidades, tantas

trocas, tantos trabalhos potentes foram realizados em conjunto, mas de forma efêmera e sem a pretensão de estabelecermos registros que lhes desse uma dimensão temporal diferente das ações ao vivo.

Não sei se as experiências da Cooperativa poderão ser referência para mais alguém além dos que participaram dela, mas é certo que sem os registros não teriam a menor possibilidade de ser. Espero que o Catálogo, produzido nesta pesquisa, possa cumprir esta função e que futuros desdobramentos da pesquisa possam continuar expandindo outros horizontes poéticos.

Referências

AGUILLAR, Gonçalo. **Poesia Concreta Brasileira***:* As vanguardas na encruzilhada modernista*.* São Paulo: Edusp – Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

AGUILLAR, Gonçalo; CÁMARA, Mario. **A máquina performática** – A literatura no campo experimental. Tradução de Gênese Andrade. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

ANTONIO, Jorge Luiz. **Poesia Digital**: negociações com processos digitais – teoria, história, antologias*.* São Paulo: Navegar Editora, 2010.

BARTHES, R. **A Câmara Clara***.* Lisboa: Edições 70, 2006.

BARTHES, R. **O Prazer do texto**. 6. ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2013.

BENJAMIM, W. **Magia e Técnica Arte e Política**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

BRUSCKY, Paulo. **História da poesia visual brasileira** (Catálogo). São Paulo: Ed. Sesc, 2019.

CAMPOS, Haroldo de. **A arte no horizonte do provável***.* São Paulo: Perspectiva, 2010. (Coleção Debates: 16)

CAMPOS, Haroldo de. **O Arco-Íris Branco:** ensaios de literatura e cultura. Rio de Janeiro: Imago Ed. 1997.

CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de; PIGNATARI, Décio. **Teoria da poesia concreta** – textos críticos e manifestos 1950-1960. São Paulo: Duas Cidades, 1975.

DIDI-HUBERMAN, G. **O que vemos e o que nos olha***.* São Paulo: Editora 34, 1998.

DIDI-HUBERMAN, G. **Imagens apesar de tudo.** São Paulo: Editora 34, 2020.

ECO, Humberto. **Sobre espelhos e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

GARRAMUÑO, Florencia. **Frutos Estranhos** – sobre a inespecificidade na estética contemporânea*.* Rio de Janeiro: Editora Rocco. 2014

FLUSSER, Vilém. **Ensaio sobre a Fotografia** – Para uma filosofia da técnica. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1998.

FLUSSER, Vilém. **O mundo Codificado:** por uma filosofia do design e da comunicação. Organizado por Rafael Cardoso. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

KHOURI, Omar. **Revistas na era pós-verso** – revistas experimentais e edições autônomas de poemas no Brasil dos anos 70 aos 90. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

KIFFER Ana Paula; GARRAMUÑO, Florencia. Organizadoras. **Expansões Contemporâneas***:* literatura e outras formas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

KRAUSS, Rosalind. A escultura no campo ampliado*. In:* **Arte & Ensaios**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais EBA-URFJ, ano XV, n.17, 2008, p.128-137.

KRAUSS, Rosalind. **A Voyage on the North Sea: Art in the Age of the Post-Medium Condition***.* London: Thames e Hudson, 2000.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à Semanálise.** 3. ed. revista e aumentada. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012.

KWON, Miwon*.* Um lugar após o outro: anotações sobre site-specificity*. In*: **Arte & Ensaios -** Revista do Programa de Pós Graduação em Artes Visuais da EBA-URFJ, Rio de Janeiro, ano XV, n.17, 2008, p.166-187.

LEONE, Luciana di. **Poesia e escolhas afetivas:** edição e escrita na poesia contemporânea. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

LIMA, Hélida de. **Lenora de Barros** –Poesia Expandida*.* Dissertação de Mestrado em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2017.

MATIA, Kátia Caroline de. **Poesia Expandida**: a escrita poética no ciberespaço. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá. 2013.

PERIUS,O. Walter Benjamin: considerações sobre o conceito de História. **Tempo da Ciência**, *[S.l.]*, v. 16, n. 32, p. 123-135, 2000. Disponível em: https://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/8800. Acesso em 08 nov. 2021.

PIGNATARI, Décio. **A metalinguagem da Arte**. [*S.l.*]:Ed. Escrita. 1976.

PIGNATARI, Décio. **O que é comunicação poética**. Cotia: Ateliê Editorial, 2005.

PIGNATARI, Décio. **Contracomunicação**. 3. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

POUND, Ezra. **ABC da Literatura**. Organização e apresentação da edição brasileira: Augusto de Campos; Tradução de José Paulo Paes, Augusto de Campos. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

REZENDE, Renato de Azevedo. **Ações plástico-performáticas, políticas e filosóficas da poesia brasileira**. Dissertação de Mestrado em Artes. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

RISÉRIO, Antonio. **Ensaio sobre o texto poético em contexto digital**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; Copene, 1998.

ROIPHE, Alberto (Org.). **Literatura e Artes Visuais**: possíveis articulações. Aracaju: Criação Editora, 2020.

SANTOS, Roberto Corrêa dos; REZENDE, Renato. **No Contemporâneo, Arte e Escritura Expandidas**. Rio de Janeiro: Editora Circuito; Faperj, 2011.

SENNETT, Richard. **Juntos**: Os rituais, os prazeres e a política da cooperação. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório** – Performance e memória cultural da América. Minas Gerais: Ed. UFMG, 2013.

ZANI, R. Intertextualidade – Considerações sobre o Dialogismo. *In*: **Revista Em Questão**, v. 9, n. 1. Porto Alegre, 2003. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/65. Acesso em: 08 nov. 2021.

Anexo

Entrevistas realizadas por e-mail, no período entre Março e Agosto de 2020, com artistas participantes da Cooperativa da Invenção, no ano de 2017.

Caros artistas,

Gostaria de convidá-los a compartilhar comigo suas memórias, experiências e realizações na Cooperativa da Invenção, um projeto de Júlio Mendonça, do Centro de Referência Haroldo de Campos, que serviu de estímulo para muita criação livre e expandida.

Durante o ano de 2017 lançamos a Revista CTRL+Verso e realizamos 03 Ocupações: Ctrl+Verso, Alienânsia e Ó dios! Ó dias! Foram realizadas mais de 40 proposições entre performances, instalações, intervenções, poemas visuais, sonoros, tipográficos, interativos, projetados, impressos, falados e cantados. Tudo mostrado em tão pouco tempo que, se não fossem alguns registros, ficaríamos apenas com a lembrança da intensidade e da riqueza da experiência.

Por isso peço que compartilhem comigo sua vivência e realizações respondendo a um questionário que fará parte da minha pesquisa de mestrado.

Meu tema é a Poesia Expandida como modo de operar entre Imagens, Espaços, Palavras e Ações. Terá como objeto de estudo as Ocupações Artísticas realizadas na Casa das Rosas no ano de 2017.

Para preservar os entrevistados, caso, em suas respostas, surjam assuntos pessoais e/ou confidenciais, fora do tema específico desta pesquisa, a resposta poderá ser editada. Neste caso, os pontos editados serão indicados com a marca: [...]

Tenho certeza que estas entrevistas serão uma grande contribuição para a pesquisa que pretende elaborar um memorial das experimentações realizadas pela Cooperativa da Invenção, colaborando com a construção do panorama de poéticas que extrapolam os suportes tradicionais e que se afirmam como experiência estética pela multiplicidade de formas, meios, linguagens e sentidos, no contexto da poesia e da arte contemporânea.

1. Nome: André Teles

Área de Atuação: Poesia, Música e Teatro

1-) Descreva seu trabalho como artista: o que faz, quais suas motivações e proposições poéticas. Relate também sobre suas referências artísticas.

Meu trabalho autoral é variável, eu componho trilhas sonoras, peças de Poesia sonora, peças eletroacústicas, e escrevo poesia.

2-) O que te motivou a se inscrever na Cooperativa de Invenção?

O contato com artistas e criadores de diversas áreas e vertentes artísticas e a proposta multidisciplinar e multi-linguagens dos encontros. O trabalho com voz e poesia sonora/falada também era um atrativo.

3-) Quais trabalhos/intervenções você realizou individual ou coletivamente nas Ocupações da Cooperativa? Lembrando que no ano de 2017 foram realizadas 03 Ocupações:

a-) CRTL+Verso (julho): Participação com poemas visuais projetados em Poesia na Janela ("Outubro" e o "relógio")
b-) Alienânsia (outubro) - Anticoro (coletiva)
c-) Ódios! Ódias! (dezembro) – Eu Recibo Poemas (individual)

4-) No momento da intensidade do processo criativo o fazer prático impõe sua emergência. Passado todo este tempo e pensando em um memorial poético, como você descreveria e analisaria as obras que você realizou/participou?

Eu propus poucas coisas individuais e participei mais de trabalhos coletivos que utilizassem a voz, por possuir experiência musical e de coral. Mas também propus um trabalho com impressão de poemas em recibos de cartão, que é algo tão cotidiano e está presente em tantos momentos da vida, mas propus essa ressignificação.

5-) O que significou para você participar das Ocupações com a Cooperativa da Invenção? Esta experiência teve algum impacto no seu percurso artístico e em seus trabalhos posteriores?

A experiência da cooperativa me trouxe um contato com muitas vertentes da poesia experimental de maneira prática, o aprendizado de ferramentas digitais para construção de poemas visuais e um trabalho prático com a minha própria voz, que me motivou bastante. Estes contatos enriqueceram muito a minha sensibilidade e repertório artístico, apesar de eu não ter seguido criando nas linguagens propostas.

6-) Do ponto de vista da recepção das obras como você percebe a participação do público diante dos trabalhos realizados?

O público era bastante participativo e curioso, e como a maioria das obras propunha algum tipo de interação, eram parte necessária e de certa motivador da experiência das ocupações.

7-) Em função da intensa profusão de ideias, poéticas, propostas e projetos realizados nas 3 Ocupações (algo em torno de 45 trabalhos), como você avalia e analisa este tipo de experiência artística? É possível identificar os fatores que contribuíram para tamanha profusão e intensidade?

O espaço aberto para tantos disparadores e linguagens diferentes, sem nenhum um tipo de restrição ou limitação prévia, possibilitou que os artistas envolvidos se engajassem na criação coletiva de seus próprios trabalhos, e de trabalhos que surgiram por causa dos encontros e da troca de referências e estímulos artísticos.

8-) Como você percebe e analisa a efemeridade dos processos e obras realizadas pela Cooperativa nas Ocupações da Casa das Rosas?

A efemeridade das obras era uma parte fundamental da experiência, sendo tanto pelas restrições do prédio público tombado, quanto pela proposta de ações que visassem uma transformação momentânea do espaço cotidiano e levassem alguma interação poética ou proposta de transgressão do convívio, como as performances realizadas.

9-) Você identifica algum processo de significação política nas ações realizadas pela Cooperativa? E nos trabalhos que você realizou?

A maioria dos trabalhos apresentados possuía algum caráter de contestação política, seja sobre o questionamento da ordem vigente de maneira mais direta, quanto mais indireta, como nas propostas de subversão da poesia tradicional, ou de subversão do que seria um coro clássico (Anticoro).

10-) Você identifica algum tipo de ligação entre o contexto histórico/social e as ações da Cooperativa durante o ano de 2017?

Naquele ano pós impeachment, um dos grandes motivadores era protestar contra o presidente Temer, e as ações do prefeito João Dória, que não tenho na memória exatamente o quê, mas me recordo que provavelmente era a questão imobiliária/gentrificação.

11-) Caso queira, deixe aqui outras informações/depoimentos que considerar importante.

2. Nome: Anne Courtois

Área de Atuação: Artes plásticas, poesia visual e cenografia

1-) Descreva seu trabalho como artista: o que faz, quais suas motivações e proposições poéticas. Relate também sobre suas referências artísticas.

Me formei e iniciei meu trabalho artístico na França nos anos 90 e estou no Brasil desde 1995. Minhas obras surgem da confluência entre situações da vida privada e acontecimentos sociais. Por meio de objetos domésticos, que associo com anagramas, procuro questionar a ordem corriqueira de forma provocativa, encontrando, sob a aleatoriedade das convenções, outros meios de compreensão e ação.
Integrei o Núcleo de Poesia Expandida da Casa das Rosas em 2017, participando de diversas intervenções performativas de forma individual e coletiva.

2-) O que te motivou a se inscrever na Cooperativa de Invenção?

Saber o que podia significar "Poesia expandida", se me incluía nisso e também encontrar artistas e poetas fora de lugares privatizados, como dos grupos organizados em ateliê e galerias.
As pesquisas propostas pela equipe de professores sobre tecnologia, voz , história da Poesia visual eram também de muito interesse, até porque conhecia bem pouco desse universo da poesia visual e concreta.

3-) Quais trabalhos/intervenções você realizou individual ou coletivamente nas Ocupações da Cooperativa? Lembrando que no ano de 2017 foram realizadas 03 Ocupações: CRTL+Verso em julho), Alienânsia em outubro e Ódios! Ódias! em dezembro.

Participei de Alienânsia e de Ódios! Ódias!

4-) No momento da intensidade do processo criativo, o fazer prático impõe sua emergência. Passado todo este tempo e pensando em um memorial poético, como você descreveria e analisaria as obras que você realizou/participou?

Como momentos privilegiados, em um lugar privilegiado.

5-) O que significou para você participar das Ocupações com a Cooperativa da Invenção? Esta experiência teve algum impacto no seu percurso artístico e em seus trabalhos posteriores?

Teve impacto, com certeza sim, pois introduziu-me a um grupo de poetas atuantes, provindos de diversos horizontes e abertos para produzirmos juntos.

6-) Do ponto de vista da recepção das obras, como você percebe a participação do público diante dos trabalhos realizados?

Diria que esse aspecto é o mais importante. É uma casa e é pública. A maioria do público não chega à Casa das Rosas para ver uma exposição ou uma intervenção artística, mas se depara com ela. Isso é uma delicia, pois as reações são espontâneas, surpresas e, na maioria, positivas. As pessoas se sentem à vontade para perguntar e participar. Senti muito isso, pois minhas proposições envolviam, de forma direta, a participação do público, e em diversas ocasiões de forma provocativa. Ao mesmo tempo, procurei difundir uma certa generosidade da ação, no sentido que sempre me preocupei com a forma de interagir com o público, de não fazer da performance "um prazer solitário", voltado sobre sim mesma. Me pareceu importante, por exemplo, que a pessoa pudesse levar algo, um impresso, uma carimbada, lembrete da sua participação.

7-) Em função da intensa profusão de ideias, poéticas, propostas e projetos realizados nas 3 Ocupações (algo em torno de 45 trabalhos), como você avalia e analisa este tipo de experiência artística? É possível identificar os fatores que contribuíram para tamanha profusão e intensidade?

O primeiro fator, foi ter uma equipe organizadora primorosa, aberta e incentivadora.
O segundo me parece ser o coletivo, o desejo de fazer algo juntos, embora respeitando a especificidade criativa e projeto individual. Tensionar-se juntos, na mesma direção, não significou nunca fazer todos a mesma coisa, mas agir de forma colaborativa e orgânica participando de um mesmo evento. Mas para que algo aconteça de fato,

precisa ter uma estrutura incentivadora e acolhedora, um lugar cujo papel e dinâmica potencialize, de certa forma, uma ação, permitindo concretiza-la. Deve existir uma coerência de espírito e, portanto, politica e cultural, entre os diferentes envolvidos, da concepção do projeto até sua realização pública.

8-) Como você percebe e analisa a efemeridade dos processos e obras realizadas pela Cooperativa nas Ocupações da Casa das Rosas?

Como algo vivo, um encontro sempre diferente, é isso que vale. Essa efemeridade conversava com o momento, suas questões e as expressava diretamente.

9-) Você identifica algum processo de significação política nas ações realizadas pela Cooperativa? E nos trabalhos que você realizou?

Sim. São políticas na sua essência, pois são expressão de uma politica cultural pública, com princípios democráticos e de não elitização da arte. Participar dessas ações significou para todos os artistas envolvidos, disponibilizar tempo e também tirar dinheiro do bolso. Isto significa envolvimento social para concretizar um projeto destinado ao público em geral, não um público predestinado a apreciar ou predeterminado por um circuito cultural socialmente privilegiado. Isso é um tipo de engajamento político. Isso não significa que todas as ações tenham um conteúdo politizado, embora o momento politico que passávamos e continuamos passando, não deixa escolha para não ser.

10-) Você identifica algum tipo de ligação entre o contexto histórico/social e as ações da Cooperativa durante o ano de 2017?

11-) Caso queira, deixe aqui outras informações/depoimentos que considerar importante.

3. **Nome: Carmen Cardoso Garcia**

Área de Atuação: Pesquisadora e artista

1-) Descreva seu trabalho como artista: o que faz, quais suas motivações e proposições poéticas. Relate também sobre suas referências artísticas.

Considero-me uma artista sobre fronteiras. Interessa-me o limite entre imagem e palavra, onde a palavra pode ser vista como desenho, como objeto, como sujeito que se desloca entre países; Eu observo o formato de palavras transitando entre sentidos, uma mesma palavra ultrapassando fronteiras idiomáticas, ocupando diferentes sentidos em diferentes lugares.

Para evidenciar as características plásticas que me interessam busco a técnica que pode ajudar meu projeto. Portanto, desenvolvo trabalhos em vídeo, bordado, costura, impressões, performances, etc.

2-) O que te motivou a se inscrever na Cooperativa de Invenção?

A busca por interlocução. Encontrei a divulgação da Cooperativa na programação da Casa das Rosas. Eu frequentava o espaço e já havia feito alguns cursos. No momento em que me inscrevi para a Cooperativa também me inscrevi para o CLIPE Poesia 2017. Eu havia me formado em Artes Visuais no fim de 2013 com um trabalho em poesia visual e estava precisando falar sobre poesia e experimentação. Passei a frequentar a Casa às terças (CLIPE) e quintas (Cooperativa) à noite e sábados (CLIPE de manhã, Cooperativa à tarde).

3-) Quais trabalhos/intervenções você realizou individual ou coletivamente nas Ocupações da Cooperativa? Lembrando que no ano de 2017 foram realizadas 03 Ocupações:

a-) CRTL+Verso (julho) Carmen/Fábio/Gabi - Ai Love You - Poema Interativo

Marianna/Carmen - Ilha de um eu perdido - Vídeo Instalação + Performance

b-) Alienânsia (outubro) Rita, Fábio, Carmen - Rallo Inn - Vídeo Poema Interativo
Anticoro

c-) Ódios! Ódias! (dezembro) - Célia e Carmen – Amathumbu - Instalação Sonora
Anticoro

4-) No momento da intensidade do processo criativo o fazer prático impõe sua emergência. Passado todo este tempo e pensando em um memorial poético, como você descreveria e analisaria as obras que você realizou/participou?

5-) O que significou para você participar das Ocupações com a Cooperativa da Invenção? Esta experiência teve algum impacto no seu percurso artístico e em seus trabalhos posteriores?

Resposta 4 e 5:

Ai love you: Instalação interativa montada com Fabio Navarro e Gabi Biga.

O trabalho partiu de um poema visual meu de 2013, que, embora evocasse sonoridade, existindo na leitura, estava impresso e emoldurado.

Ele foi apresentado ao grupo acho que logo na segunda aula, quando fomos convidados a levar algum trabalho que gostaríamos de mudar de formato. Ainda não sabíamos com quais os recursos.

Quando o Fabio Fon apresentou a placa *make make* e suas possibilidades (Por exemplo: disparar uma faixa de áudio tocando em uma banana!) dentro de um ambiente cheio de poetas e artistas experimentais, uma porta se abriu.

Além deste recurso, semanalmente íamos conhecendo o funcionamento de programações, gifs, recursos vocais, gravações de áudio, edições...

O trabalho "ai love you" terminou sendo um experimento. Embora tivesse um pouco da carga de ser um "trabalho final" por utilizar muitas das técnicas aprendidas naquele espaço, existiu autonomamente e a tecnologia empregada em sua execução ia adicionando camadas, e já não se sabia ao certo se as técnicas iam sendo empregadas conforme aprendidas ou se ia se tornando necessário desenvolver a técnica que correspondesse a

ideia primeira, tamanho casamento entre técnica e poética, ambas se fundiram. As discussões com o grupo que desenvolveu o trabalho também tinham essa característica. Embora o poema fosse de minha autoria, as conversas iam chegando a propostas e soluções com complementariedade e afinação.

Para a montagem foram gravadas 47 faixas entre a maioria dos participantes da cooperativa. Variando as entonações entre satisfação, prazer, dor, alívio, susto, etc, cada pessoa gravou aproximadamente 5 versões da palavra *ai*, 2 de *love* e 2 de *you.* Uma programação feita por Fabio Navarro fazia disparar aleatoriamente uma das faixas cada vez que a placa *make make* era ativada.

A instalação contava com uma mesa central com dois bancos, um de cada lado, uma barra de ferro e um disco de ferro, que formavam um ponto de exclamação ou a letra i, dependendo de qual dos bancos o visitante estivesse ocupando. Um circuito montado com as placas *make make* fazia com que, ao tocar um dos objetos de metal e a pessoa à frente simultaneamente uma das faixas disparasse. Os visitantes ficavam olhando-se, se tocavam a mão, o rosto e até se beijavam enquanto o som ia, aleatoriamente e no ritmo dos toques, disparando as faixas. A sala estava iluminada apenas por um abajur. Na mesa em frente a cada um dos bancos uma placa indicava que os visitantes deveriam tocar no metal e um no outro simultaneamente.

Sinto que a instalação "ai love you" inaugurou um desvio da palavra escrita. Enquanto eu vinha de um percurso acadêmico e artístico com grande foco na visualidade das palavras, o poema interativo aprofundou a predominância do que Jakobson descreveria como a função poética: "A mensagem que evidencia a mensagem", significando para mim que essa mensagem poderia ir além do bidimensional. A ideia purista da palavra escrita, estática, foi dissolvida. Ali a palavra era som, símbolo e toque.

Eu já tinha realizado trabalhos em outros formatos, como vídeo e performance, mas ainda não tinha experimentado fazer poesia interativa ou sonora. Hoje em dia entendo que transito muito mais entre linguagens e vejo nessa montagem um grande marco.

Mesmo tendo sido o primeiro trabalho apresentado junto à Cooperativa, considero que seja o principal trabalho que desenvolvi ali.

6-) Do ponto de vista da recepção das obras como você percebe a participação do público diante dos trabalhos realizados?

Os três eventos lotaram a Casa das Rosas. Em alguns momentos havia fila para visitar as instalações e o clima se preenchia com euforia.

Uma parte do público era formada por convidados dos participantes e mesmo com os outros, o ambiente era familiar, os visitantes estavam abertos e contentes de poder conversar com os artistas propositores dos trabalhos que terminavam de ver/participar/criar.

Parece que a concentração das ações em um dia intensificava as horas do evento e parecia que era um espetáculo, e os visitantes iam buscando as cenas escondidas dentro do banheiro, no orquidário, na escadaria.

7-) Em função da intensa profusão de ideias, poéticas, propostas e projetos realizados nas 3 Ocupações (algo em torno de 45 trabalhos), como você avalia e analisa este tipo de experiência artística? É possível identificar os fatores que contribuiram para tamanha profusão e intensidade?

8-) Como você percebe e analisa a efemeridade dos processos e obras realizadas pela Cooperativa nas Ocupações da Casa das Rosas?

9-) Você identifica algum processo de significação política nas ações realizadas pela Cooperativa? E nos trabalhos que você realizou?

10-) Você identifica algum tipo de ligação entre o contexto histórico/social e as ações da Cooperativa durante o ano de 2017?

Resposta: 7, 8, 9 e 10:

Algo de muito especial aconteceu nesses três dias. Como se fosse aniversário de todo mundo ao mesmo tempo.

Podíamos ver nossas contribuições nos trabalhos dos outros. Existia uma cordialidade/respeito/admiração no trato entre todos.

Seria possível dizer que é um “desperdício” tamanho trabalho para durar apenas algumas horas, mas não sei dizer se é essa concentração o ingrediente para condensar e fazer ebulir o ambiente da forma como se deu.
Acho que foi um encontro feliz de artistas. Um espaço acolhedor, proponentes dispostos. Ainda não sabíamos que o Brasil já tinha acabado.
Talvez tivéssemos esperança.

11-) Caso queira, deixe aqui outras informações/depoimentos que considerar importante.

4. Nome: Célia Barros
Área de Atuação: Artes visuais

1-) Descreva seu trabalho como artista: o que faz, quais suas motivações e proposições poéticas. Relate também sobre suas referências artísticas.

Sou artista, curadora e educadora. Apesar de muitas vezes realizar minha atividade profissional em determinadas funções específicas, entendo minha prática de criação como um todo, onde aspectos como processos de criação coletivos entre artistas e público, desestabilização das hierarquias entre a produção artística, produção de conhecimento sobre arte e cultura, se conversam de projeto para projeto. O texto poético surge a partir das experiências de mediação, desde a curadoria e os projetos educativos em arte: até onde é possível não explicar sem frustrar? O que é possível dizer sobre a criação poética? A palavra pode funcionar como uma ponte para um processo criativo desde o não entendimento? O não dito abre espaço para o que é dito?

2-) O que te motivou a se inscrever na Cooperativa de Invenção?

Pela presença do texto poético em alguns dos meus trabalhos senti necessidade de investigar mais essas possibilidades. Estava interessada também na possibilidade de introduzir um caráter mais performático ao meu trabalho e a Cooperativa oferecia boas ferramentas para trabalhar isso.

3-) Quais trabalhos/intervenções você realizou individual ou coletivamente nas Ocupações da Cooperativa? Lembrando que no ano de 2017 foram realizadas 03 Ocupações:

a-) CRTL+Verso (julho)

b-) Alienânsia (outubro)

c-) Ódios! Ódias! (dezembro). Em todas.

4-) No momento da intensidade do processo criativo o fazer prático impõe sua emergência. Passado todo este tempo e pensando em um memorial poético, como você descreveria e analisaria as obras que você realizou/participou?

Hmmm

A instalação sonora realizada no banheiro da Casa das Rosas no contexto da Ocupação CRTL+Verso foi até agora a mais significativa no que diz respeito à sua relevância dentro da minha trajetória artística individual. Não entender, é para mim algo que precisamos valorizar mais dentro dos processos criativos, tanto dos artistas como do público. Na verdade, na nossa vida como um todo, não entender é uma presença constante que evitamos assumir. Trata-se de uma pesquisa que venho desenvolvendo desde o mestrado que realizei na Universitat de Barcelona, onde investiguei o "O não entendimento como processo de criação". O meu interesse pelo "não entendimento" se dá pela minha experiência em curadoria e mediação de exposições, onde o diálogo com o público acontece de forma mais enfática, diferente de quando trabalho apenas como artista.

Trabalhando em contato direto com o público ou pensando nele como interlocutor, é inevitável lidar com a necessidade de satisfação do entendimento com relação às obras. Público e instituições, nos cobram das mais diversas formas, implícitas e explicitas, que você informe o "conteúdo das obras", como se, tratando-se de propostas artísticas, isso realmente existisse. Sabendo de antemão que não só não é possível, como ainda podemos cair no erro de "matar a obra", no sentido de reduzir a leitura da obra a um único significado, nos vemos num dilema contínuo entre oferecer pontes de diálogo e manter o estranhamento necessário que possibilite gerar novas e outras compreensões, não só das obras, mas do mundo como um todo. A saída é pela poesia, ou como Haroldo de Campos tão bem expressou, pela "transcriação". Mais do que explicar, a ideia é gerar *loopings* poéticos geradores de novas proposições. Sendo assim, "Não Entendo" surge como proposição poética durante o

mestrado e retomo como ferramenta de mediação na Revista CRTL+Verso, assim como na Ocupação do mesmo ano.

Hmmm parte de uma partitura visual de fonemas vocalizados por diversas pessoas que interpretaram livremente o tom e o modo de externá-los.

Ao entrar no banheiro o visitante é surpreendido com alguns vocábulos sonoros que se aproximam a suspiros que, dependendo de como possam ser interpretados, oscilam entre o alivio, esforço, prazer, a dúvida, o entendimento ou o arrependimento. No limiar do verbo, o conjunto de fonemas se alterna em diversos ritmos provocando um desconcerto sobre o que pode estar prestes a acontecer.

Poesia na janela - Não entendi

A partir da proposta de Rita Balduíno retomei a obra "NO ENTIENDO" desta vez traduzindo por "NÃO ENTENDI".

Aproveitei novamente para expor esta obra num espaço de arte juntamente com outros discursos artísticos. Assim, tal como realizado no Centre Santa Monica em plena Las Ramblas de Barcelona em 2012, perante um público que geralmente reage como vítima por não ter acesso aos códigos de compreensão da arte, a obra reivindica do espaço artístico o mesmo "não entendo".

Agora, na Av. Paulista "NÃO ENTENDO" pode ser lido de várias formas dependendo do repertório e das experiências de cada transeunte, desde as mais variadas situações políticas que ocorrem no espaço público. Pode tanto sugerir um grito de dentro de quem se não entende a si mesmo ou a seu próprio sistema, quanto simular as vozes externas de alguém que se sente excluído dos códigos particulares da arte contemporânea.

Do interior do espaço artístico que partilha com outros discursos, a ilegibilidade dá origem, ao mesmo tempo, a uma autoexclusão, que partilha a categoria de código que é preciso percorrer para compreender.

Amanthumbu

Para esta instalação sonora partimos de uma série de entrevistas sobre a fragilidade, que pertenciam a outro projeto "Elogio ao frágil" que estava desenvolvendo em paralelo. Amantumbu serviu como uma primeira abordagem desta questão da fragilidade em que algumas pessoas verbalizavam o que os entrevistados tinham expressado, sem conhecer o contexto completo.

Esta primeira experiência em paralelo com a Carmen Garcia, me ajudou muito na elaboração posterior da instalação "Vulto" do projeto "Elogio ao Frágil" que realizei no Parque Vicentina Aranha, em São José dos Campos.

Anti-coro

Perfomance vocal composta coletivamente por leitura de textos de Haroldo de Campos. A performance partia de um movimento e de entradas na leitura previamente combinadas e sendo a interpretação do texto livre segundo os performers. Anti-coro buscava o oposto do que consideramos uma correta declamação de texto: nem declamar, nem declarar, nem dizer o texto, no conjunto das vozes alternadas ou solapadas, o proferir do texto se tornaria uma eloquência sonora, ressoando de forma totalmente imprevisível, perdendo-se controle do que poderia ou deveria ser dito.

Burâculo

Instalação interativa, onde o visitante é convidado a eleger uma carta de um tarot subversivo. Elaborado a 7 mãos, Burâculo desilude qualquer possibilidade de encontrar uma solução para o futuro. Os participantes se dividiram entre programação, desenho das cartas, propostas sonoras e a composição e organização da instalação.

A performance acontece de modo individualizado. Anne Courtois performava o acolhimento do visitante encaminhando-o para a sala e orientando como proceder no atendimento. Para revelar a carta, ele teria que acionar o mecanismo que sortearia de forma aleatória o resultado.

Este é um dos projetos que amei realizar e sinto que ficou aquém do que pretendíamos, tanto pelo tempo que dispusemos para realizar como para acertar as cabeças. Valeria muito a pena afinarmos tanto o mecanismo como a performance!

Eu recibo - não entendo

A partir da proposta colaborativa do André, aproveitei a oportunidade para explorar um pouco mais as possibilidades de não entender, dentro de processos criativos. Até hoje penso muito em retomar esta proposta do André num contexto de mediação.

Banho Terapeutico

Performance coletiva audio-sinestésica de carácter confuso-catártico realizada no banheiro da Casa das Rosas. Atendimento individual.

Antes de entrar o visitante é vendado e já dentro do banheiro é orientado a se sentar numa poltrona. Quatro performers embalam o visitante vocalizando as palavras de Haroldo de Campos, enquanto um quinto performer solta aromas no ar compondo cheiros com as palavras.

Fone de Poesia - Os dedos dos pés e Pense positivo

Vende-se

5-) O que significou para você participar das Ocupações com a Cooperativa da Invenção? Esta experiência teve algum impacto no seu percurso artístico e em seus trabalhos posteriores?

Para mim foi uma experiência riquíssima, que abarcou desde ampliação de referências como nos trabalhos que geramos coletivamente. Os trabalhos desenvolvidos foram muito importantes para o meu desenvolvimento, em especial a possibilidade de "ocupar" a Casa das Rosas, com toda a liberdade de expressão.

6-) Do ponto de vista da recepção das obras como você percebe a participação do público diante dos trabalhos realizados?

Todas as ocupações tiveram muito tempo para se organizar e principalmente de montagem. Sendo assim, detalhes de mediação não foram tidos em conta e o público acabava ficando bastante perdido, com exceção daqueles que já gostam de se aventurar.

7-) Em função da intensa profusão de ideias, poéticas, propostas e projetos realizados nas 03 Ocupações (algo em torno de 45 trabalhos), como você avalia e analisa este tipo de experiência artística? É possível identificar os fatores que contribuiram para tamanha profusão e intensidade?

Minha impressão é que houve uma grande conexão entre os participantes, apesar de à primeira vista termos trabalhos bastante diversos. Algo que nos impulsionou muito foi sem dúvida o trabalho coletivo. Uma ideia ia

gerando outra que alavancava em outra… às vezes eu já tinha decidido que só ia fazer tal coisa, mas depois surgia uma ideia tão sedutora que seria impossível não querer fazer parte.

8-) Como você percebe e analisa a efemeridade dos processos e obras realizadas pela Cooperativa nas Ocupações da Casa das Rosas?

A efemeridade (uma tarde) em si, não me parece um problema, afinal entendo uma ocupação como uma provocação e não uma exposição. O problema é que devido a ser um evento efêmero não nos era dedicada muita estrutura, e por vezes senti que pelo fato de ser efêmero, se ficasse ruim seria só uma tarde e nada que gerasse uma visão negativa da experiência. A meu ver, os artistas se comprometiam muito com a organização e a casa não conseguia compartilhar da mesma energia, o que sem dúvida era frustrante e acabava influenciando a qualidade do evento.

9-) Você identifica algum processo de significação política nas ações realizadas pela Cooperativa? E nos trabalhos que você realizou?

Identifico em muito trabalhos, nos trabalhos que participei diretamente, isso ficou claro no Buráculo, que foi criado num momento de muitas incertezas.

10-) Você identifica algum tipo de ligação entre o contexto histórico/social e as ações da Cooperativa durante o ano de 2017?

Sim, foi um espaço de encontro, de troca e resposta ao que estava acontecendo no momento. Me lembro também de uma discussão muito pertinente sobre a real motivação para criar trabalhos politicamente engajados, uma vez que esse tipo de obra proliferara pelas artes em geral naquele momento, por vezes parecia que existia uma "obrigação" ou "moda" que geravam a necessidade em produzir "arte engajada". Por outro lado, como não dar resposta a ataques tão violentos aos direitos humanos, à liberdade de expressão?

11-) Caso queira, deixe aqui outras informações/depoimentos que considerar importante.

Saudades de todos vocês. Saudades de ver as criações e seguirmos criando juntos. Tenho pena de não termos conseguido dar continuidade a alguns projetos… ainda sonho com isso rsrs

5. **Nome: Eduardo Lopes**

Área de Atuação: Professor e poeta

1-) Descreva seu trabalho como artista: o que faz, quais suas motivações e proposições poéticas. Relate também sobre suas referências artísticas.

Sou poeta e escrevo sobre o mundo que vivo, periférico, perverso, distorcido, portanto, minha poesia também segue esses preceitos. Tenho muita influência do Haicai, e da poesia concreta, procuro lapidar o poema. Como um bom discípulo de Leminski eu vejo a Linguagem poética como uma arte marcial, e só aprendi a me defender ou dar voadoras, com a poesia.

2-) O que te motivou a se inscrever na Cooperativa de Invenção?

O aprendizado das mídias digitais para transformar meus trabalhos

3-) Quais trabalhos/intervenções você realizou individual ou coletivamente nas Ocupações da Cooperativa? Lembrando que no ano de 2017 foram realizadas 03 Ocupações:

a-) CRTL+Verso (julho) Edu Metuktire - **os pássaros** -Vídeo Poema/**Não se curve** - Videomapping/ Sintagma/Paradigma- Parceria **Fabio Navarro** e **Mariana Pernna**-Vídeo Poema

b-) Alienânsia (outubro) Edu Metuktire - Privatização/ Anticoro – Performance coletiva

c-) Ódios! Ódias! (dezembro) Toda nudez será perdoada-Performance individual/Instalação

4-) No momento da intensidade do processo criativo o fazer prático impõe sua emergência. Passado todo este tempo e pensando em um memorial poético, como você descreveria e analisaria as obras que você realizou/participou?

Foram obras transgressoras dentro do gênero poético, ao mesmo tempo muito experimental e intuitiva, as obras acabam retratando engajamento social e levam ao questionamento do lugar de fala no discurso poético.

5-) O que significou para você participar das Ocupações com a Cooperativa da Invenção? Esta experiência teve algum impacto no seu percurso artístico e em seus trabalhos posteriores?

Sim, posso dizer que adquiri habilidades técnicas que utilizo profissionalmente até hoje, além de ter desenvolvido trabalhos coletivos que impactaram também pessoalmente, resultando em amizades e aprendizados pessoais.

6-) Do ponto de vista da recepção das obras como você percebe a participação do público diante dos trabalhos realizados?

Foi Muito boa, para muitos uma descoberta, para outros uma loucura instigante, para a maioria foi uma apresentação de artes (segundo opiniões relatadas)

7-) Em função da intensa profusão de ideias, poéticas, propostas e projetos realizados nas 3 Ocupações (algo em torno de 45 trabalhos), como você avalia e analisa este tipo de experiência artística? É possível identificar os fatores que contribuiram para tamanha profusão e intensidade?

Sim, todos estávamos bastante inspirados. Os instrutores auxiliaram muito nesse processo, fornecendo material teórico e prático para feitura dos trabalhos, muitas ideias foram lapidadas até atingir uma maturidade poética, assim como outras cresceram quando foram coladas à outras, assim todos trocamos muitas ideias e crescemos muito, artisticamente com isso.

8-) Como você percebe e analisa a efemeridade dos processos e obras realizadas pela Cooperativa nas Ocupações da Casa das Rosas?

É complicado como a obra poética toca cada um. A poesia é um gênero sempre marginal, que pode nascer apenas da palavra, ou seja, por si só a poesia já é efêmera porem atinge como um golpe, nos corações que estão com a guarda baixa

9-) Você identifica algum processo de significação política nas ações realizadas pela Cooperativa? E nos trabalhos que você realizou?

Sim, tudo é política, e minha arte representa o momento em que vivo, são expressões totalmente ligadas ao contexto social em que estou inserido. Considero a poesia a arte(marcial) mais democrática do mundo.

10-) Você identifica algum tipo de ligação entre o contexto histórico/social e as ações da Cooperativa durante o ano de 2017?

Sim, o momento pedia isso. Estávamos próximos das eleições e os discursos estavam cada vez mais polarizados. Creio que tentamos elucidar algumas coisas e plantar sementes de questionamentos, que brotaram ou não em alguns corações da av paulista

11-) Caso queira, deixe aqui outras informações/depoimentos que considerar importante.

6. **Nome: Fabio Navarro Biazetti**
Área de Atuação: Escritor

1-) Descreva seu trabalho como artista: o que faz, quais suas motivações e proposições poéticas. Relate também sobre suas referências artísticas.

Escritor e pesquisador autônomo sobre uso de tecnologia em escrita.

Minhas motivações são a destruição dos paradigmas antigos e construção de algo evolutivo, que possa ser devidamente destruído posteriormente para dar espaço à nova ressignificação. Sempre usar a metodologia do punk como norma artística.

Referências: Iggy Pop, Stooges, MC5, Lou Reed, Patti Smith, The Clash, Ramones, New York Dolls, Debbie Harry, Velvet Underground, Bob Dylan, John Lennon, Allen Ginsberg, Erza Pound, os irmãos Campos, Philadelpho Menezes, Talking Heads, David Byrne, Public Enemy, Radiohead, Enrico Malatesta, Mikhail Bakunin, Syd Barrett, Glauber Rocha, Dennis Villenevue, Fabio Fon, Julio Mendonça, Soraia Braz, Caru Leão, Wes Anderson, Jello Biafra, Andy Kaufmann, Sion Sono, David Cronenberg, Stephen King, Stanley Kubrick, Ana Cristina Cesar, Hilda Hilst, Caio Fernando Abreu, Cazuza, Radiohead, Tom Yorke, Sergei Einsenstein, Brandon Cronenberg, Céline Sciamma, David Lynch, Eduardo Galeano, Bukowski, Karl Marx, Pablo Neruda, Chan Wook Park, Mike Patton, Asia Argento, Sarah Kane, Martin Scorsese, Nick Cave, Tom Waits, Björk, Zé do Caixão, José Luis Borges, Julio Cortazar, Florbela Espanca, Agatha Christie, Gabriel Garcia Marquez, Andy Kaufmann, Charlie Kaufmann, Odair José, Antony Bourdain, Jonnhy Rotten e provavelmente devo ter esquecido alguém.

2-) O que te motivou a se inscrever na Cooperativa de Invenção?

Conhecimento e evolução

3-) Quais trabalhos/intervenções você realizou individual ou coletivamente nas Ocupações da Cooperativa? Lembrando que no ano de 2017 foram realizadas 03 Ocupações:

a-) CRTL+Verso (julho)

I Love You!

Sintagma/Paradigma

Anarco 80's Revival, Anti & Tabaco Búlgaro

H'eclipse

b-) Alienânsia (outubro)

Buráculo

Ralo Inn

c-) Ódios! Ódias! (dezembro)

G[L]IF[E]

Morte!

4-) No momento da intensidade do processo criativo o fazer prático impõe sua emergência. Passado todo este tempo e pensando em um memorial poético, como você descreveria e analisaria as obras que você realizou/participou?

Tenho muito orgulho de ter participado dos projetos coletivos feitos com os amigos poetas. Foram projetos inovadores envolvendo catarses e evoluções poéticas eloquentes.

5-) O que significou para você participar das Ocupações com a Cooperativa da Invenção? Esta experiência teve algum impacto no seu percurso artístico e em seus trabalhos posteriores?

Sim. Mudou completamente a minha visão evolutiva e me direcionou para o rumo certo dentro do meu oficio.

6-) Do ponto de vista da recepção das obras como você percebe a participação do público diante dos trabalhos realizados?

O projeto The 80's Anarco Revival foi pouco aproveitado pelo público, por conta da forma como foi exibido (culpa minha). Todos os outros tiveram uma bela recepção.

7-) Em função da intensa profusão de ideias, poéticas, propostas e projetos realizados nas 3 Ocupações (algo em torno de 45 trabalhos), como você avalia e analisa este tipo de experiência artística? É possível identificar os fatores que contribuíram para tamanha profusão e intensidade?

O primeiro semestre da ocupação (exposição CTRL + Verso) foi muito mais catártico em relação à construção de obras. Isso resultado do amálgama criado entre os participantes. Havia naquele grupo uma coesão de alma, como se fôssemos um movimento só formado por diferentes matizes. Isso desde os primeiros encontros. Havia ali lava em movimento, um tesão incontrolável pela criação como se fosse uma enorme locomotiva soviética que estivesse na velocidade da luz. Essa experiência especificamente mudou minha vida. Mais três meses e estaríamos todos morando juntos como os Novos Baianos. Isso perdurou até a exposição Alienânsia. Creio que foram essas emoções que criaram essa enorme quantidade de obras. O segundo semestre da ocupação foi mais unitária. Haviam mais indivíduos e menos grupos, mas os tsunamis de outrora serviram para formação de novas ondas, como por exemplo o grupo nascido após as ocupações, o Coopoética.

8-) Como você percebe e analisa a efemeridade dos processos e obras realizadas pela Cooperativa nas Ocupações da Casa das Rosas?

Não acredito em efemeridades dentro do processo de criação. Mesmo as passageiras relações ou fatos foram importantes

9-) Você identifica algum processo de significação política nas ações realizadas pela Cooperativa? E nos trabalhos que você realizou?

Todos meus trabalhos têm significado político e as obras da primeira exposição eram fortemente políticas.

10-) Você identifica algum tipo de ligação entre o contexto histórico/social e as ações da Cooperativa durante o ano de 2017?

Como todas as ações de fundo político, as obras refletem o posicionamento do artista dentro da história social em que está inserido.

11-) Caso queira, deixe aqui outras informações/depoimentos que considerar importante.

7. Nome: Felipe Marcondes da Costa

Área de Atuação: Pesquisador

1-) Descreva seu trabalho como artista: o que faz, quais suas motivações e proposições poéticas. Relate também sobre suas referências artísticas.

Diria que meu trabalho consiste fundamentalmente em tensionar as fronteiras entre escrita e performance. Interessa-me, em especial, refletir sobre outros modos de escrita e leitura. Nesse sentido, destaco duas séries em processo: *desencapados* (2016-), que consiste na escrita sobre documentos, e *Escritas do Efêmero* (2018-), trabalho que se debruça (e deita) literalmente sobre a escrita no espaço público. Já acerca de referências, por trabalhar em regiões limítrofes é até difícil elencar nomes – em última instância, uma das fronteiras é exatamente o que é ou o que não considerado arte. Assim, diria que os experimentos das vanguardas histórias, que encontra nos anos 1960 um contexto muito propício para retomada de seu espírito, os primórdios da arte da performance nos anos 1970, em que o corpo era fundamentalmente o suporte da obra, e manifestações contemporâneas que, muitas vezes, sequer se inserem no campo da arte.

2-) O que te motivou a se inscrever na Cooperativa de Invenção?

O trabalho coletivo sempre me interessou, e a possibilidade de um espaço para discussão e experimentação de artes híbridas pareceu uma grande oportunidade.

3-) Quais trabalhos/intervenções você realizou individual ou coletivamente nas Ocupações da Cooperativa? Lembrando que no ano de 2017 foram realizadas 03 Ocupações:

a-) CRTL+Verso (julho)

Pautas do Absurdo

b-) Alienânsia (outubro)

Vende-se (apenas um comentário: eu não lembro quem é Joaquim. É preciso checar com o Marcelo, e mesmo com o citado Joaquim, se ele de fato fez parte da elaboração desse trabalho, mas eu realmente, talvez por um lapso inexplicável, não lembro sequer de quem se trata)

c-) Ódios! Ódias! (dezembro)

Vende-se

Arte segundo o MBL (Jorge Luis Borges foi um desses poucos poetas que teve a oportunidade de editar em vida sua obra completa. Segundo ele, a melhor parte que essa possibilidade oferece é a de excluir de sua obra o que ele não queria mais que a integrasse. Diante disso, ele exclui livros inteiros, como, por exemplo, sua estreia em *Fervor de Buenos Aires*. Inútil exercício, já que a viúva que ficou com seus direitos autorais, Maria Kodama, passou por cima do desejo do autor e novamente tornou tudo público. É uma zona incerta, em que também há que se considerar o interesse crítico em ler uma obra a contrapelo, isto é, acessar mesmo aquilo que o artista não considerava digno. Essa introdução é para dizer que eu já não gostaria de ser associado a esse trabalho, *Arte segundo o MBL*, mas entenderei perfeitamente caso seja necessário para o exercício crítico o trabalho ser mencionado e eu ser citado como autor.)

4-) No momento da intensidade do processo criativo o fazer prático impõe sua emergência. Passado todo este tempo e pensando em um memorial poético, como você descreveria e analisaria as obras que você realizou/participou?

Refletindo retrospectivamente, creio que elas foram expressões primeiras do meu desejo, então incipiente, de transcender a folha em branco: *Pautas do Absurdo* é um trabalho que parte do texto, da colheita de comentários

de ódio da internet transpostos para o contexto do trabalho, escrita em cartazes e expostos pela Casa, e *Vende-se* é uma instalação que visou instigar outros sentidos ao tirar a primazia da visão. Assim, diria que aqueles trabalhos já expressaram meu interesse nos estudos da performance e incubavam o exercício híbrido em que consistiriam minhas proposições dali em diante.

5-) O que significou para você participar das Ocupações com a Cooperativa da Invenção? Esta experiência teve algum impacto no seu percurso artístico e em seus trabalhos posteriores?

Mesmo pela falta de condições, sempre fui partidário da estética do precário: melhor fazer como dá que não fazer nada. Desse modo, o precário realiza-se mais como potência que limitação de um trabalho que se pretendia mais do que de fato é. A Casa das Rosas foi o primeiro espaço institucional a que de fato apresentei trabalhos formalmente. Após essa experiência, deixei de rechaçar por completo os espaços institucionais e concebê-los como mais um espaço dentre tantos – nunca o único – de possibilidade de atuação. De lá para cá, já fiz trabalhos no SESC, com o MST, no MuMA - Museu Municipal de Arte de Curitiba...

6-) Do ponto de vista da recepção das obras como você percebe a participação do público diante dos trabalhos realizados?

Justamente por borrar fronteiras, transcendendo o que o senso comum entende por manifestações artísticas, as reações são sempre partes componentes do trabalho. (Retorno a esta resposta ao perceber que, no final do documento, você preencheu a descrição/técnica de *Vende-se* como "Performance/Instalação (?)". Certamente você recorreu às duas porque nenhuma delas dá conta de definir o que é *Vende-se*, e, portanto, ou é as duas coisas ou nenhuma das duas, se não for ainda uma terceira que se cria a partir das duas. De minha parte, creio que o mais me interessa no trabalho não é nem "performance", tampouco "instalação", mas o (?).) Por ser um período de ebulição política, fui xingado ao estender uma faixa em que se lia "o maior benefício do trabalhador é ter emprego" do *Pautas do Absurdo* diante da Casa das Rosas, em que uma senhora entrou na Casa e gritou insistentemente lá de baixo que aquele era um espaço público e que eu não poderia colocar aquela faixa pró-PT

ali. Quer dizer, o olhar viciado lê o que quer ler, o que também era um dos objetivos do trabalho que, a partir do estranhamento de uma forma tão associada a protesto, fosse capaz de desautomatizar e levar a reflexões que comumente aquela pessoa não teria. Talvez, diante do meu gesto de ignorar seus gritos, e lendo mais detidamente o que de fato estava escrito na faixa, a mulher deu as costas e apenas saiu da Casa. Para não me estender muito, passo à recepção do *Vende-se*: num primeiro momento, via de regra havia resistência por ter os olhos cobertos; depois, pediam por instruções sobre o que fazer lá dentro e, diante da resposta, "experimente", certo desconforto por não ter regras a seguir. Por fim, uma imersão que, dentre outros aspectos, talvez recupera um certo aspecto lúdico de experimentar o próprio corpo, domado pela civilização, e o espaço, domado pelo utilitarismo.

7-) Em função da intensa profusão de ideias, poéticas, propostas e projetos realizados nas 3 Ocupações (algo em torno de 45 trabalhos), como você avalia e analisa este tipo de experiência artística? É possível identificar os fatores que contribuíram para tamanha profusão e intensidade?

É muito batido citar o velho Mário Pedrosa? Bom, cá entre nós eu o faço: "A arte é o exercício experimental da liberdade". Cito essa máxima porque a creio muito adequada ao que fizemos ali: foi a liberdade e o instigar, ao invés do reprimir, que fez com que muitos trabalhos, que poderiam encontrar resistência por sua ousadia e inexecutabilidade, encontrassem terreno fértil para seu desenvolvimento enquanto processo. Para além disso, também creio que a formação de um coletivo, de um grupo aberto e interessado, tenha proporcionado tamanha multiplicidade. Sozinho é mais difícil.

8-) Como você percebe e analisa a efemeridade dos processos e obras realizadas pela Cooperativa nas Ocupações da Casa das Rosas?

Por ser muito interessado pela arte da performance, que costuma ter a efemeridade como constituinte – já que tradicionalmente se realiza com o corpo a ocupar o aqui-e-agora –, costumo aceitar bem a efemeridade das ações. Diante disso, valorizo bastante ações de registro – audiovisuais, fotográficas, sonoras, relatos – que busquem passar adiante alguma dimensão da experiência única partilhada por aqueles que viveram aquele momento do

trabalho. No caso da Cooperativa, até por ter feito parte dela, vejo a efemeridade dos trabalhos não como um fim em si mesmo, mas como parte de um processo de pesquisa que, imagino, os participantes mais interessados seguindo desdobrando ao longo dos anos – este foi meu caso, ao menos.

9-) Você identifica algum processo de significação política nas ações realizadas pela Cooperativa? E nos trabalhos que você realizou?

Bom, especialmente no contexto em que foi realizada, qualquer manifestação cultural e artística já consiste numa ação política significativa, seja por ocupar um espaço público, seja por estabelecer um grupo que acolhe diversidades, seja por proporcionar a experiência de outros modos de vida... E em meus trabalhos, em particular, o aspecto político é algo que constantemente tenho em vista, como revela a preocupação com o mundo do trabalho presente em *Pautas do Absurdo* e a proposta para experimentar o corpo de outros modos para além do hegemônico que *Vende-se* proporcionou.

10-) Você identifica algum tipo de ligação entre o contexto histórico/social e as ações da Cooperativa durante o ano de 2017?

Sem dúvidas, o fascismo já estava a toda e o terror que se seguiria já estava em ebulição. De minha parte, destacaria ainda o cenário em particular da Avenida Paulista, em que se localizava a casa, palco de toda ordem de manifestações naquele período.

11-) Caso queira, deixe aqui outras informações/depoimentos que considerar importante.

Poderia acrescentar muito coisa, mas para não me estender me limito a dizer que, ao refletir na escrita destas respostas, constato com certa tristeza que os únicos participantes da Cooperativa com os quais mantive contato próximo desde então foram Marcelo e Marianna, os quais já eram amigos e eu já desenvolvia trabalhos desde antes. Creio que as colaborações poderiam ainda ter rendido mais, mas me alenta notar que a potência também

tem a ver com a efemeridade: um prazer muito intenso só pode durar pouco, porque se estender no tempo é também se diluir.

8. **Nome: Juliana Matavelli**

Área de Atuação: (não respondeu)

1-) Descreva seu trabalho como artista: o que faz, quais suas motivações e proposições poéticas. Relate também sobre suas referências artísticas.

Eu preciso responder com honestidade a esta pergunta, pois é algo que me aflige, me constrói e me destrói ao mesmo tempo. Desde o curso em 2017, confesso que me afastei um pouco do cenário poético. Na verdade, talvez tenha me afastado somente desse modo de se fazer poesia, pois o modo como penso e interajo com o ambiente continuam profundamente intrínsecos a este meio de viver. De forma concreta, posso dizer que continuo escrevendo versos e palavras em folhas brancas, acredito que essa seja minha forma preferida, até então, e que minha força motivadora seja apenas observar a vida e minha frustração em não conseguir molda-la completamente. Talvez, observo apenas como ela é quem me molda, em um trabalho irônico e satírico entre nosso relacionar.

2-) O que te motivou a se inscrever na Cooperativa de Invenção?

Eu queria ir além da minha linha do horizonte. Sair de férias de uma introspecção constante e exaustiva, por vezes. Talvez me surpreender ao perceber que essa linha também poderia ser curva e tridimensional.

3-) Quais trabalhos/intervenções você realizou individual ou coletivamente nas Ocupações da Cooperativa? Lembrando que no ano de 2017 foram realizadas 03 Ocupações:

a-) CRTL+Verso (julho)

b-) Alienânsia (outubro)

c-) Ódios! Ódias! (dezembro)

4-) No momento da intensidade do processo criativo o fazer prático impõe sua emergência. Passado todo este tempo e pensando em um memorial poético, como você descreveria e analisaria as obras que você realizou/participou?

Uma estranheza me percorre. Como se eu tivesse entrado no meu subconsciente, em que formas se desfazem e tudo se mescla e se contorce em novos cenários, completamente foras da "norma" do que se considera "comum". Expansão.

5-) O que significou para você participar das Ocupações com a Cooperativa da Invenção? Esta experiência teve algum impacto no seu percurso artístico e em seus trabalhos posteriores?

Eu arriscaria dizer que foi estranho, que faria diferente, mas não tenho este direito de me modificar assim. Não quero. Eu também diria não teve um impacto tão imenso em minhas criações posteriores, ou em minha vida, mas com certeza sim, pois nunca mais olhei um verso de Arnaldo Antunes, por exemplo, com os mesmos olhos. Eu diria que teria voltado para o mesmo rio que fluía antes do curso, mas a gente sabe que o ponto em que entramos nunca mais é o mesmo.

6-) Do ponto de vista da recepção das obras como você percebe a participação do público diante dos trabalhos realizados?

Acho que a realidade das criações apresentadas foi vista como outras realidades completa e puramente distintas. Talvez seja essa uma das delícias da arte.

7-) Em função da intensa profusão de ideias, poéticas, propostas e projetos realizados nas 3 Ocupações (algo em torno de 45 trabalhos), como você avalia e analisa este tipo de experiência artística? É possível identificar os fatores que contribuíram para tamanha profusão e intensidade?

Identifico apenas a vida querendo sair da definição de ser apenas de uma única forma.

8-) Como você percebe e analisa a efemeridade dos processos e obras realizadas pela Cooperativa nas Ocupações da Casa das Rosas?

A efemeridade é o ciclo das coisas. A análise e a vontade de criar esta Cooperativa é a vontade de reescrever o definido.

9-) Você identifica algum processo de significação política nas ações realizadas pela Cooperativa? E nos trabalhos que você realizou?

Todas e cada uma delas.

10-) Você identifica algum tipo de ligação entre o contexto histórico/social e as ações da Cooperativa durante o ano de 2017?

Completamente.

11-) Caso queira, deixe aqui outras informações/depoimentos que considerar importante.

Agradeço por fazer parte deste círculo, e por ter este espaço para expor meus interiores.

9. Nome: Laís Reis

Área de Atuação: Professora e Pesquisadora

1-) Descreva seu trabalho como artista: o que faz, quais suas motivações e proposições poéticas. Relate também sobr
e suas referências artísticas.

Sou vídeo-poeta, ou seja, faça vídeos-poemas e lanço minhas obras na internet, no canal do Deslise, no Youtube, ou no Facebook, na página de mesmo nome. Também realizo performances e participo de simpósios, coletivos e tenho participações em revistas on-line. Minha motivação é o poema em movimento, seu prolongamento comungando espaço e tempo, assim como expandindo as possibilidades da página em branco. Minhas referências são o poeta Ernesto de Melo e Castro, criador do primeiro vídeo-poema, assim como os demais poetas experimentalistas portugueses (Ana Hatherly, António Aragão, Salette Tavares, Silvestre Pestana etc) e os poetas Augusto e Haroldo de Campos, Décio Pignatari e os demais que se aventuraram pelo experimentalismo na linguagem. Dos contemporâneos me inspiro muito nas obras de Marília Garcia, Reuben da Rocha e Renato Negrão e, no cinema, sou apaixonada pelo Godard, bem como a trilha do gênio Ennio Morricone.

2-) O que te motivou a se inscrever na Cooperativa de Invenção?

Na época que me inscrevi na Cooperativa estava começando a produzir os vídeos-poemas e ainda me sentia insegura se poderia me considerar "poeta" por fazer uma poesia em vídeo, rsrsrs. Lembro que quando passei na Cooperativa me deu uma sensação de alívio porque eu disse "pronto! Agora posso dizer que sou poeta!". Sentia um certo deslocamento na minha produção e tudo aquilo que eu via na cena da poesia, sendo que as coisas mais "avant la lettre" que acompanhavam estavam mesmo no cinema, teatro, dança e performance. Quando vi, na Casa das Rosas, que propunham um curso inventivo, com prática de tecnologia e técnicas vocais eu tinha certeza que era o lugar ideal para mim. E Foi! Encontrei um lugar com artistas muito diferentes e com poéticas expandidas assim como a minha.

3-) Quais trabalhos/intervenções você realizou individual ou coletivamente nas Ocupações da Cooperativa? Lembrando que no ano de 2017 foram realizadas 03 Ocupações:

a-) CRTL+Verso (julho)

b-) Alienânsia (outubro)

c-) Ódios! Ódias! (dezembro)

4-) No momento da intensidade do processo criativo o fazer prático impõe sua emergência. Passado todo este tempo e pensando em um memorial poético, como você descreveria e analisaria as obras que você realizou/participou?

Gostei muito das intervenções que realizei. Eu tinha outros projetos, mas por conta de algumas questões da casa precisei ir adaptando as propostas. Lembro-me que para o primeiro evento (Ctrl + Verso) eu tinha pensado em fazer algo nas escadas, mas havia um móbile naquela altura e não foi permitido que eu ocupasse, por isso fiz o Estigmacão (performance com o cão Miguel amarrado na porta da CR), mas deu muito certo. Na segunda Ocupação (Alienânsia) eu participei do Buráculo, que foi um projeto com participação coletiva. Este projeto foi muito importante, pois aprendi a trabalhar no campo da arte em grupo e algo novo na minha trajetória artística que me contagiou de tal forma que ainda não estou "curada" disso rsrsrs. Outro projeto muito legal também foi o Anti-coro, coordenado pela Lucila. Esse eu acho que poderia ter tido mais vezes até, porque era muito divertido. Em geral os trabalhos coletivos são mais divertidos no resultado final, na minha opinião, mas nem sempre. Ainda nessa ocupação eu participei do trabalho coletivo na Janela, que foi bem tranquilo, e deu um visual muito legal, e do Vende-se. [...]

5-) O que significou para você participar das Ocupações com a Cooperativa da Invenção? Esta experiência teve algum impacto no seu percurso artístico e em seus trabalhos posteriores?

Com certeza! Os trabalhos em parceria foram os que mais tiveram impacto. Com a Cooperativa eu pude desenvolver mais habilidade em projetos que não são individuais (na verdade, estou até com alguns problemas de fazer coisas individuais, pois só quero fazer parcerias de criação). Depois, teve o coletivo da Coopoética, que saiu da Cooperativa e é um grande impulso criativo para a apresentação nas feiras de publicações. Para adaptar as coisas para a "banquinha" da Coopoética eu precisei fazer coisas menos virtuais e mais físicas e daí saiu o Luckystrike duchampignon e o Corte de Verba. Apresentações mais performativas, por outro lado, tem contribuído no minha pesquisa acadêmica, na investigação da presença e da materialidade da poesia. Essa é a possibilidade de experienciar a poesia de todas as formas.

6-) Do ponto de vista da recepção das obras como você percebe a participação do público diante dos trabalhos realizados?

No Estigmacão as pessoas ficaram revoltadas. Elas não admitiam um cachorro "abandonado" na paulista. Teve um homem que disse para eu amarrar a minha mãe e me mandou tomar no... Quando eu fiz a performance no dia anterior ao dia da Ocupação foi ainda mais terrível, porque as pessoas se envolveram de uma forma que eu precisei ter controle, afinal, elas já tinham feito um grupo no whatsapp para saber onde que aquele cachorrinho "cruelmente" abandonado dormiria. Teve uma moça que comprou água mineral e pedigree de lata e depois que eu disse que era uma performance ela ficou tão nervosa, que disse para eu dar para um mendigo, depois se corrigiu dizendo "para o cachorro de um mendigo". No Buráculo, por sua vez, foi bem mais leve. As pessoas se divertiram muito. Teve gente que fazia dando gargalhadas e se divertindo pra valer, outras já "levavam mais a sério", tentando realmente descobrir suas previsões. O Anti-coro não sei avaliar a recepção do público, embora tivesse bastante gente assistindo, mas como eu estava participando, não consigo dizer com certa como foi a reação, mas fomos aplaudidos no final rsrs.

7-) Em função da intensa profusão de ideias, poéticas, propostas e projetos realizados nas 3 Ocupações (algo em torno de 45 trabalhos), como você avalia e analisa este tipo de experiência artística? É possível identificar os fatores que contribuíram para tamanha profusão e intensidade?

Eu avalio como uma consequência gerada por dois fatores. O primeiro o fato da proposta do Cooperativa ser da Invenção, né? Rsrs Então a gente tinha que inventar muito, já fazíamos muitos exercícios práticos nos laboratórios e, por isso existia um *modus operandi* que nos levava a criar. Depois, a oportunidade de ocupar a Casa das Rosas. Não é todo dia que a gente tem a oportunidade de colocar um trabalho nosso num espaço institucional tão renomado, virava quase uma obrigação não desperdiçar essa oportunidade. Eu gostei muito de ver os trabalhos dos colegas e ver o passo a passo dos processos de criações. As nossas discussões sobre os projetos eram muito profícuas e os resultados ficaram todos muito legais.

8-) Como você percebe e analisa a efemeridade dos processos e obras realizadas pela Cooperativa nas Ocupações da Casa das Rosas?

Não acho que seja efêmero, rsrsrs. Estamos prolongando isso até agora, não? Claro que o acesso a obra em si, em muitos casos, não é possível mais de ser acessada, mas ainda mantemos as propostas na nossa memória, assim como, certamente, aqueles que visitaram. Ritinha está fazendo até este questionário para a gente "guardar" melhor essa informação toda. Rsrsrs. A construção e preservação da memória, na minha opinião, é tão importante quanto o acesso da obra. Muita gente nunca viu a Mona Lisa pessoalmente, mas sabe dizer que quadro é. De toda forma, certamente estes registros, as histórias que contamos, é que ajudam a dissolver o caráter de efêmero. Isso só "desaparece" de fato, quando quisermos que desapareça. Quando a gente "enterrar" essa história.

9-) Você identifica algum processo de significação política nas ações realizadas pela Cooperativa? E nos trabalhos que você realizou?

Claro! Naquela época, não tão diferente de hoje em dia, a discussão política estava bem quente e, era impossível não falar disso. Na primeira Ocupação eu realizei um trabalho que falava de uma realidade social de pessoas marginalizadas pela sociedade, isso doeu em muita gente. Na revista Ctrl+verso, inclusive, eu fiz um poema com o discurso do Golpe do Romero Jucá e do Machado. Na segunda, eu lembro, a gente estava votando por isso, para escolher um nome, queria muito que tivesse uma coisa muito marcada na política, porque a coisa estava séria naquela época, mas lembro de algumas pessoas serem contra isso, "que arte não tinha que ser política, que isso

deixava ela datada....", lembro até que fiquei revoltada com uma colega, rsrsrs. Eu disse que achava aquilo uma alienação! Daí ficou para votar e saiu o nome Alienânsia desse auê todo. Quem diria, né? Hoje ela faz Bananas Mutarelli. Essa foi a parte boa da Cooperativa, a gente aprender a olhar a arte de diferentes perspectivas. Depois aprendi qual era o tom poético desta colega e certamente ela pôde olhar mais para questões políticas na arte.
Nessa ocupação, Alienânsia, o Buráculo tinha um tom político bem forte. A Anne fez um tarot que tinha o Temer, eu adorei muito isso. Eu peguei uns poemas fortes para fazer as outras cartinhas e todo o tom da instalação era bem debochada, como plugar o dispositivo Makey Makey numa banana. A gente encheu a sala de camisinhas também, como se fossem balões, e, numa ascensão tão moralista da sociedade, aquilo era um "chute no saco". Na primeira Ocupação, Ctrl+Verso, eu estava ajudando o Felipe a pendurar os cartazes dele e tinha um que era "o direito do trabalhador é ter trabalho" e passou uma mulher na rampinha da CR gritando para a gente lá debaixo: - "Aqui não é reduto do PT não! Pode tirar essa m****! A gente riu muito, porque a frase podia ser tanto pra direita, quanto para a esquerda, mas cada um vê o que quer, né? Na última Ocupação, o "Arte segundo o MBL" foi um trabalho bem político, por conta da censura do Bichos, da Lygia Clark, falando que o performer era pedófilo. Fora uma exposição no sul, Queer, que tinha sido fechada, tudo incentivado pelo MBL. Daí eu e o Felipe fomos no congresso do MBL para perguntar para os participantes (todo mundo com camiseta de Bolsonaro) "qual o último filme que viu?", "qual a última peça"... até chegar "você acha que pornografia é arte?". Fomos expulsos pelos seguranças. Deu maior B.O.

10-) Você identifica algum tipo de ligação entre o contexto histórico/social e as ações da Cooperativa durante o ano de 2017?

Não sei definir nos trabalhos em geral, até porque foram 45 projetos, mas eu sinto que, quem estava preocupado, ficou alinhado com a possibilidade de criticar o contexto que estávamos vivendo. Virou uma demanda.

11-) Caso queira, deixe aqui outras informações/depoimentos que considerar importante.

Não sei se é relevante, mas essas perguntas de política e nossa participação na Cooperativa me recordaram um episódio bem pessoal [...]

Bem, é isso Ritinha, espero que tenha ajudado as respostas, mas qualquer coisa pode me ligar para perguntar! Um beijão procê!

10. **Nome: Marianna Perna**

Área de Atuação: Poesia, história, performance, filosofia.

1-) Descreva seu trabalho como artista: o que faz, quais suas motivações e proposições poéticas. Relate também sobre suas referências artísticas.

Sou poeta, performer, historiadora mestre em filosofia (USP). Atuo a serviço da poesia expandida, pesquisando as intercessões entre som e corpo, através das conexões entre palavra, movimento, dança e imagem, como forma de resgate da ancestralidade e da espiritualidade do ser. Lancei "A Cerimônia de Todas as Vozes", em 2018, um livro-disco de poesia, pela editora Urutau, em parceria com o selo Índigo Azul.

Em paralelo à abordagem performática da poesia autoral, também busco difundir didaticamente as pesquisas sobre o estado poético ancestral e o feminino, bem como a obra de outras mulheres escritoras - desdobramentos de pesquisas artísticas e acadêmicas - através de rodas de leitura, conversas e oficinas de dança-poesia.

Seguem algumas referências, de maneira enumerada, que se relacionam tanto às mulheres escritoras/poetas/artistas que pesquiso e leio, quanto com formas mais amplas de percepção, são para dar conta do universo que habito: surrealismo, astrologia, Antonin Artaud, Walt Whitman, Patti Smith, Remedios Varo, Leonora Carrington, Hilda Hilst, Orides Fontela, Sylvia Plath, Adrienne Rich, Denise Levertov, Audre Lorde, Sophia de Mello Breyner Andresen, Borges, Franz Kafka, Fritjof Capra, Silvia Federici, Thom Yorke, fenomenologia, psicologia, filosofia oriental (taoísmo, budismo, hinduísmo), história e folclore, mitologia, história medieval, bruxaria, física quântica, agroecologia, permacultura, astronomia, misticismo.

Por fim, atualmente também atuo como produtora cultural, sendo fundadora e curadora do espaço Casa Urânia, que está nascendo neste ano de 2020, em São Paulo, dedicado a atividades multi-artísticas e terapêuticas.

2-) O que te motivou a se inscrever na Cooperativa de Invenção?

Meu interesse pelas dimensões sonora e visual da poesia - isto é, a poesia expandida - é algo que me interessa, bem como poder estar em contato com mais pessoas também atentas e se debruçando sobre isto. Por isso vi na residência uma possibilidade criativa, de exercício, diálogos e experiências enriquecedoras. Também estava, à época, justamente gravando a etapa final para o meu livro-disco, lançado no ano seguinte, por isso me encontrava bastante aberta a receber e oferecer novas possibilidades, olhares e abordagens. Foi bem profícuo ter feito parte do laboratório, em termos pessoais, artísticos, e também concretamente me estimulou nas criações do momento para o livro.

3-) Quais trabalhos/intervenções você realizou individual ou coletivamente nas Ocupações da Cooperativa? Lembrando que no ano de 2017 foram realizadas 03 Ocupações.

A primeira, CRTL+Verso (julho) .

4-) No momento da intensidade do processo criativo o fazer prático impõe sua emergência. Passado todo este tempo e pensando em um memorial poético, como você descreveria e analisaria as obras que você realizou/participou?

Para mim foi uma grande oportunidade criativa, mas, ao mesmo tempo, também despretensiosa, no sentido de apenas colocar em movimento o que estava nos atravessando e tudo o que pulsava dos encontros e das descobertas.

Fiz dois trabalhos em parceria, que para mim foram reveladores da potência do encontro poético e também reveladores das possibilidades criativas que há em mim, em meu corpo, voz e presença. Em um deles (H'Eleclipse) fazia uma performance acorrentada, uma ideia que estava desenvolvendo para "A cerimônia de todas as vozes" e ali foi um laboratório, uma experiência sensorial para mim e para perceber como os outros reagiam à presença de um corpo acorrentado e agonizante à sua frente.

O outro trabalho ("A ilha de um eu perdido"), foi uma performance em cena junto a um registro audiovisual de um

poema que escrevera há pouco. Ele acabou não entrando no livro de maneira gravada, mas percebi em sua força, quando realizei as intervenções durante a Ocupação, que era vital para a poética do livro e assim ele entrou na performance em cena que realizei e realizo até hoje deste trabalho. Uma peça de poesia multimídia, como chamo, com projeções e músicos em cena. Assim, durante a Ocupação, foi para mim uma chance de, através da experiência viva, germinar esse poema expandido, bem como desenvolver algumas escolhas que se mostraram fundamentais para a estética de todo o espetáculo de poesia de "A cerimônia de todas as vozes".

5-) O que significou para você participar das Ocupações com a Cooperativa da Invenção? Esta experiência teve algum impacto no seu percurso artístico e em seus trabalhos posteriores?

Sim. Como disse acima, o processo todo teve um impacto direto no que eu já estava desenvolvendo, pois ocorriam simultaneamente, o que foi uma escolha consciente, de me inscrever ao mesmo tempo em que finalizava as gravações, pois sentia que seria enriquecedor. Assim, tanto o que veio a ser "A cerimônia de todas as vozes" foi impactado pelo que eu criei e apresentei ali na Ocupação, bem como os trabalhos feitos em parceria com outros poetas e com o coletivo como um todo, e também nos exercícios e trocas que tivemos. Tudo foi fundamental para fortalecer meu próprio olhar e repertório de poesia expandida, minha poética própria. E também confirmou muito minha vontade e entusiasmo de trabalhar em grupo com poesia (o trabalho de "A cerimônia de todas as vozes" foi escrito e dirigido por mim, mas teve indispensáveis contribuições dos músicos convidados (fundamentais para me ajudar a encontrar a trilha performática e como eu queria me expressar). Desde então, me envolvi em algumas experiências coletivas de poesia, como a revista de poesia no Medium, Fazia Poesia, como autora atuante e por 1 ano como parte da equipe editorial. Também fiz parte, por 1 ano, do grupo de investigações e atos poéticos Contrafaccionistas, estando presente em sua fundação, quando foi muito significativa a intervenção feita pelo grupo de escrever na pele da cidade "leia hilda", devido à simultaneidade deste ato com sua homenagem feita pela Flip em 2018. Tudo isto dentre outros desdobramentos ainda coletivamente com poesia e com a continuidade de participação em saraus e me apresentando.

Então sim, avalio que teve impacto - ou melhor, reverberações - em meu percurso e trabalhos posteriores. Além disso, a título apenas de compartilhamento, o videopoema de "A ilha de um perdido", cujo texto e sonorização são

minhas e o vídeo feito em parceria com o amigo cineasta Fernando Pereira, fez, no mesmo ano, passagem por exposição da Mostra MIS (Museu da Imagem e do Som), que compilava trabalhos feitos pelas produtoras selecionadas do ano, e assim pude levar esse trabalho (apenas com o vídeopoema, sem a performance em cena) ao público que frequentou o MIS naquele período.

6-) Do ponto de vista da recepção das obras como você percebe a participação do público diante dos trabalhos realizados?

Senti que havia bastante incerteza e receio frente à presença de um corpo em cena que não correspondia a uma postura padrão ou esperada - no caso de "A ilha de um eu perdido" - eu ficava em looping escrevendo e fazendo outras ações, dentro do orquidário, e senti que ocorria um estranhamento com o ambiente, a atmosfera, uma dúvida pairava se as pessoas podiam entrar e deviam assistir, se deveriam esperar eu falar algo, etc. Quanto ao outro, onde estava presente em cena, me acorrentando e depois desacorrentando, no chão, na duração do videopoema H'Eleclipse (cerca de 5 minutos, e ali permaneci por horas), também causava tanto um impacto como um estranhamento, e por mais que eu estivesse imersa na ação, sem fazer contato visual direto com o público, estava muito presente e podia sentir, em parte, o que acontecia em meu redor, ouvia os comentários, etc. Essa experiência toda me instigou, pois é o que eu gosto de fazer de fato, provocar esse estranhamento, gerar alguma reflexão, ainda que seja incomodando. Sinto que é muito potente, transformador, pois desestabiliza, e só quando algo se move, sai de seu lugar, pode realmente algo outro acontecer, adentrar. Pois por vezes um poema ou uma obra que não tem a presença de um corpo vivo e ao vivo, na minha opinião, ainda que tenha um caráter crítico, que provoque o estranhamento, sinto que com a presença viva isto se vê elevado em máxima potência, até porque existe o desconforto de estar perto de alguém que "pode fazer algo comigo, pode me expor". Enquanto na fruição de uma obra existe uma certa zona de conforto ou de segurança para o espectador, que às vezes a mera presença de um corpo já põe em cheque, mesmo que não interrogue o espectador, ou o desafie; sua existência em carne já causa coisas. E isso me interessa muito!

7-) Em função da intensa profusão de ideias, poéticas, propostas e projetos realizados nas 3 Ocupações (algo em

torno de 45 trabalhos), como você avalia e analisa este tipo de experiência artística? É possível identificar os fatores que contribuíram para tamanha profusão e intensidade?

Repito aqui o que escrevi acima acerca da presença corporal, como um tipo de experiência potente e transformadora, que estava presente em vários dos trabalhos apresentados na Ocupação que participei e depois à qual fui como participante, a última realizada, que achei maravilhosa! Não sei dizer os fatores objetivos responsáveis, mas acredito que a oportunidade de expor nosso trabalho em um local como a Casa das Rosas seja algo que nos motivou a criar e dar nosso melhor, além de estar em grupo e ter tido encontros e trocas enriquecedoras; tudo isso somou em uma potência de criação e descoberta coletiva, ao meu ver. Além também dos exercícios, práticas e leituras durante o processo, que também achei muito boas.

8-) Como você percebe e analisa a efemeridade dos processos e obras realizadas pela Cooperativa nas Ocupações da Casa das Rosas?

Por um lado, gosto dessa coisa de ocupar durante o dia e depois isso se esvai, traz o espontâneo, vivo e o único naquilo, o irrepetível, que acho que toda obra deveria ter, ser sempre diferente. Isso contrasta com a energia muitas vezes estagnada e esvaziada de uma exposição contínua temporal. Por outro também creio que seja pouco tempo, que não dê conta para se atingir um público maior, que compense tanto esforço, por isso também penso que deveria haver alguma forma de permanência ou re-ocorrência dessas Ocupações, para se firmar, para se inserir de fato no contexto do espaço, já que este conta com muitos eventos únicos, como lançamentos, saraus etc, mas também com muitas exposições por períodos, de poetas e escritoras/escritores diversas/diversos.

9-) Você identifica algum processo de significação política nas ações realizadas pela Cooperativa? E nos trabalhos que você realizou?

Muito, tanto pelo formato - coletivo, descentralizado, horizontal - que contrasta com a noção centralizadora de autor, de reputação e prestígio, mais corrente em nossa sociedade - então creio que já era um tensionamento por

isso - tanto pelo conteúdo, muitos trabalhos ali estavam falando do que acontecia ao redor, naquele tempo, mostravam insatisfação, angústia, revolta, desesperança, fúria, com o mundo e país em que vivemos.

10-) Você identifica algum tipo de ligação entre o contexto histórico/social e as ações da Cooperativa durante o ano de 2017?

Pessoalmente, percebo em meu trabalho e em alguns outros que observei "mais de perto", digamos, uma revolta e uma mágoa de um período pós-golpe, uma sensação de ferida, bem como uma dissipação, um cansaço, de ver as histórias se repetirem, um sentimento de derrota. Derrota, esta é a palavra; e eu criava movida a expressar e superar esse sentimento, encontrar outras possibilidades dentro de mim.

11-) Caso queira, deixe aqui outras informações/depoimentos que considerar importante.

LINKS dos trabalhos video-poemas

A ilha de um eu perdido: https://www.youtube.com/watch?v=gGZzs8RSxf4

TAO: https://www.youtube.com/watch?v=zrj5JgVwFHk

H'Eleclipse: https://www.youtube.com/watch?v=A4Ce1LLLZVY

11. **Nome: Maurício de Alcântara Marinho**

Área de Atuação: Poeta e Geógrafo, especialista em planejamento e gestão.

1-) Descreva seu trabalho como artista: o que faz, quais suas motivações e proposições poéticas. Relate também sobre suas referências artísticas.

Comecei a desenhar e criar poemas na adolescência, em ciclos e, nos últimos cinco anos, venho me dedicando de forma contínua. Nessa produção busco entender o que já criei, de uma forma mais orgânica, vez em quando buscando algum estilo que gosto, como o cordel e também escrevendo pequenos contos e crônicas.

Gosto de poesias mais soltas e com linguagens diversas, poesias de naturezas e que trazem um viés de territorialidade e representação de lugares. Fernando Pessoa, Paulo Leminsky, Carlos Drummmond, Manuel de Barros.

2-) O que te motivou a se inscrever na Cooperativa de Invenção?

A possibilidade de me aprofundar na poesia, rever minha produção e interagir com outros poetas e artistas.

3-) Quais trabalhos/intervenções você realizou individual ou coletivamente nas Ocupações da Cooperativa? Lembrando que no ano de 2017 foram realizadas 03 Ocupações:

a-) CRTL+Verso (julho) - somente esta participação

4-) No momento da intensidade do processo criativo o fazer prático impõe sua emergência. Passado todo este tempo e pensando em um memorial poético, como você descreveria e analisaria as obras que você realizou/participou?

Foi um aprendizado muito rico, a vivência e troca com os integrantes da Cooperativa, algumas amizades duradouras, por afinidade. Em relação as obras que realizei, a versão original até o resultado final foram determinantes pela criação coletiva, das vozes e produção com softwares livres, tanto na edição quanto na Ocupação CTRL+Verso, com apresentação do poema no Orquidário e na apresentação dele em "Poesia na Janela".

No dia da intervenção estava corrido e preparei na véspera dois vídeos poemas que foi acolhido pelo grupo e me possibilitou a participação e imersão nos espaços da Casa. Um momento de muita cooperação e sinergia.

5-) O que significou para você participar das Ocupações com a Cooperativa da Invenção? Esta experiência teve algum impacto no seu percurso artístico e em seus trabalhos posteriores?

Essa participação foi única e muito intensa, um convite para continuar, embora os compromissos profissionais inviabilizaram a minha continuidade com o grupo. Acabei participando apenas de alguns encontros depois da primeira Ocupação. A vivência com a poesia concreta e aprendizado dos softwares livres e equipamentos, incluindo as gravações e as técnicas de sonorização vocal, além da descoberta de tantos talentos artísticos, foram muito enriquecedores. Percebo como minha poesia se expandiu, alguns poemas visuais que fazia ganharam contornos únicos e dinâmicos em minha produção e algumas interações com poetas da Cooperativa em criações.

6-) Do ponto de vista da recepção das obras como você percebe a participação do público diante dos trabalhos realizados?

Em visitas aos diferentes espaços, na ocupação CTL+Verso, percebi muita curiosidade e espanto com tamanha diversidade de manifestações simultâneas, um convite para continuação das performances e uma divulgação mais antecipada e mais visitantes para interação. Na Ocupação Alienânsia, como estava lá na Casa das Rosas na posição de visitante, fiquei admirado com as performances. Como se houvesse um maior aproveitamento e imersão nos espaços da Casa, as obras mais interativas com o público.

7-) Em função da intensa profusão de ideias, poéticas, propostas e projetos realizados nas 3 Ocupações (algo em torno de 45 trabalhos), como você avalia e analisa este tipo de experiência artística? É possível identificar os fatores que contribuíram para tamanha profusão e intensidade?

Vejo dois fatores essenciais: o aprendizado e troca nas aulas e cuidado na produção, entre a equipe da Casa das Rosas e os cooperados; e a diversidade dos participantes, ampliando significativamente as criações, por meio de outras expressões artísticas, além das poesias propriamente ditas: teatrais, musicais, na área de artes plásticas, de comunicação, etc.

8-) Como você percebe e analisa a efemeridade dos processos e obras realizadas pela Cooperativa nas Ocupações da Casa das Rosas?

Gosto dessa efemeridade, nem tudo precisa ser permanente, algumas obras certamente terão vida própria além das intervenções, de diferentes formas: individuais e coletivas. O registro mais sistemático, por outro lado, poderia enriquecer a continuidade das criações e intervenções bem como na avaliação.

9-) Você identifica algum processo de significação política nas ações realizadas pela Cooperativa? E nos trabalhos que você realizou?

Certamente houve uma significação política. A própria Ocupação, ainda que temporária, de um espaço público, respeitadas as regras da Casa das Rosas e indo além das grades, na calçada ou na janela possuem forte significado político, contra hegemônico, libertário. O viés progressista é evidente, ao menos na maioria dos participantes da Cooperativa, o que se reflete nas intervenções. Nos trabalhos que realizei não enfatizei muito o olhar questionador, mas o aprendizado serviu para uma releitura de poesias políticas posteriormente à participação na intervenção.

10-) Você identifica algum tipo de ligação entre o contexto histórico/social e as ações da Cooperativa durante o ano de 2017?

Sim, identifico. Um momento de ruptura política no Brasil, as obras em parte refletem certo questionamento ao contexto histórico e social e outras convidam à introspecção e abertura da percepção ao mundo.

11-) Caso queira, deixe aqui outras informações/depoimentos que considerar importante.

12. **Nome: Maysa Ribeiro**

Área de Atuação: Escrita

1-) Descreva seu trabalho como artista: o que faz, quais suas motivações e proposições poéticas. Relate também sobre suas referências artísticas.

Gosto de escrever. Tenho como pontos de partida: a palavra, a literatura, as artes e como elas estão interligadas com as (pequenas) coisas do mundo. Atuo, principalmente, com técnicas gráficas e impressas (no momento, serigrafia, cianotipia e corte a laser).
Principais referências: Fabio Morais_Kenneth Goldsmith_Krzysztof Kieślowski_Marilá Dardot_Oulipo_Poesia Concreta_Samuel Beckett_Sophie Calle_Yi Sáng.

2-) O que te motivou a se inscrever na Cooperativa de Invenção?

Participei da Cooperativa da Invenção desde a primeira edição do laboratório em 2016. Fui motivada porque:
_Gosto muito da Casa das Rosas e passei 2016 quase todo entre o Clipe e a Cooperativa, além de outras atividades. Um carinho bem grande por todas as pessoas e pelos cursos maravilhosos de lá.
_Estava num processo de aproximação com as artes visuais (minha formação é comunicação), já que a literatura se mostrava resistente aos processos da escrita não criativa, conceitual. No momento, também participava de outro grupo de estudos e produção de arte.

3-) Quais trabalhos/intervenções você realizou individual ou coletivamente nas Ocupações da Cooperativa? Lembrando que no ano de 2017 foram realizadas 03 Ocupações:
c-) Ódios! Ódias! (dezembro)

4-) No momento da intensidade do processo criativo o fazer prático impõe sua emergência. Passado todo este tempo e pensando em um memorial poético, como você descreveria e analisaria as obras que você realizou/participou?

Eu gostei bastante de fazer meu trabalho (Emak Bakia)! Antes da Ocupação, via que as pessoas eram meio incrédulas sobre como ia ficar. Havia um estranhamento no ar... Nem eu tinha uma visualização completa, mas acreditava (e nunca pensei em desistir, mesmo com a trabalheira). O mais incrível foi que a Casa das Rosas topou deixar na entrada principal. Fiquei bem feliz com o resultado e com a reação/percepção das pessoas diante da minha proposta.
Ainda desenvolvi algumas peças de comunicação para divulgar o evento, como cartaz, programação e peças de Facebook.

5-) O que significou para você participar das Ocupações com a Cooperativa da Invenção? Esta experiência teve algum impacto no seu percurso artístico e em seus trabalhos posteriores?

Conheci pessoas-artistas incríveis na Cooperativa! Tanto que depois nos encontramos (algumas pessoas) na Hora H. Também formamos a Coopoética e participamos de edital do Proac.

6-) Do ponto de vista da recepção das obras como você percebe a participação do público diante dos trabalhos realizados?

Na ocupação de dezembro, mesmo sendo fim de ano (as pessoas na correria; chuvas de verão; muitos eventos), foi muito legal a participação do público. A Casa das Rosas ficou cheia de gente circulando pelas obras. É uma programação diferente na Casa. No sábado, geralmente, as pessoas permanecem mais na parte de cima e/ou no jardim tirando fotos.

7-) Em função da intensa profusão de ideias, poéticas, propostas e projetos realizados nas 3 Ocupações (algo em torno de 45 trabalhos), como você avalia e analisa este tipo de experiência artística? É possível identificar os fatores que contribuíram para tamanha profusão e intensidade?

A Cooperativa tem uma proposta que favorece muito a criação (como um ciclo: ideia, produção a apresentação). Cada fase traz desafios próprios e importantes para o crescimento da ideia e da artista/do artista. Acredito que isso abre uma "janela" de possibilidades e agita a criação.

Ainda:

_O aspecto de ser artista, de ser escritora/escritor (em especial no começo e/ou em formação): é difícil entrar no meio...

_Na literatura, faltam espaços que olhem para a nossa produção, que dialoguem e façam a crítica de forma contemporânea.

8-) Como você percebe e analisa a efemeridade dos processos e obras realizadas pela Cooperativa nas Ocupações da Casa das Rosas?

Para mim, o efêmero é uma das características da Cooperativa. E sinto que a falta de um plano de registro deixa os trabalhos sem uma narrativa de imagens para momentos posteriores.

9-) Você identifica algum processo de significação política nas ações realizadas pela Cooperativa? E nos trabalhos que você realizou?

O nome Cooperativa já tem uma pegada política. Tínhamos muita autonomia para falar, debater e propor obras. Todos os trabalhos, em alguma medida, colocavam a visão de arte, cidadania e mundo de cada integrante.

*Aqui, destaco a postura de Fabio Navarro de também usar ferramentas de software livre nas suas obras.

10-) Você identifica algum tipo de ligação entre o contexto histórico/social e as ações da Cooperativa durante o ano de 2017?

Algumas obras dialogavam mais diretamente com o contexto da época – mais pela posição da/do artista que já trazia isso na sua prática e partilhou com o grupo.

11-) Caso queira, deixe aqui outras informações/depoimentos que considerar importante.

13. Nome: Patrícia Sampaio

Área de Atuação: Teatro (atuação) e Literatura (prosa)

1-) Descreva seu trabalho como artista: o que faz, quais suas motivações e proposições poéticas. Relate também sobre suas referências artísticas.

A arte é o exercício da liberdade - pelo menos, para mim. Neste sentido, sempre me deixei afetar pelo espontâneo e me atravessar por experimentações nas áreas em que atuo que são teatro e literatura. Por vezes, sou contaminada por motivações líricas, outras, sociais. Um dos temas mais caros para mim é o feminismo, entretanto, não me detenho apenas a ele, seria uma restrição e a arte me pede ampliação de fronteiras.

2-) O que te motivou a se inscrever na Cooperativa de Invenção?

Um projeto chama o outro. Em 2017, participei do CLIPE de Prosa da Casa das Rosas e, já durante o curso, fiquei sabendo da Cooperativa da Invenção através de um amigo. A proposta me chamou bastante atenção pelo seu caráter experimental, colaborativo, multidisciplinar e tecnológico.

3-) Quais trabalhos/intervenções você realizou individual ou coletivamente nas Ocupações da Cooperativa? Lembrando que no ano de 2017 foram realizadas 03 Ocupações:

b-) Alienânsia (outubro)

c-) Ódios! Ódias! (dezembro)

4-) No momento da intensidade do processo criativo o fazer prático impõe sua emergência. Passado todo este tempo e pensando em um memorial poético, como você descreveria e analisaria as obras que você realizou/participou?

Tengo-lengo, foi uma performance solo escrita e atuada por mim no hall da Casa das Rosas. Neste breve monólogo, a personagem Maria Inês, uma triangulista pernambucana, conta a história de seus ancestrais e de seu avô, um burocrata "caxias" que desejava virar artista. Ela traça paralelos entre o instrumento triângulo, a escravidão contemporânea e a liberdade.

Tudo transcorreu da melhor forma possível. O público interagiu bem, algumas pessoas se emocionaram. Não teria feito diferente. O hall da Casa das Rosas é aberto, com entrada e saída livre, o que confere ao espaço um ambiente semelhante ao de rua, no qual as pessoas podem chegar e sair quando quiserem. O público se manteve ali durante toda a apresentação. Caso fossemos repetir, não mudaria o espaço.

Por trás do crachá - Nesta instalação interativa site-specific, que ocorreu simultaneamente na cozinha (térreo) e no escritório da Casa das Rosas (sótão/último andar), os visitantes eram convidados a escutar, através de fones, relatos de vida de pessoas que trabalhavam na cozinha de estabelecimentos comerciais e também de pessoas que trabalhavam no escritório de empresas. A recomendação era que ambos espaços fossem visitados para que o público pudesse ouvir as diferentes histórias e refletir sobre o lado humano das narrativas que iam muito além dos crachás funcionais. Para este projeto, foram colhidos depoimentos de três pessoas que trabalhavam em cozinha de restaurante, padaria, hotel e duas pessoas que atuavam no escritório e um empreendedor "bem-sucedido". Além de escutar os relatos, os visitantes recebiam crachás e roupas laborais, bem como interagiam com objetos para que pudessem se colocar no lugar desses personagens reais. Foi surpreendente observar alguns visitantes chorando ao escutar os depoimentos das pessoas que trabalhavam na cozinha, ao passo que, os depoimentos do escritório não mexeram tanto com o público.

Fone de Poesia, Fome de Poesia - Instalação Interativa

Um telefone antigo preto foi instalado no hall da Casa das Rosas e quando um visitante atendia, ele escutava um poema ou um texto. A concepção do projeto foi minha e todo o conteúdo criado por vários artistas da Cooperativa. O título da instalação foi inspirado no poema do Haroldo de Campos: Poesia em Tempo de Fome.
Curiosamente, ao soar o telefone, as pessoas ficavam olhando fixamente para o aparelho, mas não ousavam atender. Então, alguns membros da Cooperativa começaram a atender o telefone para ver se os visitantes compreendiam que eles poderiam fazer o mesmo. Também não funcionou. Tivemos que colocar uma placa: "atenda, é pra você". Só a partir deste comando é que as pessoas entenderam que podiam tirar o telefone do gancho. As reações foram ótimas. Havia muita surpresa nos rostos das pessoas. Elas se divertiram e pareciam estar, de fato, gostando de escutar vozes poéticas ao pé do ouvido.

5-) O que significou para você participar das Ocupações com a Cooperativa da Invenção? Esta experiência teve algum impacto no seu percurso artístico e em seus trabalhos posteriores?

A Cooperativa da Invenção reforçou em mim uma vontade ainda maior de trabalhar em processos criativos colaborativos e experimentais, não necessariamente tecnológicos. Diria que direcionou o meu modo de trabalho e a escolha dos projetos com os quais quero me envolver. Um projeto artístico vertical, por exemplo, não me interessa mais. Prefiro projetos horizontais e abertos que envolvem intercâmbio de ideias, co-criaçao e multidisciplinariedade.

6-) Do ponto de vista da recepção das obras como você percebe a participação do público diante dos trabalhos realizados?

Em razão do formato ocupação e da diversidade de obras, acredito que curiosidade é uma palavra que define bem a atitude do público: as pessoas queriam apreender o que estava sendo apresentado. Muitas obras foram interativas, o que gerou uma participação efetiva e ativa dos que visitaram as exposições.

7-) Em função da intensa profusão de ideias, poéticas, propostas e projetos realizados nas 3 Ocupações (algo em torno de 45 trabalhos), como você avalia e analisa este tipo de experiência artística? É possível identificar os fatores que contribuíram para tamanha profusão e intensidade?

Quando o artista encontra um ambiente receptivo, ele cria. Este ambiente existiu na Cooperativa da Invenção. Havia uma liberdade e um estímulo a novas propostas e ideias. Tudo era possível. A troca entre os artistas era intensa e profícua. A possibilidade real de expormos os trabalhos na Casa das Rosas, um local privilegiado de São Paulo, se configurou como um incentivo potente. A máxima de que o artista quer ir aonde o povo está continua vigorando. Os recursos estavam disponíveis, as pessoas abertas, a liberdade de criação existia. Foi um momento excepcional.

8-) Como você percebe e analisa a efemeridade dos processos e obras realizadas pela Cooperativa nas Ocupações da Casa das Rosas?

O teatro é a arte do efêmero, então, enquanto atriz, já estou acostumada com o aqui e agora artístico. Essa fragilidade tem uma beleza própria. Por outro lado, lamento que a Cooperativa da Invenção tenha acabado. Neste sentido, acredito que quando artistas se envolvem por um tempo mais longo as propostas podem ser aprofundadas.

9-) Você identifica algum processo de significação política nas ações realizadas pela Cooperativa? E nos trabalhos que você realizou?

Incialmente, ventilamos algumas possibilidades de projetos políticos, mas lembro apenas do projeto ARTE e MBL . Os trabalhos que realizei tiveram um viés lírico (performance tengo-lengo, fone de poesia, fome de poesia) e social (por trás do crachá e fone de poesia e fome de poesia)

10-) Você identifica algum tipo de ligação entre o contexto histórico/social e as ações da Cooperativa durante o ano de 2017?

Na época, discutimos bastante a situação política-econômica-social do país, entretanto, pouco se produziu de concreto neste sentido, pelo que lembro.

11-) Caso queira, deixe aqui outras informações/depoimentos que considerar importante.

No momento, não me ocorre nada.

14. Nome: Radhu Verdoliva

Área de Atuação: Como profissão, Publicitário. Dentro das artes tenho preferência por Artes Visuais e Sonoras.

1-) Descreva seu trabalho como artista: o que faz, quais suas motivações e proposições poéticas. Relate também sobre suas referências artísticas.

Minhas atuações como artista vieram a princípio de saraus, onde descobri o poder da palavra. Me considero um cidadão com ganas de evoluir artisticamente, mas ainda desenvolvi muito pouco esse meu lado. Dos materiais que já produzi, a grande parte teve como base o ambiente digital, universo em que desenvolvo meu trabalho como publicitário, então é uma linguagem já comum a mim.

De referências artísticas trago da infância e venho me aprofundando no decorrer da vida. Caetano Veloso, Gilberto Gil, Arnaldo Antunes, Lenine e Chico César são alguns dos artistas que meu pai me apresentou e que trago como quando o assunto é arte. Da nova geração admiro muitos artistas do Rap, linguagem que traz uma força de libertação necessária num país como o nosso.

Esses artistas da música popular foram importantíssimos no meu desenvolvimento pessoal dentro do universo da arte.

2-) O que te motivou a se inscrever na Cooperativa de Invenção?

Fui impactado pelo curso no Facebook em um momento da vida em que a escrita tinha imensa importância nas participações em saraus. Vi que o curso poderia ser um novo degrau na evolução pessoal dentro da produção artística.

3-) Quais trabalhos/intervenções você realizou individual ou coletivamente nas Ocupações da Cooperativa? Lembrando que no ano de 2017 foram realizadas 03 Ocupações:

a-) CRTL+Verso (julho)

Stories Eternas na resvista

QR Cores na exposição

4-) No momento da intensidade do processo criativo o fazer prático impõe sua emergência. Passado todo este tempo e pensando em um memorial poético, como você descreveria e analisaria as obras que você realizou/participou?

Foi um dos momentos em que mais produzi artisticamente em toda a minha vida.

Me responsabilizei muito na parte editorial da revista, algo que nunca havia feito, e fiquei super feliz com a capacidade de execução e o resultado final.

Em relação às outras obras, produzi todas elas sozinho e considero que a pressão das entregas nos prazos como um elemento decisivo no resultado final, que foram bons. Poeticamente produzi pouco e, olhando pra trás, hoje vejo que explorei capacidades em mim que nem eu mesmo sabia que existiam.

5-) O que significou para você participar das Ocupações com a Cooperativa da Invenção? Esta experiência teve algum impacto no seu percurso artístico e em seus trabalhos posteriores?

Não dei continuidade a produções artísticas depois dos laboratórios da Cooperativa, mas acredito que hoje vejo como possível o desenvolvimento de materiais artísticos em minha vida. Me abriu um universo de possibilidades e de entendimentos de como fazer arte.
Utilizo até hoje os materiais que produzi na Cooperativa, como material de divulgação do meu trabalho como profissional de publicidade. Vejo que ali consegui materializar o que busco desenvolver como profissional.

6-) Do ponto de vista da recepção das obras, como você percebe a participação do público diante dos trabalhos realizados?

A recepção das pessoas costuma ser de curiosidade e de busca por um entendimento maior a respeito do funcionamento do material, principalmente na obra QR Cores.
Gostaria de ter dado continuidade ao trabalho expondo nas ruas e outros ambientes para ter mais claro o entendimento dessa recepção.

7-) Em função da intensa profusão de ideias, poéticas, propostas e projetos realizados nas 3 Ocupações (algo em torno de 45 trabalhos), como você avalia e analisa este tipo de experiência artística? É possível identificar os fatores que contribuíram para tamanha profusão e intensidade?

Como não participei de todas as Ocupações não consigo ter um entendimento do todo, mas minha visão (limitada) disso tudo leva a um elemento que foi essencial no desenvolvimento das Ocupações: a liberdade de produção dos materiais. O formato em encontros semanais eram livres e abertos para o desenvolvimento das ideias, isso ajudou na produção tão diversa de trabalhos.

8-) Como você percebe e analisa a efemeridade dos processos e obras realizadas pela Cooperativa nas Ocupações da Casa das Rosas?

Revendo aqui o material da revista, vejo que são grandes trabalhos que hoje fazem ainda mais sentido, considerando a linguagem do QR Code como essencial nos tempos de pandemia, né!? Para nós ele serviu de alternativa de conexão do universo digital com o físico em uma época em que a presença física era algo comum no dia-a-dia. Talvez hoje o engajamento fosse ainda maior com os trabalhos produzidos pelo entendimento quase geral do uso dessa ferramenta de QR codes.

9-) Você identifica algum processo de significação política nas ações realizadas pela Cooperativa? E nos trabalhos que você realizou?

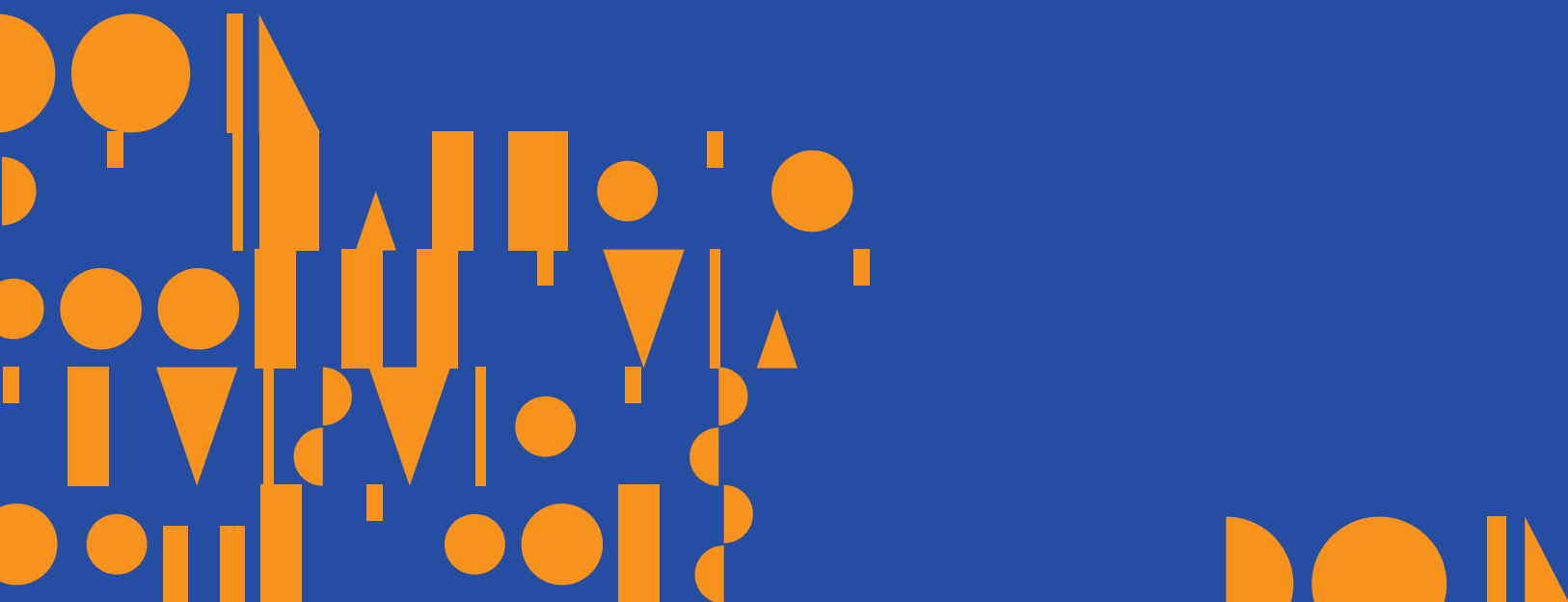
Sim, vejo que a base de grande parte dos trabalhos realizados era uma necessidade de "botar pra fora" uma insatisfação que tínhamos naquele período político e histórico que passávamos.
Meu trabalho QR Cores teve objetivo direto em expor através da linguagem digital, formas de conectar pessoas a pautas essenciais na sociedade (pautas LGBTQIa+, Legalização e Imigração) através da linguagem artística do QR Code com fotos.

10-) Você identifica algum tipo de ligação entre o contexto histórico/social e as ações da Cooperativa durante o ano de 2017?

Sem dúvida teve grande ligação, até mesmo pela localidade da Casa das Rosas ali na Avenida Paulista, lugar onde os maiores atos de pressão social no governo ocorreram meses antes. Estávamos engasgados com o que acabara de acontecer politicamente no Brasil, mas a força contra o governo ainda era muito grande.

11-) Caso queira, deixe aqui outras informações/depoimentos que considerar importante.

OCUPAÇÕES ARTÍSTICAS
COOPERATIVA DA INVENÇÃO 2017



OCUPAÇÕES ARTÍSTICAS
COOPERATIVA DA INVENÇÃO 2017

VOLUME I: POESIA EXPANDIDA — ENTRE IMAGENS, ESPAÇOS E AÇÕES

1. Introdução[14]

2. Memorial de percurso: relação palavra-imagem como possibilidade poética em expansão[18]

    2.1. No espelho tudo é poema[20]

    2.2. Onde a poesia se instala[26]

    2.3. Poesiação[34]

3. Cooperativa da invenção: ocupar como operação poética[38]

    3.1. O campo ampliado: desdobramentos conceituais e históricos[42]

    3.2. Da especificidade do site à inespecificidade da estética[59]

4. Considerações finais[62]

Referências[64]

Anexo[67]

    Entrevistas realizadas por e-mail, no período entre março e agosto de 2020, com artistas participantes da Cooperativa da Invenção, no ano de 2017[68]

VOLUME II: CATÁLOGO — OCUPAÇÕES ARTÍSTICAS COOPERATIVA DA INVENÇÃO/2017

Este catálogo é parte integrante da dissertação de mestrado “Poesia Expandida - Entre imagens, espaços e ações”, apresentada ao Instituto de Arte da Unesp, na linha de pesquisa Arte Construtiva Brasileira e Poéticas da Visualidade, sob a orientação do Prof. Dr. Omar Khouri.

Este registro memorial é constituído por alguns dos trabalhos realizados em três ocupações artísticas da Cooperativa da Invenção, durante o ano de 2017, no museu Casa das Rosas. Todos os artistas integrantes da Cooperativa da Invenção, deste ano, estão mencionados nominalmente segundo a lista de inscrição publicada no site da Casa das Rosas. Contudo, nem todos estão representados com trabalhos neste catálogo, seja pela falta de registros fotográficos, seja pela impossibilidade de localizar todos os participantes durante o tempo desta pesquisa.

A edição de 2017 da Cooperativa foi encontro fortuito e multidisciplinar de artistas, poetas, designers e músicos que gerou uma variedade de propostas poéticas materializadas como performances, instalações, intervenções espaciais, poemas visuais, sonoros, tipográficos, interativos, projetados, impressos e falados.

A produção deste catálogo ocorre alguns anos após minha participação no laboratório de criação e experimentação, mas ainda reverbera o impacto que esta vivência provocou em mim e, senão em todos, na maioria dos integrantes da Cooperativa da Invenção com os quais entrei em contato para a realização da pesquisa de mestrado.

Os trabalhos tiveram como ponto de partida a poesia de caráter verbivocovisual, a utilização de ferramentas de tecnologia digital, sob a coordenação do artista multimídia e designer digital Fábio Fon, a escrita que ocupa outros espaços, além das páginas de livros e a palavra que se manifesta como voz e gestos, revelando a poesia nos corpos dos sujeitos que falam e interagem com a “carne do mundo”[1]

As apresentações estão em ordem alfabética, pelo nome do propositor da ação, instalação ou vídeo coletivo, exceto as obras Buráculo e Anti-Coro que foram concebidas coletivamente desde sua proposição, sendo que Anti-Coro teve a regência da Professora de Canto, Técnica vocal e criação, Lucila Tragtenberg.

[1]Expressão usada por Michel Collot referindo-se ao corpo como instância geradora de comunicação com o mundo, não como forma de expressão narcísica do eu, mas como sujeito que se realiza como um outro. Em: DE FARIA, Z.; CESARO, P. S. S. O sujeito lírico fora de si. Signótica, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 221–241, 2013. DOI: 10.5216/sig.v25i1.25715. Disponível em: https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/25715. Último Acesso em: 20 out. 2021.

COOPERATIVA DA INVENÇÃO

A Cooperativa da Invenção foi um laboratório de experimentação, criação e realização poética promovido pelo Centro de Estudos Haroldo de Campos da Casa das Rosas.

As experimentações poéticas do grupo tiveram um caráter colaborativo e experimental, explorando as possibilidades expressivas da palavra, do som e da imagem, onde o universo da poesia, através de suportes diversos, poderia ser perpassado, ou não, por meios digitais. Poesia na era do pós "Pós-Tudo"[2], não mais ligada a nenhum movimento específico, num momento histórico em que parece que todas as coisas já foram feitas e que não há mais vanguardas a serem salvaguardadas.

Contudo, o tempo/espaço da poesia na contemporaneidade é um campo de relações, informações, gerações e entretempos recortados, sobrepostos e ressignificados. Como propõe Giorgio Agambem[3], o contemporâneo é uma relação entre tempos que busca compreender o escuro do tempo e dar outra expressão para aquilo que foi apresentado em um dado momento histórico, estabelecendo compromisso secreto entre o arcaico e o moderno, onde o presente é a parte do não vivido, no todo vivido. Segundo o autor, ser contemporâneo é perceber este escuro do não vivido e fazer dele um lugar de encontro entre tempos e gerações, fazendo interpolações temporais e novas leituras da história.

Aqui se registra uma pequena história do tempo presente através do testemunho afetivo de quem viu e viveu os processos e que pôde, através de entrevistas feitas com seus pares, confirmar a importância e significação da passagem pela Cooperativa da Invenção. Assim, narrar as experiências de invenção é reescrever, reeditar, reelaborar e reenunciar, fazendo com que o (in)vento continue a ser um sopro, um vento que vem de dentro. De dentro do caldo da cultura da qual fazemos parte, de dentro das histórias que já foram contadas e recontadas, cortadas e recortadas.

A invenção está ligada ao novo, à novidade, à imaginação produtiva e à capacidade criativa. Num outro sentido, a invenção poética está fortemente ligada à história da poesia concreta brasileira e seus desdobramentos. A exemplo das publicações dos cinco números da Revista Invenção, lançadas entre os anos de 1962 e 1967, Décio Pignatari e os irmãos Campos, editores da revista, deixam claro sua dedicação a esta forma de poesia que se estabelece em relação direta com códigos sonoros e visuais, mas que, passado o período mais ortodoxo da poesia concreta, abrem-se às questões ligadas à crítica social, fruto da ebulição político-social dos anos 60, quando se estabeleceu o chamado "salto participante" da poesia concreta.

[2]Em referência ao poema Pós-Tudo de Augusto de Campos. 1984.

[3]O que é o contemporâneo? E outros ensaios. 10. Edição. São Paulo: Argos, 2009.

Omar Khouri, citando o Editorial da Revista Invenção No.2, nos conta que "os poetas concretos do Grupo Noigrandes – Décio Pignatari, Haroldo de Campos, Augusto de Campos, Ronaldo Azeredo e José Lino Grunewald – aqui estão, em pleno 'pulo da onça' sustentando uma poesia formal e conteudisticamente revolucionária".[4]

Como em um noema fotográfico barthesiano, se isto é um "isto foi" na história da poesia concreta brasileira, é dentro do Centro de Referência Haroldo de Campos que, 50 anos depois, alguns artistas, não-artistas, poetas, designers e músicos se encontraram em torno da ideia de invenção, através da Cooperativa, projeto proposto pelo poeta Júlio Mendonça, coordenador do Centro.

As Ocupações Artísticas realizadas pela Cooperativa resultam como atualizações em torno do princípio da poesia de invenção. Mas o que seria a poesia de invenção hoje, se no plano da cultura contemporânea o novo e a utopia não são alvos procurados, como foram para as vanguardas dos anos 50/60?

Toda a obra poética de Haroldo de Campos foi movida por este espírito de invenção. O poeta manteve-se aberto às experiências limites promovidas nos primeiros anos da poesia concreta e, mesmo após os anos inaugurais do movimento, sempre se manteve ligado à poesia como campo inventivo e "como processo global e aberto de concreção sígnica, atualizado de modo sempre diferente nas várias épocas da história literária e nas várias ocasiões materializáveis da linguagem (das linguagens)"[5].

As experimentações poéticas da Cooperativa da Invenção aconteceram dentro da Casa das Rosas, museu literário que abriga o acervo de Haroldo de Campos, estabelecendo um diálogo com o legado histórico do poeta, forte representante da poesia concreta brasileira e dentro do espírito das experiências limites, dialogando com o fragmentário, com as ideias de apropriação, com a mistura de tendências, com o universo da informação, da tecnologia e das novas mídias expandidas no espaço através de obras efêmeras, ações performáticas e de uma multiplicidade de práticas, meios e materiais.

[4]Noigrandes e Invenção – Revistas porta-vozes da Poesia Concreta. Facom nº 16 – 2o. Semestre de 2006, p. 30.

[5]Haroldo de Campos. "Poesia e Modernidade. Da morte do verso à Constelação. O poema pós-utópico". O arco-íris branco. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 269.

AS OCUPAÇÕES

Durante o ano de 2017, a Cooperativa realizou três ocupações artísticas na Casa das Rosas. Foram elas: CTRL+Verso, Alienânsia e Ó dios! Ó dias!.

O Museu Casa das Rosas, localizado na Av. Paulista, importante polo cultural da cidade, é ponto de grande circulação de pessoas que são atraídas pela efervescência cultural provocada por seus diversos museus, cinemas, livrarias, parques e jardins.

Talvez por suas características históricas e geográficas, o museu Casa das Rosas é um espaço que parece ter fronteiras borradas entre o institucional e o social. É espaço aberto ao grande público que frequenta ou atravessa seus jardins, assim como aos "circuladores" que visitam a Casa por sua arquitetura de estilo clássico francês e/ou para conhecer o acervo e atividades culturais do Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura.

As Ocupações realizadas pela Cooperativa foram formas de dar corpo aos processos de experimentação que tinham como proposta o uso de dispositivos tecnológicos de base digital em diferentes fases, seja na concepção, na elaboração ou na materialização dos processos de criação.

No domínio expandido de práticas artísticas colaborativas, os integrantes da Cooperativa se uniram em torno da ideia de exercer um certo tipo de criatividade ligada à ação, seja através de propostas de interAtividade, perfomAtividade e da comunicAção, que possibilita uma relação mais direta com o público e com o contexto social, atuando em um campo de ação definido pelo tempo e pelo "site" de sua realização.

O contato direto com o público nestas Ocupações se deu sem nenhum tipo de mediação, contextualização pedagógica ou monitoramento, apenas o contato do artista que, de corpo presente, seja por sua ação performática ou simplesmente para acompanhar a exposição de suas proposições poéticas, pôde interagir e dialogar com o público.

O laboratório de criação promoveu trocas artísticas vividas no frescor da experimentação. A ocupação do espaço museológico, para além das portas fechadas das salas onde os encontros aconteciam, foi a forma encontrada para ampliar tais vivências, incluindo novos olhares através da interação com o público.

Esta interação estimulou o processo de produção poética, mas, ao mesmo tempo, foi operação integrante de diversas produções apresentadas, seja de forma mais ou menos direta, na medida em que todo processo artístico se completa no olhar de quem vê.

Ocupar um espaço, então, implica nas situações de relacionamento ampliando o sentido da exposição para situações sociais, tanto entre os artistas como deles com o público. As ocupações realizadas pela Cooperativa contavam com um elemento surpresa para o público, já que este circula pela Casa das Rosas sem, necessariamente, se dirigir para esta exposição específica. Estes eventos, apesar de contar com algum tipo de divulgação institucional, ou dos próprios artistas, contavam mais com o público passante ou o público atraído pelo espaço histórico e arquitetônico, assim como pelas exposições permanentes do Museu. Este público se depara, então, com uma diversidade de proposições artísticas que aconteciam simultaneamente pelos diversos espaços da Casa das Rosas.

O sentido de ativação do espaço público que se dá através deste tipo de Ocupação amplia o significado da experiência artística para além do fazer estético/criativo porque inclui ao sentido mais tradicional do que é uma exposição de arte ou um sarau de poesia, uma simultaneidade de ações, espaços e tempos que carregam caráter social em suas práticas e proposições. Ocupações e intervenções artísticas podem ser consideradas práticas sociais, tanto do ponto de vista da produção quanto da recepção das obras. Elas operam diluindo distâncias entre o artista/produtor e o público/receptor, produzem outros significados exatamente por não dependerem da mediação de recursos informativos (monitoria, roteiros impressos etc.) como se vê em muitas exposições de arte, impondo ritmos determinados e uma certa disciplina à experiência do público.

As três Ocupações realizadas pela Cooperativa partiram desta proposição geral, mas cada uma delas apresentou alguma especificidade que, se não temática, foi mobilizada por algum tipo de força de experimentação individual ou coletiva.

A Ocupação Ctrl+Verso foi uma ampliação poética para o lançamento da revista de mesmo nome e que teve como proposta uma interação entre poesia e tecnologia.

Alienânsia traz a inquietação político-social de tempos **temer**ários, de profundos sentimentos de revolta com a implosão das bases democráticas brasileira após o golpe parlamentar de 2016, que destituiu a presidente do país, abrindo caminho para tempos mais sombrios ainda. A data da Ocupação Alienânsia, 31 de outubro, dia das bruxas, foi emblema para sua realização.

Ó dios! Ó dias!, ocupação realizada um mês e meio depois, foi assim denominada para ficar em diálogo com um texto inédito de Décio Pignatari, datado de

1954, publicado em 19/11/2017 na Ilustríssima, quando da inauguração da exposição "Na arte interessa o que não". Reproduzo abaixo o texto de Décio Pignatari:

letras de merda! cagas pra cima (uÓdio) onde outras toneladas-de creto de concreto de bosta soltam o barro para baixo o bairro e se alatrinam na justiça (uÓdio) ou bem cagas no campo e adubas o im pulso de tôdas as raivas contra tôdas as covardias? o ódio (uÓdio) letrasdemerda (uÓdio) o ódio (uÓdio) não a paciência que se ca rcome na subserviência e escancara as duas abas da bunda malemolen te ao subôrno em forma de salário legal! os intestinos dêste povo iletrado estão cheios de ar bombado à fôrça de êmbolos de açúcar e o seu dedo lê tartamudo meia coluna de jornal em meia-hora (uÓdio) ao fim da qual êle decifra a sua escravidão! pois hão de preparar lhe um texto que (uÓdio) ao decifrar-se (uÓdio) exploda (uÓdi o) arrebente no outubro bastilhondo de um peido vulcânico e subte rrâneo que vire pelo avêsso as tenras terras-carnes de brasilville (uÓdio) a vil (uÓdio) desde interlagos até à rue de la boétie e d esde copacabana até à avenue montaigne! as letras & artes se trans formaram na solitária punheta do mêdo. ninguém tem pulso para dize r uma verdade fora da hierarquia (uÓdio) contra todos (uÓdio) de preferência contra os probos magistrados à daumier (uÓdio) qu ando não fôsse só para ver até onde vão as suas lições de democrac ia e as suas citações de voltaire. letrasdemerda (uÓdio) enquant o os bons alunos preparam as suas teses acadêmicas para garantir u m emprêgo de assistentes nas faculdades (uÓdio) enquanto as pédi bundas filhas das puras eminências de alto nome vão galinhando até que a morte as descabace (uÓdio) enquanto os poetas de pele bran ca como barriga de sapo empoeirado compõem nas repartições - horas vagas (uÓdio) vago chefe - poemas sensuais de imagens levantinas e as suas bonitas espôsas os esperam em casa atrás da porta para e strangulá-los com suas calcinhas de nylon (uÓdio) enquanto os ge nerais sentem pruridos quinquenais de restaurar as pás sociais e o país sem alegria cada vêz mais (uÓdio) puritano e bárbaro cada v êz mais (uÓdio) enquanto os que podem fogem para citera e os que não [f]podem planejam [f]poder (uÓdio) enquanto a burrice velhaca enra ba a supersticiosa ignorância popular (uÓdio) enquanto isso (uÓ dio) tu (uÓdio) letrasdemerda (uÓdio) o teu barulho não dá pa ra encher nem um supositório que provoque um riso goyesco pela cul atra! quanto mais uma revolução social (uÓdio) ou uma reforma cu ltural (uÓdio) quanto mais! Mas por via das dúvidas ou por via an al (uÓdio) considera que só o ódio (uÓdio) letrasdemerda (uÓd io) o ódio e nada mais: encherá a barriga do pobre (uÓdio) alegremente.

A Ocupação Ó dios! Ó dias! ainda traz a marca de um certo lamento pelos dias que se repetem entre o inconformismo e o ódio expresso em poemas que, conforme Laís Reis, se não salvam o mundo, podem salvar o minuto.[6] Sessenta e três anos depois, de novo e de novo e de novo.

[6] *Do poema Lucky Strike Duchampignon publicado em: escamandro.com/2020/09/18/lais-reis-1988-2020/*

capa da publicação da ocupação Ctrl+Verso

cartaz de divulgação da ocupação Alienânsia
criação: Laís Reis

óòóòóòó ó dios!
óòóòóòó ó dias!

é gritar para tod@ quando onde como o que é décio pig natari hard a gosto de campos por tanto verbivo covisual perfomátic@ inter ativ@ tudo 16 dez, a partir das 15h, coop da invenção, casa das rosas, paulista 37

#ódiosódias

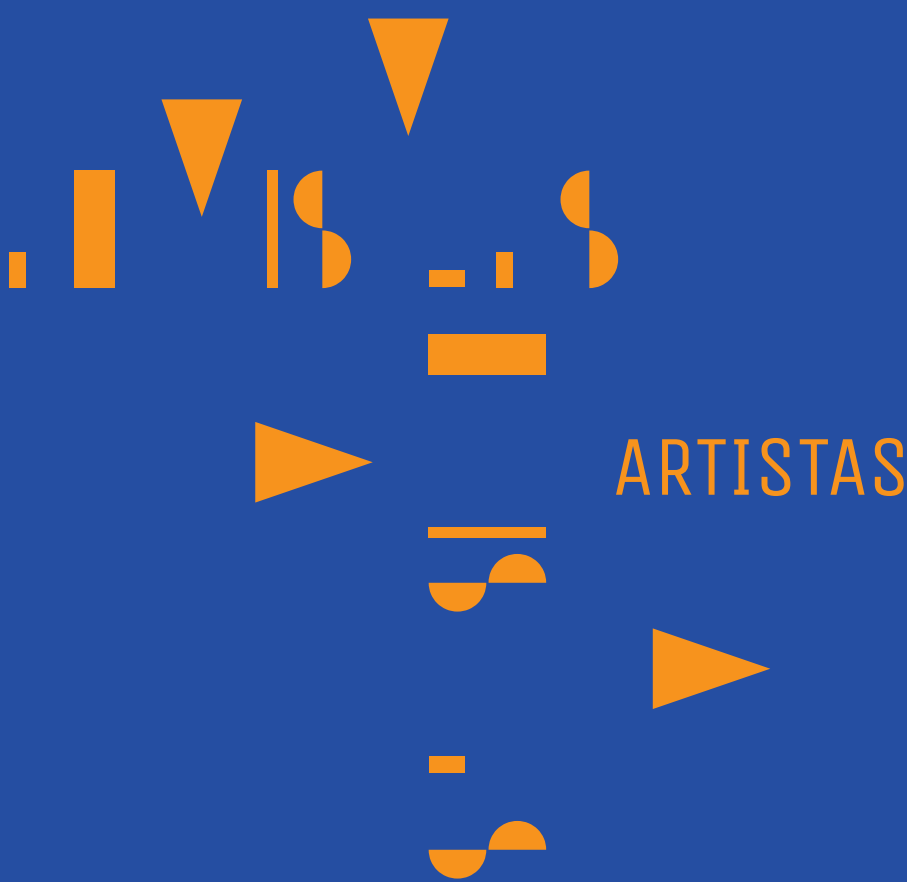
é hoje! das 15h às 21h!

óòóòóòó ó dios!
óòóòóòó ó dias!

é ocupação + performance + vídeo + instalação + imagem + palavra + interatividade + som + décio pig natari hard a gosto de campos + + + + + + + + + + a sua participação

Realização: Casa das Rosas ▪ Centro de Referência Haroldo de Campos ▪ Cooperativa da Invenção Expandida

cartazes de divulgação da ocupação Ó dios! Ó dias!
criação: Maysa Ribeiro


ARTISTAS

ANDRÉ TELES[14] ANNE COURTOIS[16]

CARMEN GARCIA + FABIO NAVARRO[18]

CÉLIA BARROS[20] EDU METUKTIRE[22]

FABIO NAVARRO[24]

FELIPE MARCONDES DA COSTA[26]

GUILHERME GRANATO[28] LAÍS REIS[30]

MARCELO VINCI[32] MARIANNA PERNA[34]

MAURÍCIO MARINHO[36] MAYSA RIBEIRO[38]

PATRÍCIA CUNHA SAMPAIO[40]

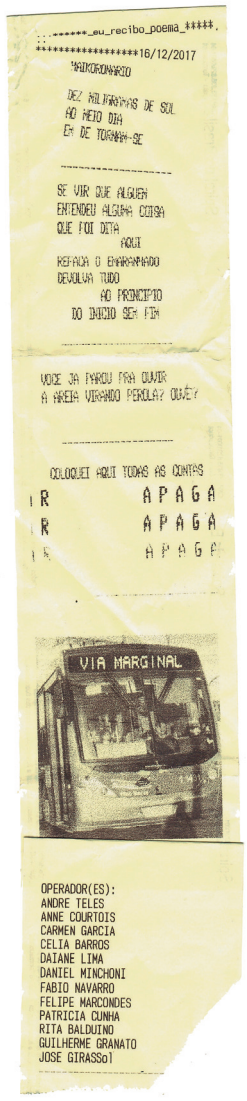
RADHU VERDOLIVA[44] RITA BALDUINO[46]

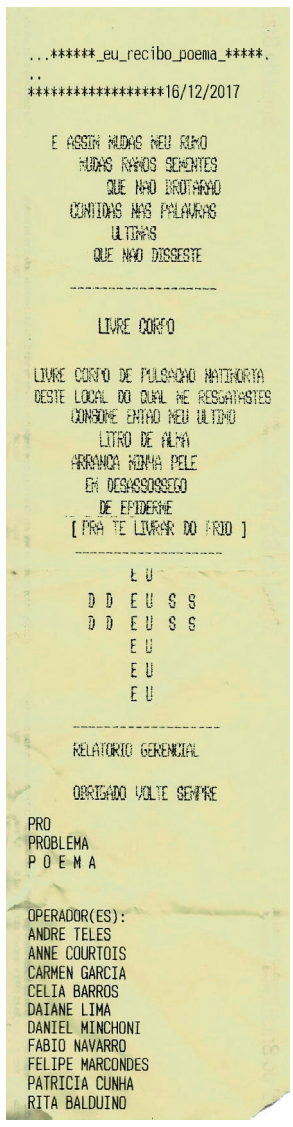
TRABALHOS COLETIVOS ANTICORO[50] BURÁCULO[52]

ANDRÉ TELES

eu recibo poema › ó dios! ó dias!

poemas impressos em papel térmico distribuídos ao público – ação performática





ANNE COURTOIS

é bom para... › ó dios! ó dias!

impressão de lambes - happening gráfico

PODER
É O MELHOR PARA
CRESCER
PODER

TEMER
COMER
PODER
CRESCER

COMER CRESCER
É O MELHOR PARA
CRESCER FODER
COMER FODER
PODER PODER
PODER FODER
É O MELHOR PARA
PODER CRESCER
PODER COMER
PODER FODER
COMER COMER
PODER CRESCER
TEMER COMER
COMER CRESCER
FODER TEMER
COMER FODER
CRESCER FODER
CRESCER PODER
COMER FODER
PODER CRESCER
PODER CRESCER
COMER FODER
PODER CRESCER
CRESCER CRESCER
PODER COMER
PODER FODER
PODER CRESCER
COMER TEMER
FODER PODER
TEMER TEMER
TEMER PODER
PODER PODER
TEMER TEMER

CARMEN GARCIA + FABIO NAVARRO

i love you › ctrl+verso

instalação sonora

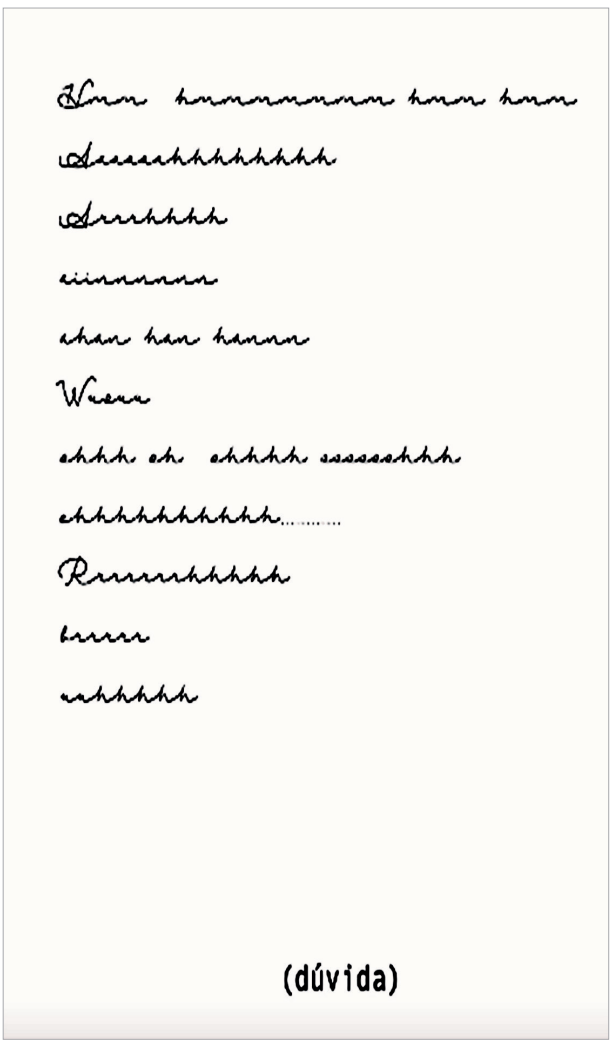
Uma versão sonora deste poema visual de Carmen Garcia foi desenvolvida para ser acionada por uma barra de metal conectada a uma placa eletrônica com o circuito aberto. Quando duas pessoas se tocam provocam o fechamento do circuito eletrônico acionando o som com diversas interpretações da declaração de amor I love you. A sonoridade do significante "I", no idioma inglês, gera uma imagem acústica com outro significado em português e estes significados, como expressões de dor e de prazer ficam evidenciados quando o poema é recriado com a utilização de recursos tecnológicos.

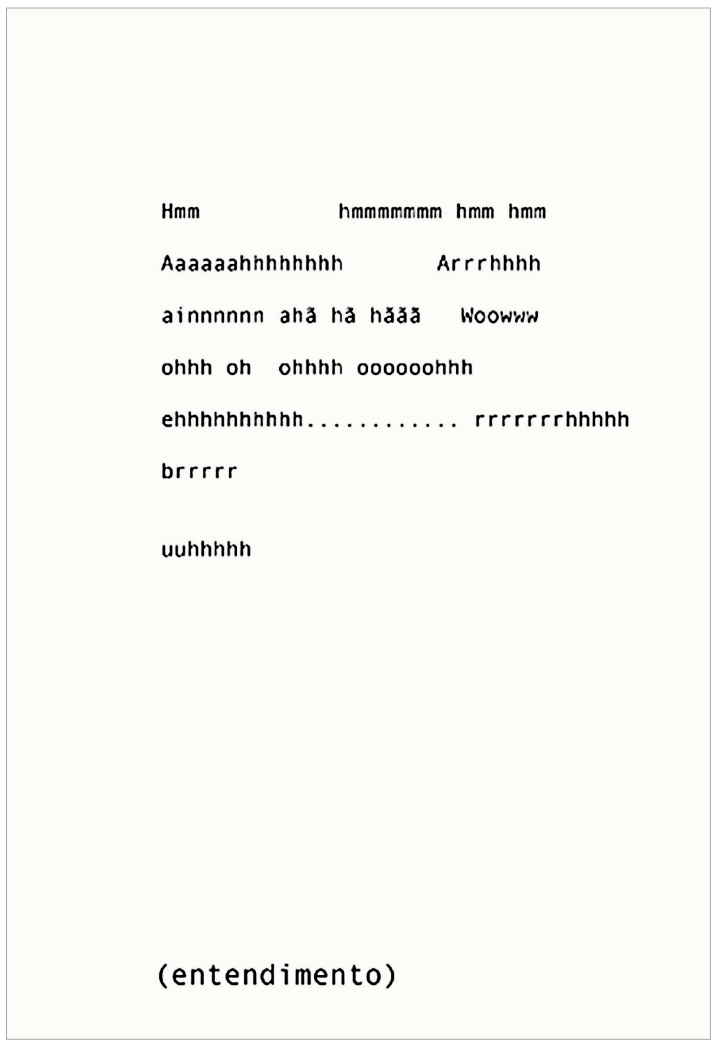
CÉLIA BARROS

hmmm › ctrl+verso

instalação sonora - ocupação sonora em banheiro público

link: youtube.com/watch?v=3AQS-gDdTV8





Hmm hmmmmmmm hmm hmm

Aaaaaahhhhhhh ARRRHHHH

AINNNNNN

ahã hã hããã

WOOWWW

OHHH OH OHHHH OOOOOOHHH

EHHHHH.....

RRRRRRRHHHHH

BRRRRR

UUHHHHH

(gozo)

Hmm Hmmmmmm hmm hmm

Aaaaaahhhhhhhh

Arrrhhhh

ainnnnnn

ahã hã hããã

Wooowww

ohhh oh ohhhh oooooohhh

EHHHHHHHHHH.....

RRRRRRRHHHHH

BRRRRR

UUHHHHH

(satisfação)

Hmm Hmmmmmm hmm hmm

Aaaaaahhhhhhhh

Arrrhhhh

ainnnnnn

ahã hã hããã

Wooowww

ohhh oh ohhhh oooooohhh

EHHHHHHHHHH.....

RRRRRRRHHHHH

BRRRRR

UUHHHHH

(suspiro)

HMM HMMMMMM HMM HMM

AAAAAHHHHHHH

RRRHHHH

AINNNNNN

AHA Hã Hããã

WOOWWW

OHHH OH OHHHH OOOOOOHHH

EHHHHHHHHHH.....

RRRRRRRHHHHH

BRRRRR

UUHHHHH

(arrependimento)

EDU METUKTIRE

toda nudez será perdoada › ó dios! ó dias!

simulacro de confessionário para áudio-poemas eróticos do poeta José Girassol, persona poética propositora desta intervenção

textos dos áudios

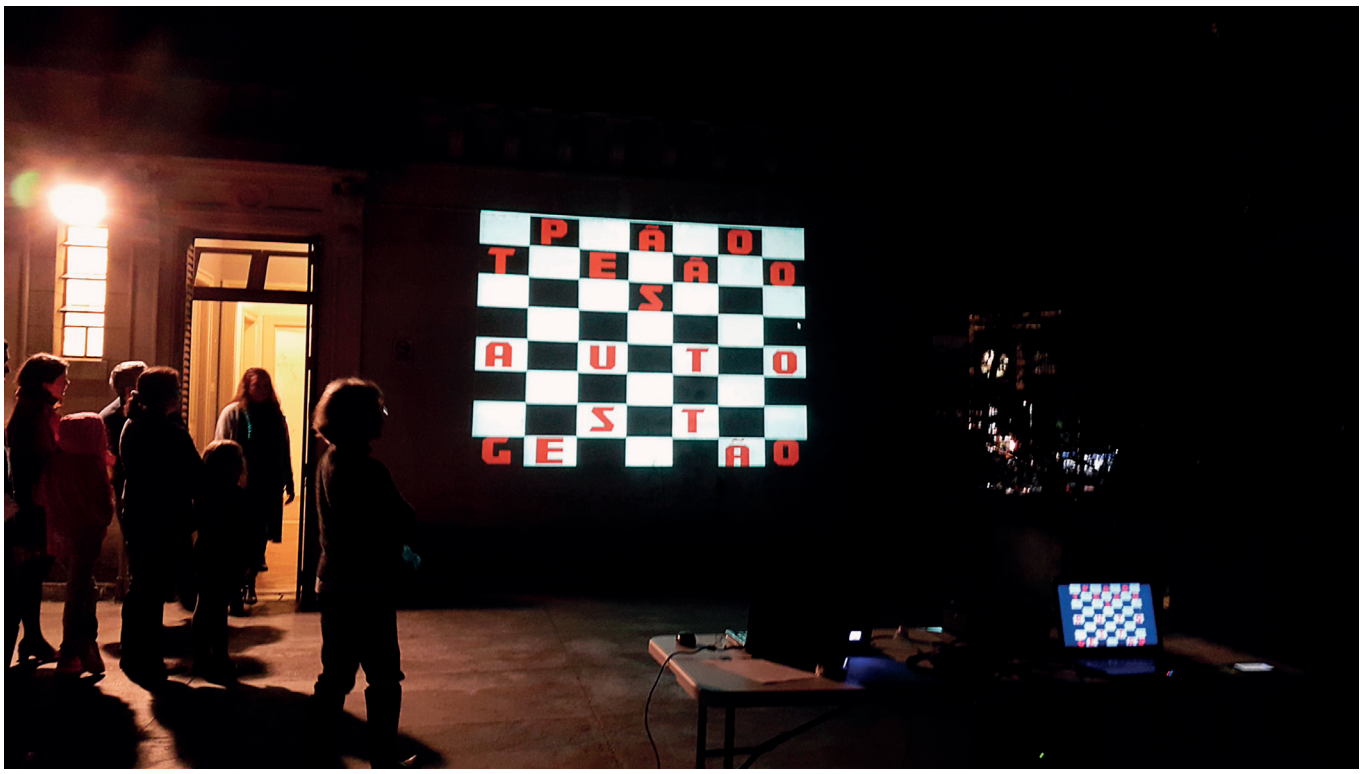
1. Enfie seu dedo do meio numa estrela, depois prove o gosto do céu na boca.
2. Prove o seu próximo com a língua, na próxima vez que alguém te tocar.
3. Roube um cheiro no cangote de quem te atraiu, durante essa noite.
4. Massageie os lábios de alguém (com boca ou mãos).
5. Faça sexo sujo, ofenda e seja ofendido(a), goze em seguida!
6. Faça uma tatuagem roxa com a língua e a boca, no pescoço ou na coxa (em alguém que compartilhe do desejo).
7. Deixe que seus dedos transem com os dedos de outro alguém, devagar deslize e decifre as mãos do próximo.

FABIO NAVARRO

the 80's anarco revival› ctrl+verso

tecno-poesia

link: fabionavarroittezaib.wixsite.com/fabionavarroittezaib/poesiatecnologica



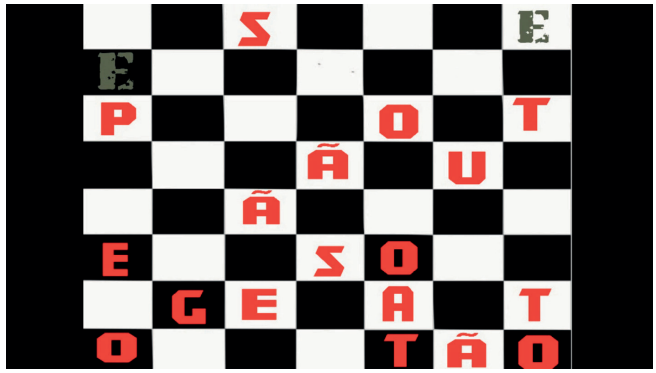
ESTÀDOE
STÀDOES
D
TÀO
P
SÃOOUT
EÃAT
OGESTÃO

ESTÀDOE
STÀDOES
TÀDO
PÃOT
ESÃOAUT
OGESTÃO

ET DE
SÀ OO
SDÀDES
TÀO
PT ÃOT
ESÃSOU
GE AT
O TÃO

ET E
À DO
S OS
PSÃ UT
Ã
ES O
GE AT
O TÃO

T E
EÀ DO
PS OS
Ã UT
Ã
ES O
GE AT
O TÃO


S E
E
PO T
Ã U
Ã
ES O
GE AT
O TÃO

PÃO
TE ÃO
S
AUTO
S T
GE Ã O

FELIPE MARCONDES DA COSTA

pautas do absurdo › ctrl+verso

intervenção-performance

Na fachada, a faixa: “O maior benefício do trabalhador é ter emprego” e outros cartazes contendo comentários de ódio da internet espalhados pela Casa das Rosas.

catarse
destruição dos cartazes ao final
da intervenção

GUILHERME GRANATO

woman moon › ó dios! ó dias!

performance musical e projeção de vídeo-poema

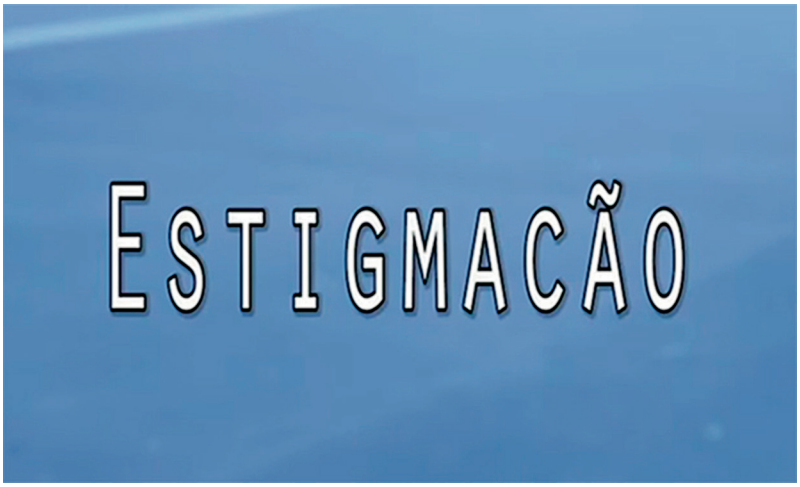
DIME

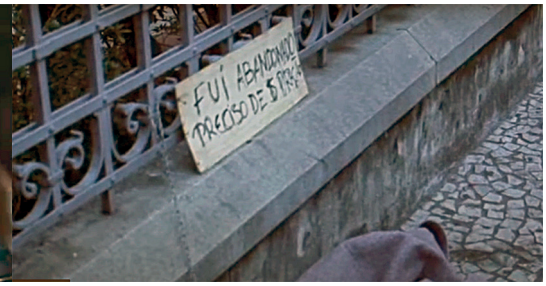
WOMAN

LAÍS REIS

estigmacão › ctrl+v

vídeo-performance canina





UM EXPERIMENTO SOCIAL

AVENIDA PAULISTA
SEXTA 17H

EM 7 MINUTOS, 15 PESSOAS SE MOBILIZARAM PARA AJUDAR UM ANIMAL COLOCADO PROPOSITALMENTE NA RUA

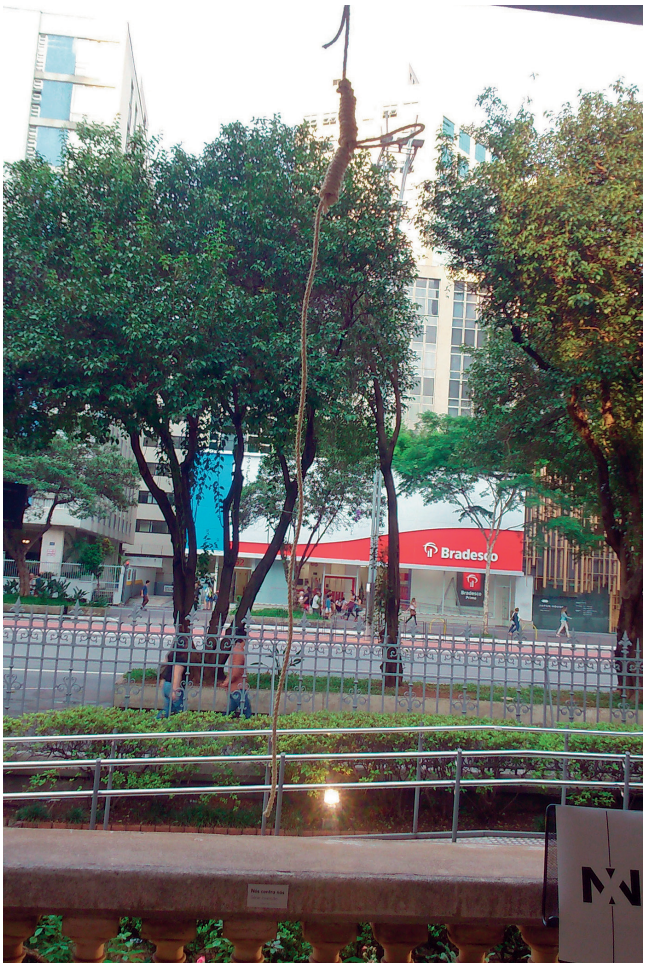
QUANTOS NÃO COMERAM HOJE ?

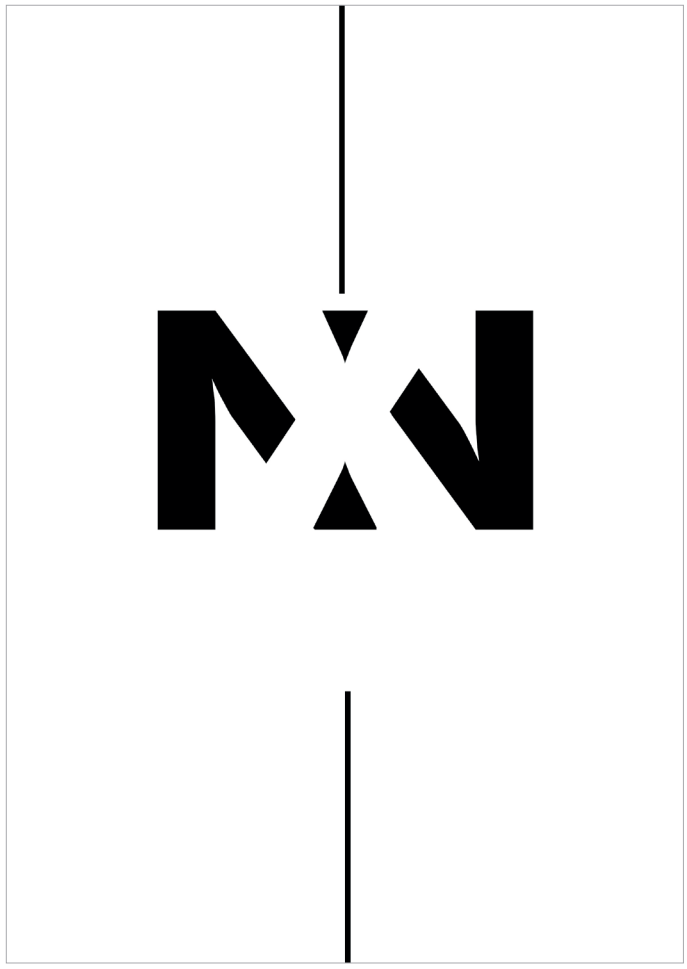
QUANTOS GRAUS FAZ HOJE? QUANTOS TEM COM QUE SE COBRIR?

MARCELO VINCI

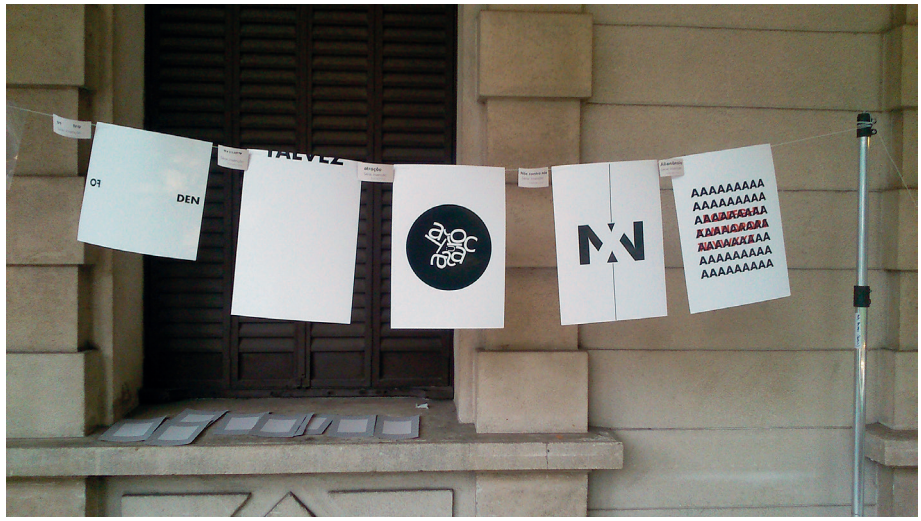
nós contra nós › ó dios! ó dias!

intervenção no espaço público - corda e varal de poemas visuais





Bradesco
Nós contra nós
Série: Invenção
Marcela Vinci


DEN
AAAAAAAAA
AAAAAAAAA
AAAAAAAAA
AAAAAAAAA
AAAAAAAAA
AAAAAAAAA
AAAAAAAAA

MARIANNA PERNA

a ilha de um eu perdido › ctrl+verso

leitura performática e projeção de vídeo

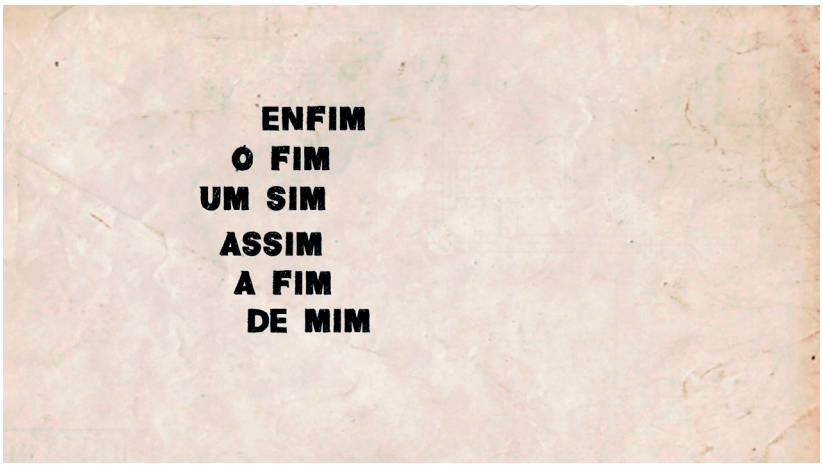
link: youtube.com/watch?v=gGZzs8RSxf4

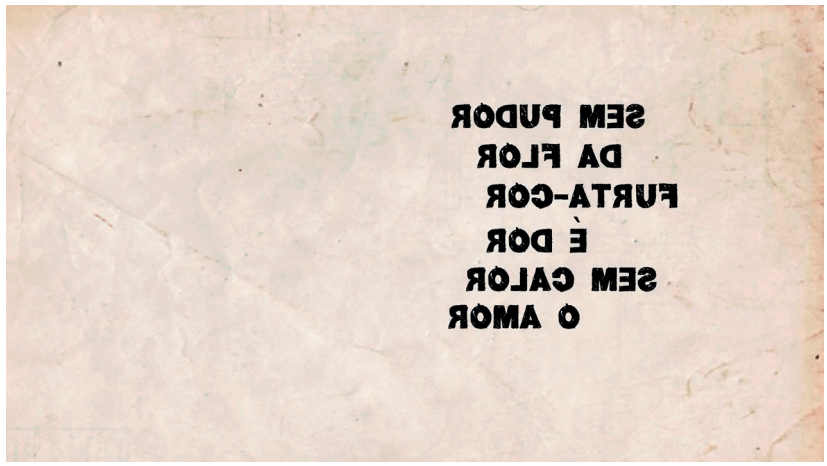
Corri por entre labirintos até que meus pés fossem as próprias pedras. Eram espelhos, eram desilusões. Tudo se esvaiu como o lodo que reluz na manhã seguinte à partida. Barco sem âncoras. Só havia círculos, só havia ruídos Gigantescamente o tempo presente humilhando-me ao falar do sol. Voltas em torno de si, No penhasco de mim mesma. Como eu caminhei. Me perdi. Tentei ser tantas outras, me refazer Esquecer meu próprio esquecimento Uma nova face, novos cumes Orgasmos Ser apenas lua. Mas ele me seguiu, como fazem as sombras. Preso às minhas costas, uivava Na distante cartografia da agonia.
As outras que eu fui (Que pensei ser, quis ser Mas elas não me perdoaram Não me entregaram seu veludo) Tinham sempre o mesmo destino O mesmo abismo. Afogadas, todas, em suas cáusticas feridas. Ensurdecedoras ruínas de um ser esquecido. Save me save me save Volto ao útero. Save me. Sair do penhasco de mim mesma. Sim, tudo se perdeu. Pereceu. Em ti agora faz noite, mesmo que não queiras ver. E em mim ela é maior. Transcende a própria casa - Já não há janelas, corredores molduras, estrelas, ou banheiras. Tudo é ausência mofada. Além da luz ou das tábuas. Só restou um eu que não conheço Em uma ilha que é centro Que não me deixa. E não me venha falar sobre ser mulher Eu já nem existo. (Já falei para eles nos deixarem, já quebrei todos os espelhos.) Natum ante omnia saecula. Era sempre tu, sempre tu Sempre a mesma lança, o mesmo golpe. Como pude ser tão tola? Esta ilha talvez eu a tenha desenhado Do penhasco, do encontro de todas as vidas. O que é isto que chamam de vida, de morte? Em minha ilha é sempre noite, Sempre vazio, sempre mar sereno. Aqui eu sou uma totalidade. Observo os barcos, sei que sou mais. (Será o início de uma lembrança?) Aqui escuto a música da permanência Resistência até não lembrar mais do Tempo. Até que tudo apenas não seja E torne a ser mar. Não sei se chama morte, travessia Mas há de ser um bom mergulho. Pelas mãos que me trouxeram até aqui Pelas águas em vai e vem. Para romper o círculo de ilusões. Estar fora do tempo, fora do tempo Fora, fora, fora do tempo Talvez agora, que está fora do que já fui Eu possa me enxergar... (Som do mar...)

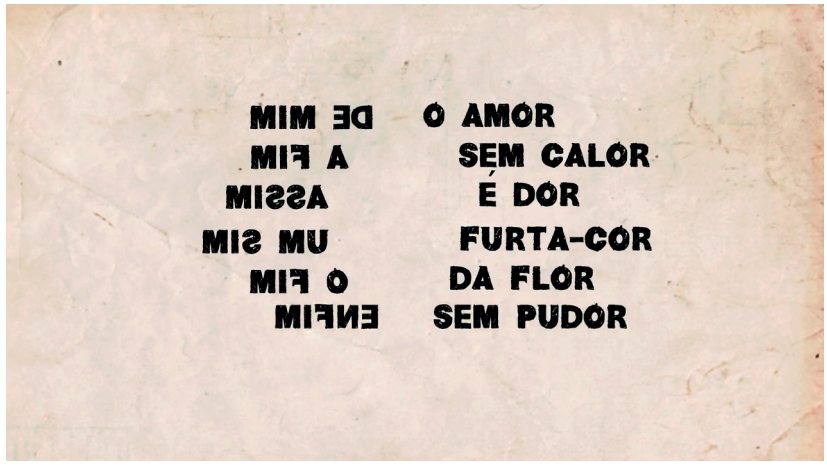
MAURÍCIO MARINHO

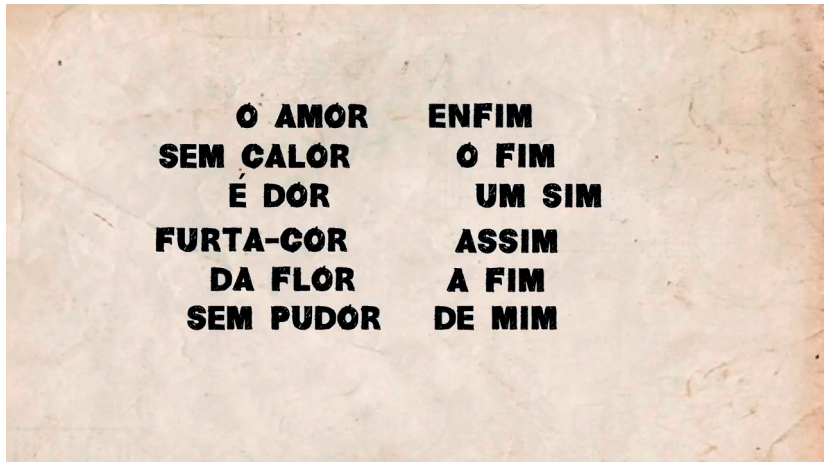
reverso › ctrl+verso

vídeo-poema




O AMOR
SEM CALOR
É DOR
FURTA-COR
DA FLOR
SEM PUDOR


O AMOR
SEM CALOR
É DOR
FURTA-COR
DA FLOR
SEM PUDOR
ENFIM
O FIM
UM SIM
ASSIM
A FIM
DE MIM


O AMOR
SEM CALOR
É DOR
FURTA-COR
DA FLOR
SEM PUDOR
ENFIM
O FIM
UM SIM
ASSIM
A FIM
DE MIM

MAYSA RIBEIRO

emak bakia › ó dios! ó dias!

instalação + interação + performance

Muitas, muitas bolhas transparentes. Bolhas de plástico bolha com ar e cortadas uma a uma. Elas ficaram amontoadas no saguão de entrada da Casa das Rosas. À espera do público. O título Emak Bakia remete a um filme de Man Ray.

PATRÍCIA CUNHA SAMPAIO

fome de poesia › ó dios! ó dias!

instalação de poesia sonora

Poemas e textos gravados para serem ouvidos pelo telefone: programados para tocar e ser atendido pelo público durante a Ocupação.

alguns textos gravados

1. Ao pesar dos dias – texto e voz de André Teles

O mundo dá voltas, ao pesar dos dias, apesar dos deuses. Apenas dúvidas vivem e voltam e voltam. Súbitas. Vívidas de todos os vícios, expectativas, divisas, distrações. Sobre os ombros, o mundo dá voltas e atlas dançante, tonto, respira inerte. De frente para o fuso, descobre praias, expulsa ventos, impulsiona o ar de todos os pulmões, rouba dias incontáveis. Em minha capital os relógios não aguentam todos os dias da rua. Parados, desistidos, desassistidos, paisagem morta. A natureza tímida ainda tem força para criar seus guetos, procriar seu limo. Em meios-fios das faltas de vias, desvios de condutores e mais mil amantes entre arbustos; e os bustos pichados de novos ídolos desconhecidos. Estátuas humanas inertes em contraste com as estátuas andantes descontinuam seus dias. O tempo nas placas, espaço implacável, setas e todos os caminhos ditos, mapas, mentes, mistos-quentes. Na pressa descanso em caos, onde vivem todos os dias. Turbulência cega. Viva.

2. Sem título – texto de Célia Barros convertido em voz por aplicativo digital

Oi, boa noite. Eu sou a voz que você precisa escutar. Ouça seu coração, a sua alma essencial. Pense, pense, pense positivo, sempre positivo. Pense em mim e repita comigo em voz alta: Eu quero, eu posso, eu faço, eu mato. Não pense nele, pense em mim, pense em você. Pense, pense, pense positivo. Repita comigo em voz alta: eu quero, eu posso, eu faço, eu me mato. Não pense em você, pense em mim. Pense, pense, pense positivo.

3. Os dedos dos pés – texto de Célia Barros convertido em voz por aplicativo digital

Escute aqui, escute aqui. Quanto tempo dura o seu tempo? Quanto tempo eu posso te devolver em tempo? Quanto amor eu posso te devolver em tempo? Não, me perdoe, eu fui rude. Eu só queria conseguir um pouco de tempo. Às vezes eu me perco contando os minutos com os dedos dos pés e perco meu tempo. Quanto tempo eu posso te devolver em tempo?

4. O mundo é dos negues! – texto (paródia) e voz de Rita Balduino

Olá, você está na Negue. Eu já verifiquei no meu sistema o número do qual você está ligando. Então... aguarde só um instante enquanto eu acesso o seu cadastro. Pronto! Se você quiser falar sobre um assunto político, como o simulacro de democracia representativa no Brasil, problemas com o trabalho escravo dissimulado ou dúvidas sobre a soberania popular na solução de questões político-sociais, não digite 1. Para adquirir sua casa própria, ter acesso à saúde e educação pública com excelência de qualidade, não digite 2. Se o assunto é segurança, dúvidas em como apoiar políticas públicas que previnam a criminalidade e assegurem seus direitos de cidadão, não digite 3. Agora, se precisa de ajuda com qualquer outro assunto, como: a final do campeonato do seu time, a briga com o vizinho do 52 ou saber qual a melhor ração para o seu Pet, não digite 4. Se quiser cancelar sua inscrição no concurso público para Fiscal da Receita Federal ou cancelar os votos dados aos políticos corruptos dos últimos 50 anos, não digite 7. Reclamações: canal indisponível. E para falar com um de nossos representantes, não digite 9. Sinto muito... mas como você não respondeu eu vou ter que desligar. Não sei se é o caso, mas talvez a sua conexão telefônica esteja com algum problema. Se for isso, tente novamente mais tarde. Obrigada! Beep, Beep, Beep, Beep, Beep, Beep, Beep, Beep...

tengo-lengo › ó dios! ó dias!

perfomance teatral

sinopse

Maria Inês, uma triangulista pernambucana, conta a história de seus ancestrais e de seu avô, um burocrata caxias, que desejava ser artista. Neste breve monólogo, a personagem traça paralelos entre o instrumento triângulo, a escravidão contemporânea e a liberdade.

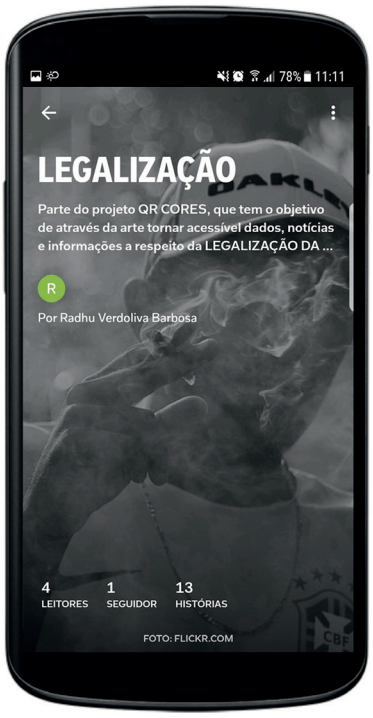
RADHU VERDOLIVA

qr codes › ctrl+verso

qr codes impressos em painel

link: flipboard.com/@radhuvb/lgbt-8pk5594jz

Os QRCodes dão acesso, através de aplicativos de celular, à informações de sites com notícias atualizadas sobre três temas importantes para o debate da sociedade contemporânea: legalização da maconha, causas LGBT e imigração.


78% 11:11
LEGALIZAÇÃO
Parte do projeto QR CORES, que tem o objetivo de através da arte tornar acessível dados, notícias e informações a respeito da LEGALIZAÇÃO DA ...
R
Por Radhu Verdoliva Barbosa
4 LEITORES
1 SEGUIDOR
13 HISTÓRIAS
FOTO: FLICKR.COM

77% 11:12
LGBT
Parte do projeto QR CORES, que tem o objetivo de através da arte tornar acessível dados, notícias e informações a respeito da CAUSA LGBT que s...
R
Por Radhu Verdoliva Barbosa
4 LEITORES
1 SEGUIDOR
10 HISTÓRIAS
FOTO: FLICKR.COM

78% 11:11
IMIGRANTES
Parte do projeto QR CORES, que tem o objetivo de através da arte tornar acessível dados, notícias e informações a respeito da IMIGRAÇÃO que sej...
R
Por Radhu Verdoliva Barbosa
9 LEITORES
35 PÁGINAS FLIPADAS
1 SEGUIDOR
7 HISTÓ-RIAS
FOTO: FLICKR.COM

RITA BALDUINO

poesia na janela › ctrl+verso

vídeo-poema

Projeção reversa sobre a janela – vídeos de integrantes da Cooperativa de Invenção – sem acesso do público à parte interna da sala.

VESTIU O VERBO DA LUA
E
NINGUÉM VIU,
SEXÁ QUE EXISTIU?

D E S
T E M P

SENTIDOS
NO
PARAPEITO
A VERTIGEM
EM UM
PANORÂMICO
ESCORRIAM
NA FRONTE
DRAMA

ode ao cio › ó dios! ó dias!

intervenção espacial com poemas visuais, impressos em banners e a palavra Ócio recortada em material flutuante sobre o espelho d'água no jardim

TRABALHOS COLETIVOS: ANTICORO

regência › Lucila Tragtenberg

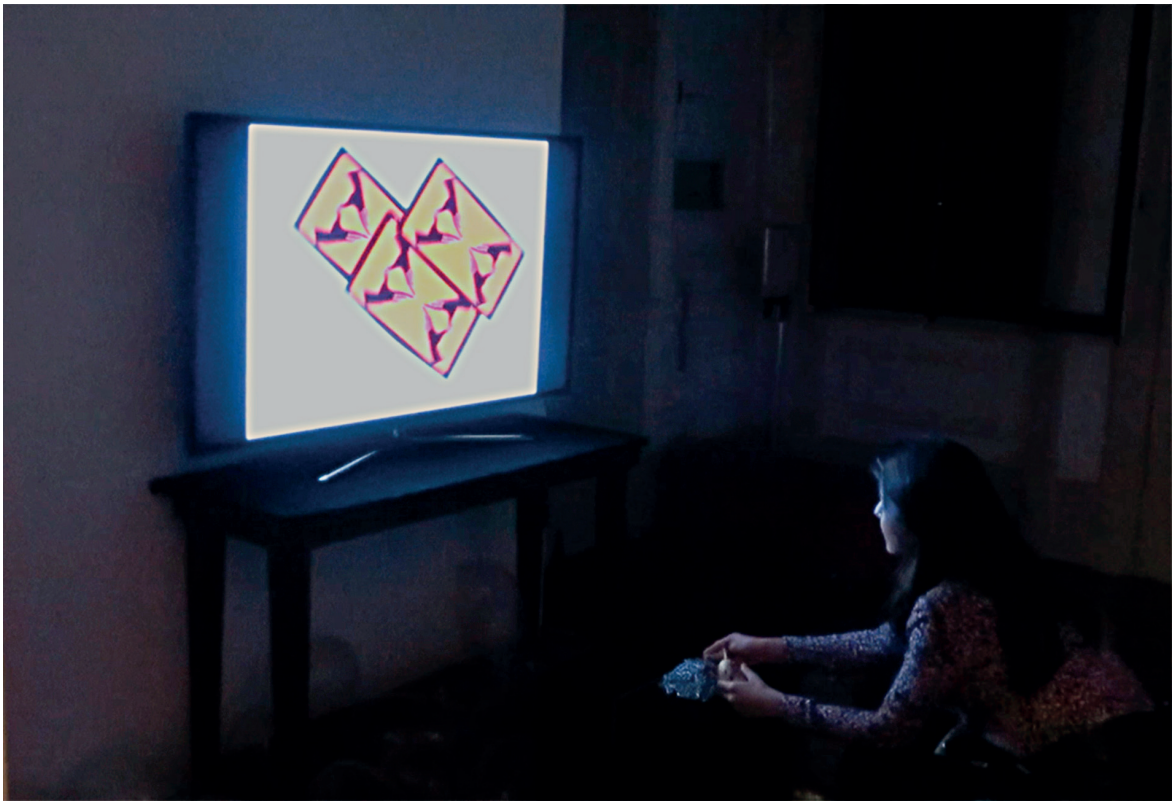
› ó dios! ó dias!

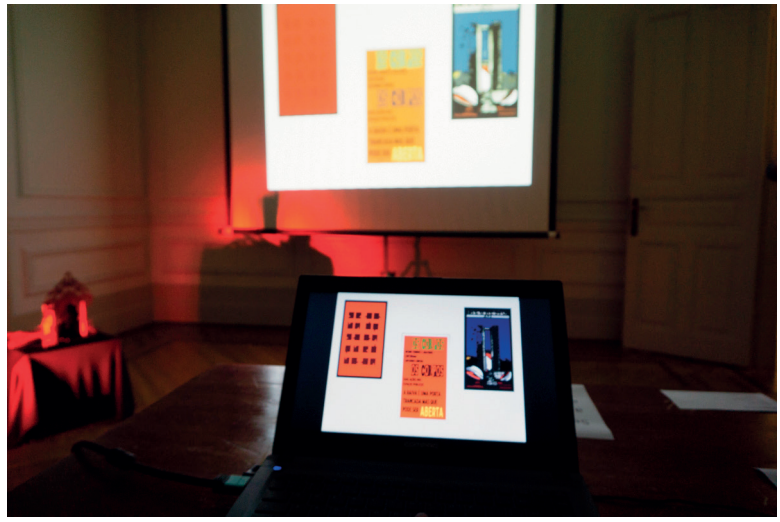
TRABALHOS COLETIVOS: BURÁCULO

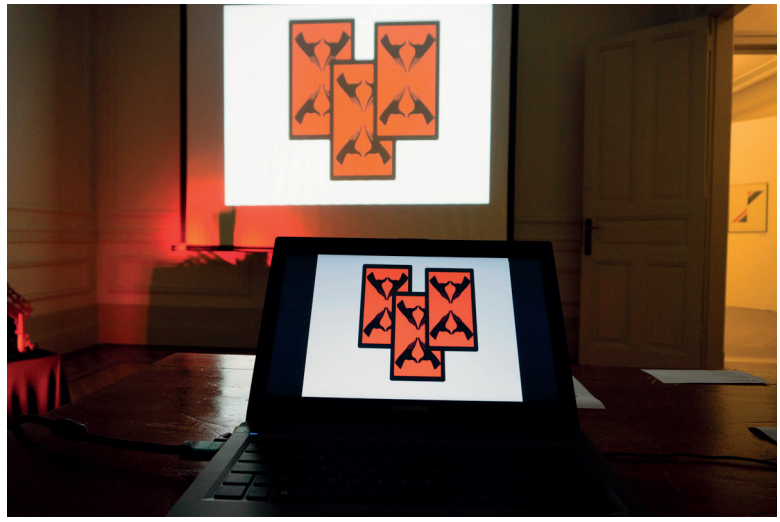
de Anne Courtois, Célia Barros, Fabio Navarro, Guilherme Granato, Joaquim Bührer, Laís Reis e Patrícia Cunha Sampaio

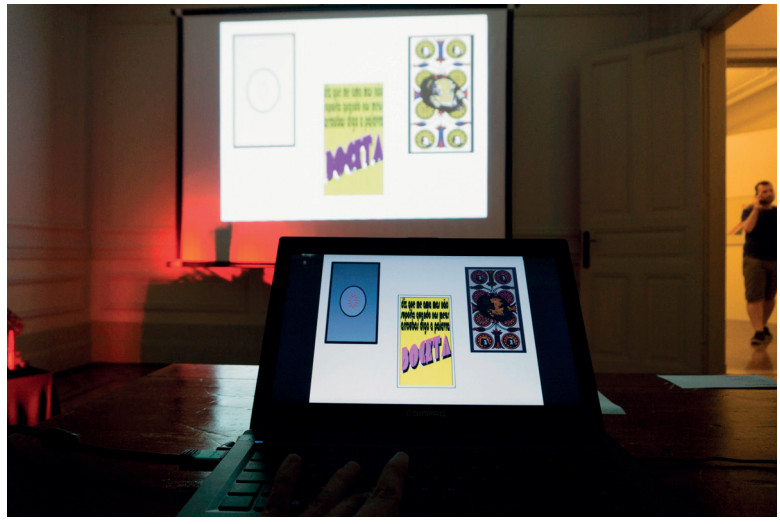
› ó dios! ó dias!

instalação interativa: tarot porno-político









SOBRE OS ARTISTAS E SEUS TERRITÓRIOS EXPANDIDOS

André Teles › poeta, músico e compositor, tendo composto obras de música instrumental, trilha sonora para teatro e audiovisual, música eletroacústica e poesia experimental. É bacharel em Composição pela Unesp, onde realizou pesquisa sobre espectromorfologia da voz no contexto musical.

Anne Courtois › artista plástica, poeta visual, cenógrafa. Iniciou seu trabalho artístico na França nos anos 90 e está radicada no Brasil desde 1995. Suas obras surgem da confluência entre situações da vida privada e acontecimentos sociais. Por meio de objetos domésticos que associa com anagramas, a artista questiona a ordem corriqueira de forma provocativa, encontrando sob a aleatoriedade das convenções, outros meios de compreensão e ação.

Carmen Garcia › artista, poeta e educadora. Mestranda em Artes Visuais, pesquisa as fronteiras entre idiomas, suportes, palavra e imagem. Seus trabalhos variam entre impressão em papel, objetos, instalações, pintura, vídeo e áudio.

Célia Barros › nascida em Lisboa, é artista visual, curadora e educadora. Mestre em Produções artísticas e investigação pela Universitat de Barcelona. Dirige a produtora cultural Homens de Saia – Utopias possíveis que desenvolve projetos de exposições onde articula ações de curadoria e mediação em arte contemporânea. Foi curadora do 14º Salão Nacional de Arte de Itajaí, na Fundação Cultural de Itajaí, em Santa Catarina.

Edu Metuktire › pajé em poesia natural e herdou esse totemnome depois de algumas viagens com seu espíritodrone por entre as dimensões dos povos de seus ancestrais. Seus poemas são flechas linguísticas que libertam pássaros trancados ou monstros abissais.

Fábio Navarro › escritor de supostos poemas nascido num domingo de setembro cinza na cidade de Jaú, interior do Estado de São Paulo. Em dois mil e quinze foi considerado um dos dez melhores poetas da cidade no Segundo Festival de Poesia da Cidade de São Paulo, realizado no Centro Cultural Vergueiro. Seus poemas foram publicados nas revistas Mallarmargens, Literária Br., Inutensílio, Fazia Poesia, Quincas, We Love Bananas e Revista Subversa.

Felipe Marcondes da Costa › nasceu em 1990, em São Paulo, cidade onde ainda vive. Tem formação em Letras na FFLCH-USP e Dramaturgia na SP Escola de Teatro. É mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa, com pesquisa sobre o corpo, sob um viés da performance, na obra Antropofagias, de Herberto Helder. Atualmente cursa o doutorado no mesmo programa. Publicou, em 2017, pela Dulcineia Catadora, seu primeiro livro de poemas, Rezar é juntar palavras com força.

Guilherme Granato › músico graduado pelo Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas e mestre em Filosofia, Artes e Cultura pela Universidade Federal de Ouro Preto. Atualmente divide-se entre a pesquisa, o ensino e a performance e é autor do livro Das vanguardas à tropicália – Modernidade Artística e Música Popular, pela Editora Appris, 2018.

Laís Reis ***(in memorian)*** › a poeta nasceu na cidade de São Bernardo do Campo em 1989, tendo falecido em 2020 em São Paulo. Graduada em Letras, Português e Latim Clássico pela Universidade de São Paulo e Coimbra. Participou da revista CTRL+Verso e recebeu prêmio de melhor vídeo-poema no concurso Desvairada de Poesia em 2017 e 2019, com os vídeos Poema de Verão, Ferramenta da Queda e Eu quero a Explosão.

Marcelo Vinci › diretor e editor de vídeos. Possui graduação em Produção Audiovisual pelo Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas e especialização em Cinema, Vídeo e TV: Estética da imagem em movimento pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

Marianna Perna › poeta, performer, historiadora, mestre em filosofia. Desenvolve pesquisa pessoal de poesia expandida através de abordagem multiartística e de uma percepção do corpo e do espaço, em confluência com a música e sonoridades. É fundadora e curadora do espaço Casa Urânia, na cidade de São Paulo.

Maurício Marinho › geógrafo, espeleólogo, poeta e pai. Nasceu na cidade de São Paulo, onde vive e trabalha. Sua vida divide-se entre a concretude da cidade e as ruralidades e peri-urbanidades itinerantes. A poesia, carrega desde criança expressando-a através de desenhos, contos, poemas textuais e visuais.

Maysa Ribeiro › escrevedora e publicitária.Trabalha a palavra como invenção e experimentação de significantes e significados. Também nas entrelinhas da arte-literatura-design-banalidade. Participa de feiras de publicações e exposições de arte. É integrante dos coletivos Coopoética e Vespa Joia.

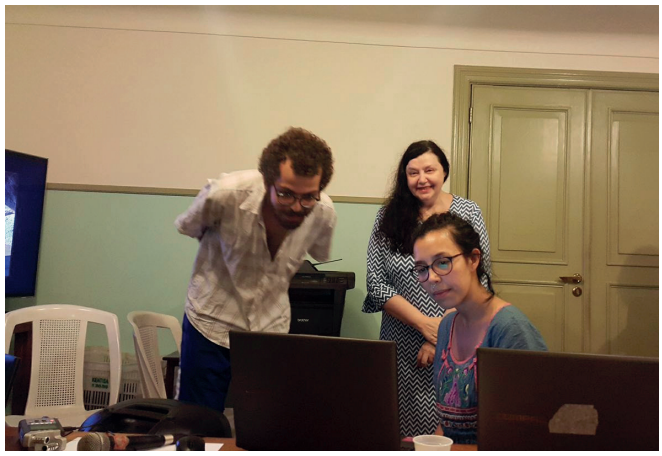
Patrícia Cunha Sampaio › bacharel em Comunicação pela Universidade Federal da Bahia e mestre em Psicologia Social pela PUC de São Paulo. Autora de contos publicados e integrante do Palavraria Coletivo Literário. Atua e escreve para teatro.

Radhu Verdoliva › publicitário, formado pela Universidade Metodista. Vive e trabalha em São Paulo.

Rita Balduino › artista e poeta visual, nascida na cidade de São Paulo, onde vive e trabalha. Já realizou exposições individuais na Capital e interior de São Paulo e participou de várias exposições coletivas no Brasil e exterior. Tem poemas publicados na Revista Gente de Palavra de Porto Alegre, Revista CTRL+Verso do Centro de Estudos Haroldo de Campos e lançou seu primeiro livro de poesias O feito afaga o gesto, pela Editora Patuá com apoio do Proac/2017.

OS LABORATÓRIOS

21:34



créditos das imagens

André Teles › Danilo Pericoli e Rita Balduino (digitalização dos recibos)
Anne Courtois › Danilo Pericoli
Carmen Garcia + Fabio Navarro › arquivo da Cooperativa no Facebook e Rita Balduino
Célia Barros › arquivo da artista e arquivo da Cooperativa no Facebook
Edu Metuktire › arquivo do artista
Fabio Navarro › arquivo da Cooperativa no Facebook e site do artista
Felipe Marcondes da Costa › arquivo da Cooperativa e Rita Balduino
Guilherme Granato › Danilo Pericoli
Laís Reis › arquivo da artista
Marcelo Vinci › arquivo do artista e arquivo da Cooperativa no Facebook
Marianna Perna › arquivo da Cooperativa
Maurício Marinho › arquivo da Cooperativa no Facebook
Maysa Ribeiro › Danilo Pericoli
Patrícia Cunha Sampaio › Danilo Pericoli
Radhu Verdoliva › arquivo do artista
Rita Balduino › arquivo da Cooperativa e Célia Barros (Poesia na Janela); arquivo da artista e Danilo Pericoli (Ode ao Cio)

Trabalhos coletivos
Anticoro › Danilo Pericoli
Buráculo › arquivo da Cooperativa no Facebook e Danilo Pericoli

Os laboratórios › arquivo da Cooperativa no Facebook

OCUPAÇÕES ARTÍSTICAS
COOPERATIVA DA INVENÇÃO 2017

organização e texto › Rita Balduino
revisão de texto › Wagner Clini
projeto gráfico e diagramação › Maysa Ribeiro

agradecimentos
A todos os artistas que participaram da Cooperativa da Invenção e colaboraram com a recuperação dos registros, assim como ao fotógrafo Danilo Pericoli e à Maysa Ribeiro pelo cuidadoso trabalho gráfico.
Agradeço, ainda, a Fabio Fon e Lucila Tragtenberg que acompanharam de perto, estimulando a livre experimentação do grupo. Também a Júlio Mendonça, coordenador Centro de Referência Haroldo de Campos e aos colaboradores da Casa das Rosas.
Aos colegas e orientador, Prof. Dr. Omar Khouri, do grupo de pesquisa Arte Construtiva Brasileira e Poéticas da Visualidade pela interlocução e apoio.

o catálogo foi composto com as fontes › expedition one, meta pro e unica one

são paulo › outono-inverno 2022